

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**PATRÍCIA CABRAL WILLIAMS**

Juventude e Participação Social: os jovens pobres  
no contexto social, comunitário e político do Rio de Janeiro.

*Orientadora:* Cecília de Mello e Souza  
*Co-orientadora:* Simone Peres

Rio de Janeiro  
2007

PATRÍCIA CABRAL WILLIAMS

Juventude e Participação Social: os jovens pobres  
no contexto social, comunitário e político do Rio de Janeiro.

*Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação EICOS (Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social*

ORIENTADORA: Profa Dra. Cecília de Mello e Souza  
Co-orientadora: Profa. Dra. Simone Peres

Rio de Janeiro  
2007

PATRÍCIA CABRAL WILLIAMS

Juventude e Participação Social: os jovens pobres  
no contexto social, comunitário e político do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 18 de junho de 2008.

BANCA EXAMINADORA

---

ORIENTADORA: Profa Dra. Cecília de Mello e Souza  
UFRJ

---

Co-orientadora: *Profa. Dra.* Simone Ouvinha Peres  
UFRJ

---

*Prof. Dr.* Luiz Antônio de Castro-Santos  
UERJ

A minha querida mãe, Ana, por tudo até aqui.  
A todos que se identificam com a temática da juventude,  
com fé, esperança e amor.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, em primeiro lugar, por sua onipotência, onipresença e onisciência e por seu amor incondicional.

A minha orientadora, Cecília de Mello e Souza, com prática docente fundamentada na ética e no respeito, pela atenção, compreensão, reflexões e preciosas contribuições acadêmicas, que me deram estímulo para concluir esse trabalho, meus sinceros agradecimentos.

A professora Simone Peres pela co-orientação, discussões, textos e importantes contribuições acadêmicas.

Ao prof. Luiz Antônio Castro-Santos, pelo prazer de tê-lo fazendo parte de minha banca de qualificação desse trabalho, pela participação espontânea, compreensão e pelas enriquecedoras sugestões. Meu reconhecimento pelo seu caloroso acolhimento.

Ao grupo de pesquisa, especialmente, a Érika, a Juliana, ao Bernardo e ao Ives, que ao longo do ano compartilharam idéias e colaboraram com a pesquisa de campo desta dissertação.

Aos queridos jovens, os participantes desta pesquisa, que cederam seu tempo e se dispuseram a compartilhar suas experiências e pensamentos comigo.

A Rede de Comunidades Saudáveis (RCS), pela autorização concedida para fazer a observação-participante, pelo carinho, acolhimento e apoio.

Ao CEDAPS, pela excelente equipe, pela parceria, informações e apoio, ajudou a realizar essa pesquisa. Meu agradecimento especial a Kátia e ao Fransérgio.

Ao programa EICOS, pelos excelentes professores que me acompanharam nessa trajetória.

Ao funcionário Ricardo, pela paciência e ajuda nos assuntos burocráticos da secretaria acadêmica.

Às colegas e aos colegas do curso de mestrado, pela convivência alegre, afetuosa e solidária, ajudaram a suportar os sacrifícios exigidos nesse percurso de estudo e de elaboração de dissertação.

Aos colegas e companheiros da graduação, pelo compartilhar das ansiedades, emoções e idéias.

A meus queridos irmãos, Elizabeth, Leonard Jr. e Leroy, pelo apoio financeiro, pela paciência e compreensão, pelo respeito e apoio à minha luta cotidiana para alcançar meus objetivos.

Ao meu pai, Leonard Williams, que mesmo distante nessa fase acadêmica, me criou e me envolveu com seus ternos braços de amor e proteção até o início da faculdade.

A amiga-mãe, Edna, pelo apoio e carinho. Agradeço-te em nome da Fundação Casa do Estudante do Brasil.

Aos meus queridos amigos, especialmente a Verônica, pelo empréstimo do seu computador quando eu mais precisei. E também, as amigas Gyne, Jaqueline, Gabriela e Geisa que dividiram momentos especiais comigo nessa trajetória.

A todos(as) que direta e indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

*É preciso entender que a participação que dá certo, traz problemas. Pois este é o seu sentido. Não se ocupa espaço de poder, sem tirá-lo de alguém. Participação é conquista, é um processo, no sentido legítimo do termo: infindável, em constante vir-a-ser, sempre se fazendo. Não existe participação suficiente, nem acabada. Participação que se imagina completa, nisto mesmo começa a regredir. Participação não pode ser entendida como dádiva, como concessão, como algo preexistente, é uma conquista! (Demo, 1996, p. 2, 18).*

## RESUMO

Os jovens que habitam as comunidades pobres ainda são as principais vítimas de um processo de exclusão e de eliminação de grupos sócio-econômicos e culturais considerados "marginais", "supérfluos" e "perigosos", sendo muitas vezes, estigmatizados pela sociedade. No imaginário social, persiste a idéia de que o jovem pobre é candidato à delinqüência e sem valor numa sociedade competitiva economicamente. A concepção dominante que os jovens pobres representam um 'problema' para si e para a sociedade é um problema e deve ser combatido. Nesse sentido, representações hegemônicas sociais têm sido questionadas por organizações da sociedade civil junto ao governo em busca de melhorar a imagem que se faz do jovem pobre.

Movimentos sociais e ONGs se propõem em pensar em soluções para os problemas vividos pelos jovens que vivem em comunidades de baixa renda. Atualmente, a sociedade civil organizada em parceria com governo tem contribuído para o *empowerment* dos indivíduos nas comunidades, incentivando sua participação social. Nesse sentido, os jovens pobres tem estado presente na cena pública através dos canais de participação (fóruns, conselhos). Os jovens de camadas populares têm mostrado que podem ser capazes de atuar visando transformações sociais positivas indo em busca de melhores condições de vida para si e para as comunidades onde residem.

Essa dissertação analisou de que forma a participação dos jovens lideranças de camadas populares em projetos sociais repercutiu em suas vidas e de que forma sua inserção em espaços sociais e políticos (Fórum de Juventudes e Rede de Comunidades Saudáveis) contribuiu para a mudança de trajetória de vida dos jovens pesquisados.

A partir do método etnográfico investigou-se a participação de jovens lideranças de camadas populares, na faixa etária de 18 a 24 anos de idade, nos seus espaços de atuação social, como no movimento da Rede de Comunidades Saudáveis (RCS). A interação face a face, dentro da perspectiva interacionista, apontou que a participação dos jovens nos projetos sociais e sua presença nos espaços de articulação política, contribui para a construção de sua própria identidade. Os jovens estudados são considerados lideranças jovens pelo movimento da RCS. Os jovens trabalham pelo bem coletivo e vislumbram outras possibilidades para si e para o outro. Através da inserção social e política, têm novas perspectivas profissionais no campo social, ampliam seus conhecimentos e nível de informação. A participação dos jovens em projetos sociais pode favorecer a mobilidade social, além de contribuir para a afirmação de sua identidade, como sujeitos sociais e políticos.

**Palavras-chave:** Juventude, participação social, movimentos sociais, ONGs.

## **ABSTRACT**

Poor youth are the main victims of an exclusionary and stigmatizing process geared toward those who are considered “delinquents”, “superfluous” and “dangerous”. The perception that poor young men are potential delinquents is a problem and should be undermined. Thus, many governmental and non-governmental organizations have attempted to change the image of poor young men. Social movements and NGOs in Rio de Janeiro, Brazil have worked with youth in these communities, aiming at improving their living conditions, empowering them and encouraging their social participation. Youth have been participating in public forums and events and revealing that they can work toward positive social change in their communities. This dissertation analyzed how the participation of young leadership from poor communities in social projects can impact their lives.

Using the ethnographic method, research focused on how young men between 18 and 24 years old participate in networks, forums and social projects. Face to face interactions were important for the construction of their identities. Young leaders are devoted to collective work and aspire toward change for themselves and others. Their work is central for capacity building and opening professional opportunities. Youth participation in social projects can promote social mobility and contribute to their identities as social and political subjects.

Keywords: Youth, social participation, social movements, ONGs.



## **LISTA DE SIGLAS**

ONGs - Organizações não-governamentais  
CEDAPS – Centro de Promoção da Saúde  
GF – Grupo Focal  
MSF – Médicos sem Fronteira  
MPAS – Ministério da Previdência e Assistência Social  
PSF – Programa Saúde da Família  
RCS – Rede de Comunidades Saudáveis  
UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância  
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

	Página
<b>CAPÍTULO I. INTRODUÇÃO: A PARTICIPAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS POBRES NO CONTEXTO DE DESIGUALDADES SOCIAIS.....</b>	<b>12</b>
1.1. Movimentos sociais e ONGs: perspectivas e estratégias.....	16
1.1.1. A RCS e a ONG CEDAPS	
1.2. Antecedentes e implicações da pesquisa.....	22
1.3. Juventude como categoria social.....	24
<b>CAPÍTULO II. OS JOVENS POBRES E OS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL. NOVAS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO JUVENIL.....</b>	<b>27</b>
2.1. Juventude: categoria em debate.....	28
2.2. Políticas de juventude no Brasil.....	31
2.3. Jovens: sujeitos ou objetos sociais?.....	33
2.4. O papel das ONGs no cenário social.....	36
2.5. Espaços de participação social dos jovens pobres.....	38
2.6. O Interacionismo Simbólico.....	41
2.7. As demandas dos jovens de comunidades de baixa renda.....	47
<b>CAPÍTULO III: A PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE JOVENS DE COMUNIDADES POBRES.....</b>	<b>50</b>
3.1. O método de investigação: Pesquisa etnográfica.....	51
3.2. Os jovens pesquisados nos espaços de participação social: Fórum de Juventudes e Fala Comunidade.....	56
3.3. Traçando o perfil dos três jovens pesquisados.....	62
3.4. Trajetória inicial dos jovens estudados.....	63
3.5. Participação social dos jovens pesquisados.....	71
3.6. A Rede de Comunidades Saudáveis (RCS) na vida dos pesquisados.....	85
3.7. Barreiras para o desenvolvimento do trabalho comunitário.....	89
3.8. Impacto do trabalho comunitário no jovem.....	93
<b>CAPÍTULO IV. CONCLUSÃO .....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>116</b>
<b>ANEXO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS</b>	
<b>ANEXO 2 – CONSENTIMENTO INFORMADO</b>	
<b>ANEXO 3 – FICHA SÓCIO-DEMOGRÁFICA</b>	
<b>ANEXO 4 – PROGRAMA FALA COMUNIDADE JOVEM</b>	

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO: A PARTICIPAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS POBRES NO CONTEXTO DE DESIGUALDADES SOCIAIS

*As trilhas pelas quais se chega à mudança social são imprevisíveis e insuspeitadas (HIRSCHMAN, 1984, p.8)<sup>1</sup>*

Os jovens que habitam as comunidades pobres ainda são as principais vítimas de um processo de exclusão e de eliminação de grupos sócio-econômicos e culturais considerados "marginais", "supérfluos" e "perigosos" (CRUZ-NETO & MINAYO, 1994). A concepção dominante que os jovens pobres representam um 'problema' para si e para a sociedade é um problema e deve ser combatido.

A falta de voz da população jovem frente às instituições do Estado e da sociedade, significa uma grande vulnerabilidade social, com o desemprego, a fome, a violência, a dificuldade de acesso a informação, que diminuem a capacidade dos jovens de atuar em favor de sua vida e de ações coletivas. No entanto, organizações da sociedade civil se propõem a pensar em soluções dos problemas vividos pelos jovens que vivem em comunidades de baixa renda (BECKER ET AL, 2004). Os movimentos sociais têm tido papel importante na construção de caminhos para uma mudança social. De forma geral, o termo movimentos sociais diz respeito aos processos não institucionalizados e aos grupos que os desencadeiam, às lutas políticas. Refere-se às ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural. Através dos movimentos sociais a população se organiza e expressa suas demandas (GOHN, 2006).

Nesse contexto, percebe-se uma escassez de estudos sobre jovens inseridos em movimentos sociais organizados em rede (ABRAMO, 1997), como o representado pela Rede de Comunidades Saudáveis (RCS). A partir de uma metodologia etnográfica, me propus a

---

<sup>1</sup> Citado em Castro-Santos, 2003

estudar os jovens lideranças da RCS procurando entender o que os motivava a participarem da RCS, bem como de outros espaços sociais, e quais os desdobramentos dessa participação em suas vidas. Assim, esta dissertação tem como objetivo entender como se dá a participação dos jovens nos projetos e nos espaços de que participam e como isto repercute em suas vidas.

A etnografia possibilitou a ampliação dos conhecimentos acerca do contexto da participação dos jovens pesquisados, perceber como estes estabeleceram suas relações, quais foram suas limitações e estratégias. No período entre junho de 2006 e dezembro de 2007, houve a observação participante de 10 reuniões da RCS, um grupo focal com 4 jovens e 4 entrevistas abertas e semi-estruturadas que foram gravadas, transcritas e analisadas. Os jovens habitam 2 comunidades empobrecidas, localizadas na Zona Oeste do Rio de Janeiro. São tidos pelas lideranças e articuladores da RCS como jovens líderes pela habilidade que têm de articular pessoas em prol de um bem, objetivo ou ação social comum. Possuem iniciativa e são auto-motivados para o trabalho social em suas comunidades. Destacam-se por desempenharem papel diferenciado de atuação social e política em relação aos jovens habitantes de comunidades empobrecidas. Inserem-se no Fórum de Juventudes, participam de ações comunitárias, congressos e conselhos. O Fórum de Juventudes se estabelece como proposta de ser mais um espaço de discussões e encontros, a fim de facilitar a comunicação entre as instituições e movimentos sociais envolvidos, também, estabelecer um diálogo permanente com o poder público municipal, estadual e federal (SPOSITO, 2000).

Essa dissertação de mestrado se justificou por várias razões. Por procurar compreender as motivações e desdobramentos da participação social e política para a vida dos jovens e para a comunidade. Pela abordagem dos jovens pobres como sujeitos sociais, reforçando a necessidade de mudanças de concepções históricas que consideram os jovens habitantes de comunidades pobres "marginais" (CRUZ-NETO & MINAYO, 1994). Pela compreensão que

esta pesquisa trouxe ao potencial da participação<sup>1</sup> juvenil para a melhoria das condições de vida nas comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro, com menores condições de acesso à educação, informação, saúde e lazer (IBGE, 1999).

A análise dos dados contou com a fundamentação teórica do Interacionismo Simbólico. Esta abordagem permite a compreensão do outro, considerando o sentido das coisas que se origina da interação social e o que o outro atribui às suas experiências. Essa abordagem se presta ao estudo do ser humano e de suas relações em seu ambiente cotidiano, possibilitando a análise das experiências vividas pelos indivíduos (BLUMER, 1969). A utilização deste referencial nessa pesquisa pôde abrir espaço para a análise das relações estabelecidas pelos entrevistados.

De acordo com o interacionismo simbólico, o indivíduo age segundo suas crenças e as relações sociais que estabelece. As interações sociais são à base da construção da identidade do indivíduo e o fundamento de seus critérios de decisão (LAVALLE ET AL, 2006). Os sistemas de valores do indivíduo regulam suas decisões sociais. A interiorização de normas e as decisões tomadas pelos atores sociais seriam reguladas pela pré-existência de valores incorporados pelo indivíduo em sua socialização primária. Os valores pré-existentes no sistema social oferecem aos indivíduos não só os seus objetivos, mas também os meios sociais legítimos para atingi-los (regras, normas e papéis sociais). As crenças e valores dos indivíduos seriam os limites à sua capacidade de ação e à sua escolha (BERGER E LUCKMANN, 1989). O significado destas ações surge exatamente em função de se "comportar de um modo e não de outro" (SCHUTZ, 1943).

O conceito de identidade designa a parte do sujeito que reage permanentemente à estrutura do sistema social. A identidade exprime esta busca da força e de recursos que

<sup>1</sup> A participação é um processo dinâmico que pode mudar através do tempo, combinando tipos diferentes de participação, com objetivos diferentes, e gerando efeitos, muitas vezes, inesperados. A participação que, em um primeiro momento, seria uma encenação apenas para legitimar os programas vindos de cima para baixo, poderia, em um segundo momento, transformar-se em representativa, quando os atores comessem a questionar seu papel no espaço participativo. Para saber mais sobre processos participativos ver Andrade, 2007.

permitam a expressão do desejo individual em sociedade. O sujeito busca permanentemente a possibilidade de obter o reconhecimento dos outros, pois é alguém detentor de um desejo individual e autônomo (SAINSAULIEU, 1977).

Esta pesquisa revelou que, através da participação nos projetos sociais e nos espaços de articulação política, os jovens podem construir sua própria identidade, enquanto lideranças, e ter as condições materiais mínimas para a participação social, condição fundamental para a melhoria da qualidade de vida dos jovens.

Os resultados revelaram que as jovens lideranças trabalham pelo bem coletivo e vislumbram outras possibilidades para si e para o outro. Diferenciam-se em relação aos outros jovens de comunidades populares que participam de projetos sociais, como eles, por se identificarem com o trabalho social comunitário posteriormente. Os jovens de comunidades pobres, na interação com outras lideranças comunitárias, desejam e se tornam lideranças comunitárias, passando a desenvolver os mesmos trabalhos sociais que eles. Os jovens lideranças assumem uma identidade dinâmica associada ao desempenho de diferentes papéis articulados a experiências específicas de vivências em mundos sociais particulares (STRAUSS, 1999). Trajetórias individuais relacionam-se com estruturas sociais, uma vez que a transformação de identidades passa pelo desempenho de papéis (STRAUSS, 1999). Os jovens pesquisados incorporam papéis sociais ao se inserirem em projetos sociais, sendo vistos posteriormente como líderes comunitários, articuladores, facilitadores. As lideranças respondem aos papéis sociais, definidos na ação social. As identidades são construídas no social e sofrem transformações através de desempenho de papéis (STRAUSS, 1999). Não há como isolar identidades individuais e coletivas, pois se constituem reciprocamente.

A identidade de liderança é construída aos poucos, conforme os jovens vão participando de outros projetos sociais, não está pronta quando se engajam nos primeiros projetos. A identificação com o desempenho da função social faz com que permaneçam e

continuem desenvolvendo trabalhos comunitários, mesmo sem bolsa. Assim, os jovens lideranças são auto-motivados a continuarem as atividades sociais em suas comunidades. A identidade construída socialmente liga os motivos da sua participação social à ação mais profunda das emoções experimentadas por eles, combinando formas de ser com construção de projetos de vida.

A inserção social em projetos sociais governamentais e não-governamentais favorece o engajamento em espaços sociais como o movimento da RCS e o Fórum de Juventudes. Através da participação social em ONGs, estes constroem novos projetos de vida, nutrem a expectativa de entrar para a universidade; Se o fazem, mudam de *status* social, através da aquisição do conhecimento; superam estigmas negativos que persistem na concepção hegemônica, através da adoção de uma identidade positiva; vencem barreiras sociais que os impedem de afirmarem suas identidades, como jovens lideranças; e melhoram sua qualidade de vida, através da melhoria de sua renda, da capacitação recebida e do acesso à Educação. Nesse sentido, o movimento social, representado pela RCS e a ONG CEDAPS, Centro de Promoção da Saúde, desempenhou um papel importante na vida dos jovens pesquisados. A seguir veremos como estas organizações da sociedade civil tem atuado.

### **1.1. Movimentos sociais e ONGs: perspectivas e estratégias**

Estratégias para combater as desigualdades sociais têm sido pensadas pelos movimentos sociais. Estas incluem a geração de oportunidades econômicas e sociais como medidas que favoreçam a construção de redes de apoio e o aumento das capacidades dos jovens em situação de pobreza (GOHN, 2006). Leva-se em consideração o conhecimento dos problemas locais e globais para estreitar suas relações com outros grupos, fortalecer sua

organização e participação em ações políticas e coletivas, a fim de constituírem-se em atores sociais e ativos participantes das decisões da vida social (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

As fronteiras entre movimentos sociais, ONGs e Estado tem sido flexibilizadas. Os representantes das organizações da sociedade civil assumem cada vez mais o discurso governamental (ANDRADE, 2007) e vice-versa. A partir dos anos 70 no Brasil, os movimentos sociais e seus desdobramentos marcaram uma importante etapa no processo de organização da sociedade brasileira. Organizações da sociedade civil, têm assumido papéis distintos junto ao Estado, fruto de intensa mobilização social (ESTRADA, 2006). No entanto, a presença de um “Estado mínimo”, que reflete uma política neoliberal, tem sido responsável pelo agravamento das demandas sociais e pela geração de processos de exclusão social (ESTRADA, 2006). Diante dos desafios sociais, ONGs têm assumido o papel de garantir uma intervenção que resulte na elevação da qualidade de vida da população. (BRASIL, MS, 2001).

As ONGs têm tido o papel de assessorar os movimentos sociais, definidos em termos de uma unidade abstrata, composta por determinados recortes ou segmentos da população concebida não como “sócios”, como público-alvo. Sua estratégia de atuação distintiva é a tematização pública de problemas e de trabalhos dentro de uma semântica política de direitos cidadãos. Centram-se em combinações diferentes de prestação de serviços e de intermediação simbólica ou material entre o poder público e a sociedade. As ONGs tornaram-se centros de recursos humanos a serviço de associações comunitárias e movimentos sociais, articulando, num circuito (nem sempre) externo ao governo, iniciativas originadas nos vários planos da sociedade civil (LAVALLE ET AL, 2006).

As ONGs têm se organizado em redes de participação social, em torno de questões coletivas como o movimento sindical, a luta pela terra, os movimentos ativistas pela defesa de direitos, a organização dos movimentos de bairros e favelas (MIGUEL, 2003).

A organização em rede é a força crescente da articulação e da ação tanto dos movimentos sociais, quanto das ONGs. As redes e fóruns temáticos de discussão e ação conjunta proliferam. Alguns movimentos, como o MST, o movimento indígena, o movimento de mulheres trabalhadoras rurais, as entidades de trabalho com crianças e adolescentes, conseguem se articular em rede (BRASIL, MS, 2001). As redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e modificam de forma positiva a experiência vivida por aqueles que participam de movimentos sociais em rede (CASTELLS, 1999). Nas redes de movimentos sociais, coloca-se em prática uma nova compreensão do conhecimento e da informação, além de formas inovadoras para a sua organização e gestão pelas organizações e movimentos da sociedade (BECKER ET AL, 2003).

A organização em rede tem feito a diferença para os trabalhos desenvolvidos pelos jovens líderes. Estes têm encontrado no movimento da Rede de Comunidades Saudáveis (RCS) apoio para suas ações, através da qual estabelecem parcerias, trocam informações e reivindicam seus direitos junto a instâncias governamentais. No entanto, essa participação dos jovens mostra-se ainda incipiente. Espaços participativos muito bem desenhados podem não obter resposta satisfatória em termos de qualidade da participação, pois o terreno em que essas instituições são criadas encontram certos hábitos e uma cultura que podem não ser receptivos à participação (ANDRADE, 2007).

Os jovens de comunidades populares são incentivados a participar de projetos implementados por ONGs e governo em troca de uma “bolsa”. Embora, o jovem enquanto sujeito seja a retórica de muitos gestores sociais, alguns projetos governamentais e iniciativas sociais não levam em consideração os jovens como protagonistas. Nesse sentido, não participam da formulação e implementação de políticas sociais. Os espaços, os tempos e as formas da participação não são decididos pelos jovens, mas por aqueles que têm neles uma bandeira, um objeto de suas ações comunitárias (SPOSITO E CARRANO, 2003).

### **1.1.1. A Rede de Comunidades Saudáveis (RCS) e a ONG CEDAPS (Centro de Promoção da Saúde)**

Uma rede de interações tem caracterizado as práticas sociais e políticas hoje em dia. Redes de relacionamentos, de vínculos entre pares, são pensadas como estratégias de atuação de ONGs (LAVALLE ET AL, 2006). Essa relação traduz a estratégia utilizada por muitos grupos sociais, organizações civis, governamentais e movimentos sociais atualmente. Os movimentos passaram a atuar mais como redes de trocas de informações e cooperação em eventos e campanhas (GOHN, 2006). A estratégia em rede é marcada pelo intenso grau de trocas sociais, propiciando a construção de identidades comuns, de sentimentos de pertencimento e de canais de expressividade. O lugar do movimento da Rede de Comunidades Saudáveis (RCS) na vida dos jovens pesquisados tem tido esses significados. Os jovens pobres na RCS estabelecem laços sociais e constroem suas identidades através do espelhamento de múltiplos referenciais (LAVALLE ET AL, 2006) na RCS.

Numa fase embrionária, o movimento da Rede de Comunidades Saudáveis (RCS) não era denominado como tal. No entanto, antes de ter essa denominação de RCS, a idéia do movimento surge como iniciativa da ONG CEDAPS com o intuito de fortalecer as entidades comunitárias participantes e reforçar as capacidades deste movimento social para defesa do direito à saúde, através da capacitação, sistematização das ações, encontros e troca de experiências. A luta contra a AIDS foi a temática propulsora desse movimento. Em 1996, o CEDAPS desenvolveu consultorias que foram implementadas pela equipe técnica, através de assessoria para o desenvolvimento de ações de prevenção ao HIV/AIDS e promoção de saúde nas comunidades, contribuindo para o fortalecimento de instituições comunitárias. Assim, assessoradas pela ONG CEDAPS, seis associações comunitárias se organizam para formar a Rede de Comunidades na Luta Contra a AIDS. Desde então, todas as demais entidades

comunitárias procuraram a RCS e sua afiliação por demanda espontânea. Em 2005, com uma rediscussão do movimento pelas associações participantes, o movimento passa a se denominar Rede de Comunidades Saudáveis (RCS). Nesse ano, 60 comunidades populares e o CEDAPS lançam as bases desse movimento popular através de um ato público com a assinatura da Declaração de Princípios por Comunidades Saudáveis do Estado do Rio de Janeiro, tornando-se um movimento social mais abrangente no campo da Promoção da Saúde<sup>4</sup>.

Criado em 1993, o CEDAPS (Centro de Promoção da Saúde) é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos que atua na assessoria às comunidades do Rio de Janeiro. O CEDAPS desenvolve ações de cooperação técnica em outros estados e mesmo em outros países a partir da metodologia Construção Compartilhada de Soluções em Saúde. Desde 2005, o CEDAPS fomenta a Rede de Comunidades Saudáveis do Rio de Janeiro, composta por 141 associações e grupos comunitários de diferentes municípios do estado. Entende a saúde como um direito humano fundamental que deve existir de maneira equitativa para todos os cidadãos. Foca seu trabalho na Promoção da Saúde, através da qual visa à construção de uma sociedade saudável, aquela em que todos os cidadãos têm igual acesso aos recursos que constroem a qualidade de vida: educação, habitação, meio ambiente preservado, emprego e renda, informação, lazer e cultura, saneamento, alimentação, segurança, participação social e serviços de saúde de qualidade (CEDAPS, 2007).

Inicialmente inspirada no movimento internacional de Cidades Saudáveis da Organização Mundial da Saúde (OMS), hoje a RCS integra 141 entidades comunitárias do Rio de Janeiro e é representada em sua maioria por lideranças mulheres adultas e negras. A organização em redes de movimentos é uma forma dinâmica de intercambiar idéias e de fortalecer as ações de indivíduos, grupos e entidades (BECKER ET AL, 2003).

---

<sup>4</sup> Para maiores informações ver site da ONG CEDAPS: [www.cedaps.org.br](http://www.cedaps.org.br)

Nesse movimento, os jovens pesquisados participam dos espaços das reuniões mensais da RCS para ampliar seus conhecimentos sobre temas relacionados, tais como saúde, prevenção, direitos humanos, trabalho e lazer; além disso, trocam informações que contribuam para a melhoria de suas comunidades. Os pesquisados, através do movimento da RCS, encontram apoio, estabelecem parcerias, ampliam seus conhecimentos, desenvolvem e ampliam as atividades em suas comunidades.

## **1.2. Antecedentes e implicações da pesquisa**

A motivação de realizar esse projeto surgiu, ainda na graduação, no ano de 2002 em meu estágio em Iniciação Científica. Tive, então, a oportunidade de conhecer a Rede de Comunidades Saudáveis (RCS) num evento anual desta<sup>5</sup> realizado em parceria com a ONG CEDAPS (Centro de Promoção da Saúde). Por ocasião desse evento, entrei em contato com várias pessoas de comunidades empobrecidas do Rio de Janeiro, localizadas em São João de Meriti, Méier, Duque de Caxias, Magé e Mesquita. Foi emocionante ver pessoas de localidades tão pobres e distantes do Centro do Rio de Janeiro participando de um movimento social que de forma política, ativa e reflexiva discutia e reivindicava melhores condições de vida.

Poucos eventos acadêmicos e sociais que conhecia eram tão participativos, coletivos, significantes e gratificantes quanto o realizado pela RCS. Nos eventos da RCS, pude perceber o envolvimento de pessoas, grupos organizados e associações de comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro. Eram lideranças comunitárias femininas; mulheres e homens, rapazes e moças; instituições governamentais e não governamentais. A Rede de Comunidades Saudáveis parecia representar um movimento de articulação, construção coletiva e

---

<sup>5</sup> Evento anual da Rede de Comunidades Saudáveis denominado: "Fala Comunidade 3", realizado em dezembro de 2002, no Rio de Janeiro.

horizontalidade, em busca de melhores condições de vida e saúde para suas comunidades. Representava uma alternativa diferente de ação e atuação no enfrentamento dos grandes problemas sociais.

A partir junho de 2006, passei a fazer observação participante das reuniões mensais da RCS e algumas mudanças no movimento foram percebidas. O número de participantes da RCS aumentou de forma significativa. De 80 instituições comunitárias, hoje a RCS é representada por 141 associações de base comunitária. Os participantes incluem, em sua maioria, lideranças femininas negras, na faixa etária de 50 a 60 anos de idade, representantes de Associações de Mulheres, Associação de Moradores e ONGs pequenas.

Ao explicar para as lideranças meu interesse de estudo, algumas demonstraram boa vontade e disponibilidade para mostrar suas ações comunitárias com os jovens nas comunidades. Observei a necessidade e o orgulho de falarem sobre seus projetos.

Esse projeto surge, então, da minha experiência de campo na RCS. Pude observar os jovens que participavam dos eventos e reuniões da RCS. A partir daí me propus estudá-los como forma de dar visibilidade a suas ações e à participação na Rede de Comunidades Saudáveis (RCS), procurando entender o que motiva os jovens à participação e quais os reflexos em suas vidas, bem como o significado de sua atuação em projetos sociais desenvolvidos por organizações da sociedade civil e governamentais.

### **1.3. Juventude como categoria social**

Nesta pesquisa, a juventude será considerada como uma categoria socialmente construída. A juventude é uma construção social, uma representação sócio-cultural, uma criação simbólica. O sentido da categoria juventude está situado dentro de uma discussão ampla. Atualmente, é mais adequado falar em juventudes, considerando que estas apresentam características diferenciadas de acordo com o espaço, o local, a cultura, a sociedade e o contexto histórico em que estão inseridas. Não existe apenas uma juventude, mas várias juventudes (GROPPO, 2000).

A juventude, tanto do ponto de vista familiar, quanto profissional, tem plenos direitos e responsabilidades, e pode formar membros ativos da sociedade (ABRAMO, 1997). Os jovens pesquisados são reconhecidos como lideranças por sua capacidade de estabelecer parcerias, assumir responsabilidade e compromissos. A participação social dos jovens na RCS e em projetos sociais é facilitada pelas oportunidades criadas nas comunidades onde vivem, pelas ONGs; pela identificação deles com pessoas e com o trabalho social. Os jovens lideranças fazem articulações políticas e criam estratégias para enfrentar as condições de desigualdades sociais que vivem.

Projetos sociais devem ser ampliados e oferecidos em comunidades empobrecidas. A entrada de jovens pobres em espaços sociais contribui para melhor qualidade de vida destes, da comunidade e da sociedade, através da melhoria de sua renda, da capacitação recebida e do acesso à Educação e ao conhecimento. A inserção social dos jovens pobres em projetos sociais favorece seu engajamento em espaços sociais como o movimento da RCS e o Fórum de Juventudes. Através da participação social dos jovens pobres em ONGs, estes constroem novos projetos de vida, nutrem a expectativa de cursar uma faculdade; mudam de *status* social, por meio da aquisição do conhecimento; superam estigmas negativos que persistem na

concepção hegemônica, pela adoção de uma identidade positiva; vencem barreiras sociais que os impedem de afirmarem sua identidade de lideranças.

Nessa lógica, entender as motivações das lideranças jovens de comunidades de baixa renda em participar da RCS, suas rede de relações e significados é de suma importância para a compreensão do sentido da sua ação comunitária, conceito que será explorado e discutido teoricamente no segundo capítulo.

No Capítulo 2, apresentarei o norte teórico desse estudo, começando pela discussão do conceito de juventude. As peculiaridades, as diferentes formas de atuação e experiência dos jovens na realidade cotidiana são importantes e devem ser percebidas. A juventude é uma categoria construída socialmente. Representações sociais que se fazem dos jovens devem ser problematizadas. Nesse sentido, o capítulo segue propõe uma representação social dos jovens, especialmente o pobre, que emerge de organizações da sociedade civil. Jovens de camadas populares são valorizados como sujeitos sociais e políticos por ONGs e governo. O capítulo mostrará como a flexibilização das relações entre Estado e sociedade civil, a partir da qual surgem ONGs e os movimentos sociais, contribuiu para a abertura de canais de participação dos jovens, que os fizeram ser valorizados e percebidos como atores sociais. Ali se abordará o papel de ONGs e movimentos sociais no cenário social. As décadas de 80 e 90 marcam o apogeu da participação popular. Logo em seguida, veremos os espaços de participação social dos jovens pobres, o lugar que a RCS, como movimento popular, ocupa na vida dos jovens pesquisados. Discutiremos a perspectiva teórica dessa pesquisa, norteada pela abordagem interacionista, que privilegia as dinâmicas de relações cotidianas e as formas como os atores participam da cena social.

O capítulo 3 apresentará os resultados deste estudo. Partirá da descrição dos procedimentos metodológicos que foram seguidos. A etnografia foi utilizada como método desta pesquisa. Apresentarei as técnicas de investigação utilizadas. Logo em seguida, o perfil

dos jovens pesquisados será apresentado, bem como os resultados desse estudo, os quais giraram em torno da participação social dos jovens pesquisados; das barreiras enfrentadas para o desenvolvimento do trabalho comunitário e do impacto do trabalho comunitário nos jovens pesquisados. Os resultados revelam que a inserção dos jovens pobres em projetos sociais contribui para a mudança de sua trajetória de vida, favorece sua participação em espaços políticos e os ajuda na construção e afirmação de sua identidade. Os dados mostram ainda que os jovens lideranças trabalham pelo coletivo e vislumbram melhores possibilidades de vida para si e para o outro, reduzindo as diferenças sociais.

No quarto capítulo, na conclusão dessa dissertação, serão apresentadas recomendações a partir dos resultados da realização da pesquisa, as quais foram sintetizadas na parte final desse trabalho.

## CAPÍTULO II

### OS JOVENS POBRES E OS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL.

#### NOVAS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO JUVENIL

*Os conflitos sociais, mais do que a demanda por uma justa distribuição de bens materiais, colocam em pauta a luta pela dignidade humana, pela integridade física e pelo reconhecimento do valor das diversas culturas e modos de vida (HONNETH, 2003).*

A revisão teórica partiu da problematização do conceito de juventude, bem como situou os conceitos, as abordagens teóricas que se traçou em direção ao cenário de participação social dos jovens pesquisados. Entender a juventude como um conceito construído historicamente, contribuiu para a compreensão dos diferentes modos de ser jovem, estabelecido nas interações destes com outros atores sociais. A constatação de uma juventude plural nos deu bagagem para perceber a importância de dar visibilidade às ações sociais dos jovens que vivem em comunidades de baixa renda e a forma como os jovens pesquisados interagem e constroem sua identidade, ajudando a entender as relações sociais estabelecidas por eles ao se identificarem com os outros. Destacar a valorização dos jovens pobres no cenário político e social contribuiu para a constatação de uma nova mentalidade presente nos formuladores de políticas públicas que incentivam a participação social da juventude, sendo um importante processo de construção de uma nova política de, para e com jovens. O estabelecimento de propostas políticas sociais mais participativas, através de fóruns e organizações não-governamentais, contribui para o processo de mobilização social e política da juventude. A literatura demonstra como ONGs, movimentos sociais e governo tem valorizado os jovens pobres enquanto sujeitos sociais, sendo este fato revelador da necessidade que os jovens tem de serem valorizados na sociedade, através de novas representações sociais, desprovidas de preconceitos sociais. Políticas públicas direcionadas aos jovens contribuem

para a mudança nas imagens dominantes que a sociedade constrói sobre os jovens, produzindo novas representações. A perspectiva interacionista ajudou na interpretação dos dados, destacando os processos sociais dos quais a identidade emerge, mostrando que os jovens são implicados por outras lideranças e se tornam afetados por elas, ao mesmo tempo que afetam estas. Esta implicação os impulsionam a desenvolverem ações coletivas. O caráter fluido da interação estabelecido entre os jovens e os seus pares, ajudou a analisar as dinâmicas de relações cotidianas dos jovens. Por fim, esse capítulo mostrou como os jovens de comunidades de baixa renda têm participado da cena social e contribuído para mudanças políticas.

### **2.1. Juventude: categoria em debate**

Ao estudar os jovens que vivem em comunidades pobres do Rio de Janeiro devemos levar em consideração o contexto social, histórico e político em que estão inseridos. A abordagem sobre juventude esteve sempre repleta de ambigüidades. Uma hora os jovens são observados através de uma categoria simples, encaixada em esquemas explicativos e simplórios. Os jovens são percebidos na sua condição de transitoriedade, fase que deve ser superada. Na ótica da sociologia funcionalista, os jovens eram entendidos como uma fase de vida, considerados como sujeitos que tendo falhas nos processos de socialização estavam propensos a oferecer riscos a continuidade da vida social (ABRAMO ET AL, 2000). Outra hora, a categoria juventude é associada aos problemas sociais. Os jovens nessa visão são considerados como problemáticos. Especialmente nos estudos advindos da Escola de Chicago, a partir dos anos 1920, a juventude foi associada às desordens sociais, culpada pelos conflitos urbanos. A juventude foi definida pela falta, pela ausência. Nessa ótica, os jovens não eram enxergados como sujeitos de direitos (SPOSITO, 2000).

Ao longo das décadas, a juventude foi encarada de várias óticas. Os estereótipos sobre os jovens, presentes nos discursos do senso comum e também, nos canais midiáticos, tendem a representar a juventude como se esta fosse homogênea e com culturas definidas dentro de uma determinada época. Na “geração anos 60”, os jovens foram representados como rebeldes; nos anos 80, eram considerados a “geração coca-cola”. Nos anos 90, a juventude foi considerada como alienada e conservadora. Tais generalizações são homogeneizadoras e contraditórias, pois não consideram a diversidade de práticas, valores e sujeitos culturais existentes numa mesma geração (SPOSITO, 2000).

Nesse contexto, a visão que se lança sobre os jovens depende do ponto de vista histórico e das diferentes possibilidades dos olhares do contexto sócio-econômico (SPOSITO, 2000). Portanto, toda tentativa de categorização são construções sócio-culturais e, portanto, devem ser questionadas na tentativa de podermos pensar nos problemas teóricos e concretos da sociedade (MENDES & EUGÊNIO, 2006).

Nessa pesquisa, considero juventude como categoria social. Os jovens estão inseridos em diferentes grupos culturais. O sentido de ser jovem muda no espaço e no tempo, de acordo com a nacionalidade, o gênero, a classe social. A juventude é uma situação social simbolizada e vivida com muita diversidade na realidade cotidiana, pois existem distinções locais, nacionais, étnicas. Assim, o conceito de juventude foi considerado como uma categoria fundamentalmente sociológica (GROPPO, 2000). Assim, estudar os jovens pobres implica conhecer sua realidade, enxergá-lo no seu mundo e analisá-lo segundo a sua ótica. Significa saber que embora os jovens vivam na mesma cidade, possuam idades equivalentes e tenham condições sócio-econômicas semelhantes, suas percepções são diferenciadas, bem como seu comportamento e os significados que atribuem a si mesmos (ABRAMO, 1997). Os jovens em diferentes locais, tribos, países e sociedades experenciam diversas vivências possíveis, as quais não se traduzem necessariamente em equivalentes. Os jovens pesquisados possuem a

mesma faixa etária, no entanto, suas vivências não são iguais. Estes possuem experiências de vida diferenciadas pelo seu contexto social. Remetendo a Gilberto Velho<sup>6</sup> (2006), devemos atentar para as diferentes visões de vida, modo de construção social da realidade presentes na sociedade contemporânea, a fim de mapear e analisar os *multipertencimentos* de indivíduos (MENDES & EUGÊNIO, 2006). A juventude é um conceito historicamente construído, que muda no tempo e no espaço, os diferentes modos de ser jovem, portanto, devem ser compreendidos a partir das culturas em cada momento social. O que parece unir os jovens, independentemente de geração ou classe, é a necessidade de afirmação, de reconhecimento, independência e autonomia para a construção de suas identidades (NOVAES, 2007).

No conceito de juventude existe a possibilidade de criar representações e relações sociais derivadas de outras relações e representações sociais. Estas podem ser estabelecidas referentes a indivíduos e grupos definidos como jovens (GROPPO, 2000). Todavia, a representação social dominante dos jovens esteve sempre associada a uma ótica negativa. Essa percepção se torna ainda mais acirrada quando nos remetemos a visão que se faz dos jovens pobres, moradores de comunidades populares (CAMARANO ET AL, 2004).

Ao longo das décadas, os jovens de comunidades de baixa renda têm sido estudados segundo uma imagem pejorativa. Tal imagem tem sido propagada pela mídia, que revela representações sociais dominantes da imagem que se faz dos jovens, especialmente, o favelado e o negro. Constroem-se imagens destes como sujeitos perigosos para a sociedade (CASTRO E ABRAMOVAY, 2002). Os jovens pobres são considerados, dentro de uma concepção hegemônica, como uma população delinqüente, acomodada, sem projetos de vida e candidata ao tráfico de drogas por não terem melhores opções de vida nas comunidades empobrecidas onde residem (CRUZ-NETO & MINAYO, 1994). Essa visão preconceituosa do senso comum que impera na sociedade sobre os jovens deve ser combatida. No entanto,

---

<sup>6</sup> Ver artigo do autor: Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea in MENDES, Maria Isabel & EUGÊNIO, Fernanda (Org.) Culturas Jovens: Novos Mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zalar, 2006.

estereótipos negativos com relação aos jovens de comunidades populares têm mudado (CAMARANO ET AL, 2004).

Atualmente a juventude tem sido vista nos discursos como parte da solução. Nessa direção, movimentos sociais e governo têm sido importantes na construção de uma política que torne positiva a representação dos jovens, considerando-os como participantes fundamentais na construção de uma sociedade mais igualitária. A noção de que o jovem deve ser tomado como sujeito de direitos vem sendo cada vez mais acionada por aqueles que tomam a defesa dos jovens no Brasil. Esta afirmação tira o foco da idéia do jovem, ainda dominante na opinião pública, como problema para si mesmo e para a sociedade, assim como a ótica que o toma apenas na sua dimensão de sujeito em preparação para o futuro. A questão da juventude tem ocupado as pautas das propostas políticas ultimamente e tem ganhado força através de canais institucionais de resolução, que se materializam na criação de mecanismos institucionais e canais públicos de diálogo (ABRAMO & BRANCO, 2005).

## **2.2. Políticas de juventude no Brasil**

Iniciativas em todo o Brasil tem contemplado e percebido a juventude como sujeitos políticos e sociais. Em 2008, completa-se 18 anos da promulgação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Numa perspectiva da construção e ampliação da cidadania, este documento é considerado a maior expressão de um comprometimento da sociedade brasileira com as crianças e jovens (CAMARANO ET AL, 2004). O ECA é um marco importante na trajetória de atenção do Estado à juventude no Brasil, sendo fruto da mobilização de diversos atores envolvidos com a questão do menor. No entanto os jovens foram contemplados apenas parcialmente nessa legislação, uma vez que a sua cobertura limita-se aos 18 anos.

No plano do executivo, houve a criação de uma série de secretarias ou coordenadorias municipais, como a criação, em 2005, da Secretaria Nacional de Juventude e do Conselho<sup>7</sup> Nacional de Juventude. No legislativo, a criação de comissões, como a da Câmara Municipal de São Paulo, em 2001, e as da Câmara Federal, a partir de 2003, que já produziram vários projetos de lei, em tramitação, inclusive. No ano 2006, aconteceu em Belo Horizonte o primeiro Encontro Nacional de Gestores Municipais de Políticas Públicas para a Juventude. Reuniram-se mais de 50 gestores de prefeituras das cinco regiões do Brasil, que trocaram informações, apresentaram projetos, debateram o Plano Nacional de Juventude e fundaram o Fórum Nacional de Gestores Municipais de Políticas para a Juventude.

O Fórum é o lado mais visível de uma onda que vem tendo grande repercussão no âmbito das políticas locais: a criação de instituições públicas voltadas para as questões juvenis. O movimento – que se fortaleceu no ano passado com a criação da Secretaria Nacional de Juventude e do Conselho Nacional de Juventude, iniciativas do governo federal – mostra a importância que o segmento juvenil vem ganhando na sociedade brasileira e também levanta uma série de questões, como o desenho dessas instituições, seu papel e a divisão do poder político. Tais processos têm mostrado o momento da relevância dos jovens como sujeitos de direitos através de formulação de políticas específicas dirigidas a jovens (ABRAMO & BRANCO, 2005).

No contexto atual, os jovens pobres têm sido valorizados enquanto sujeitos sociais por organizações da sociedade civil. São capazes de participarem de forma ativa e de fazer escolhas. Também têm sido responsáveis por suas ações apesar das restrições e forças de pressões de diversas ordens (ZALUAR, 1990). A participação juvenil tem sido reivindicada por ONGs e gestores governamentais que consideram os jovens como atores importantes no

---

<sup>7</sup> Os Conselhos consolidam-se nesse cenário como uma aposta na capacidade de a sociedade civil defender os direitos dos cidadãos ao acesso às políticas de saúde e educação de qualidade. Cabe ao governo prestar contas à população quanto ao uso dos recursos setoriais, tornando a gestão das políticas mais transparente. Os representantes da sociedade civil devem, pro sua vez, levar as demandas e problemas da população aos Conselhos, aumentando a responsividade das políticas e serviços (Andrade, 2007).

cenário social. Destaca-se a presença dos jovens que habitam comunidades de baixa renda na cena pública (MENDES & EUGÊNIO, 2006).

### **2.3. Jovens: sujeitos ou objetos sociais?**

Há sinais de mudanças de paradigmas percebida nas políticas públicas com os jovens. Formuladores de políticas públicas e estudiosos tem valorizado os jovens enquanto sujeitos de direitos. Observa-se ações públicas governamentais dirigidas aos jovens, que busca superar a visão do jovem como problema, mas que ainda enfrenta sérias dificuldades de institucionalização nas diferentes instâncias de Governo (SPOSITO, 2007). Cita-se a baixa participação da juventude em movimentos políticos e sociais. Este fato não é observado apenas entre os jovens, mas na sociedade em geral. As percepções sobre a participação social dos jovens não são muito exploradas na literatura, e as razões por trás da não-participação são ainda menos consideradas. Estudos assinalam que a idade, o gênero e a classe estão ligadas à decisão de participar e, em alguns casos, os indivíduos podem achar mais fácil, mais benéfico ou familiar não participar (CLEAVER, 1999 apud ESTRADA, 2007).

Os jovens pobres tem sido desassociados de representações sociais dominantes que ligam pobreza e criminalidade (ZALUAR, 1997). Enquanto alguns jovens optam pela vida do crime, tráfico de drogas e da marginalização, outros jovens tem buscado novas formas de transformar a realidade onde vivem buscando soluções inovadoras e positivas para os problemas que enfrentam (CAMARANO ET AL, 2004). Gustavo Venturi e Vilma Bokany, mostram que comparando-se a juventude de hoje com a dos anos 70/80 há tendência da mídia dizer que hoje os jovens são mais apáticos que os dessas décadas, como se antes fossem todos progressistas. No entanto, não se pode deixar de considerar que a maioria dos jovens se comporta e reflete os valores hegemônicos de sua época e cultura. Nesse sentido, o

conservadorismo e a suposta alienação dos jovens nada mais é do que o reflexo do conservadorismo e do baixo associativismo em torno de causas comuns que seguem dando o tom na sociedade (VENTURI & BOKANY, 2005).

Os jovens de comunidades de baixa renda devem ser vistos como sujeitos sociais e desvinculados de representações negativas que persistem no imaginário social. Devem ser percebidos como protagonistas de suas próprias vidas (RUA, 1998). Os jovens como atores podem impor significados que traduzem modos diversos de pensar a si mesmos e a seus pares, uma vez que perfilam diferentemente suas demandas e estabelecem projetos pessoais ou coletivos (ABRAMO & BRANCO, 2005). A juventude é capaz de perceber o que está acontecendo ao seu redor e atuar de forma dinâmica no cenário político e econômico em que está envolvida, propondo estratégias e soluções alternativas para as dificuldades que se apresentam a ela (UNESCO, 2006). O jovem concorre, assim, para aprimorar e multiplicar o trabalho nas áreas da saúde, educação e qualidade de vida. O jovem é capaz de “decifrar os códigos e conteúdos que estão emergindo no atual modelo de sociedade” (UNESCO, 2006), e por essa via constituir-se em alternativa ao conservadorismo, à pobreza e à violência estrutural que perpassa toda a sociedade.

Nessa direção, políticas públicas direcionadas aos jovens podem provocar mudanças nas imagens dominantes que a sociedade constrói sobre os jovens, produzindo novas representações (RUA, 1998). A idéia de políticas públicas associa-se a um conjunto de ações articuladas com recursos próprios (financeiros e humanos) que envolve tempo e alguma capacidade de impacto, envolve projetos de natureza ético-política e compreende relações entre Estado e sociedade civil na sua constituição (SPOSITO, 2000).

A partir dos anos 70, os movimentos sociais e ONGs, têm ocupado posições proeminentes em agendas acadêmicas e políticas na defesa dos direitos humanos dos cidadãos e no reconhecimento do direito dos jovens, especialmente dos jovens de camadas

empobrecidas. A década de 70 sinalizou um momento histórico em que a participação popular, através dos movimentos sociais, atingiu sua maior expressão. A partir da nova Constituição Brasileira de 1988 processos mais democráticos tem sido vistos no bojo de um amplo processo de mobilização social. Os anos 80 deflagraram um período chamado de “Era da Participação” (GOHN, 2003). Nesse período, a organização da sociedade civil brasileira foi mobilizada para a conquista de bens e serviços coletivos, contribuindo para a redemocratização do país. Movimentos ganharam projeção e se solidificaram em suas lutas e causas sociais, como: o movimento sindical, o movimento de mulheres, movimentos pelo direito à saúde, associações de moradores de bairros e de favelas e muitos outros movimentos de organização da população permeados por conteúdos democráticos (LADIM, 1998).

Nos anos 90, transformações foram vistas na estrutura do Estado, indícios de grandes transformações na lógica da intervenção do Estado ocorreram, como o estabelecimento dos princípios da descentralização e participação popular (GOHN, 2005). Atualmente, novas formas de organização social são estabelecidas, cada vez mais parcerias estão sendo estabelecidas entre governo e sociedade civil organizada. Novos atores sociais se estabelecem a partir da mudança dessa relação (BRASIL, MS, 2001). No Brasil, a partir dos anos 90, têm surgido novas experiências locais em diversas cidades que incluíram políticas globais de orientação a participação popular na definição de prioridades públicas municipais, tendo como foco a participação juvenil. Os jovens pobres têm sido atores centrais nessa revolução social (DAYRELL, 2002). A participação popular compreende as múltiplas ações que diferentes forças sociais desenvolvem para influenciar a formulação, execução, fiscalização e avaliação das políticas públicas e/ou serviços básicos na área social, como: saúde, educação, habitação, transporte, saneamento básico (VALLA, 1999).

Nesse contexto, as ONGs aparecem como orientadoras e organizadoras dos movimentos de expressão popular (LANDIM, 1998). Movimentos sociais lutam

politicamente pela conquista de direitos sociais e a temática da juventude tem sido privilegiada (Lavalle et al, 2006). Diante da importância do significado atribuído dos jovens pesquisados às ONGs e aos projetos desenvolvidos por estas, coube-me levantar algumas referências sobre a atuação das ONGs no Brasil.

#### **2.4. O papel das ONGs no cenário social**

A definição das ONGs segue a lógica de uma categoria socialmente construída, usada para designar um conjunto de organizações da sociedade civil que se afirma numa identidade comum e na produção de concepções, práticas e instâncias específicas de legitimidade (LANDIM, 1998; ESTRADA, 2006). Entende-se por organizações não governamentais (ONGs), associações da sociedade civil com finalidades públicas e sem fins lucrativos. Desenvolvem ações em diferentes áreas e mobilizam a opinião pública e o apoio da população para modificar determinados aspectos da sociedade, diante da busca pelos direitos sociais e de cidadania. As ONGs podem complementar ações do Estado, através do financiamento ou doações do mesmo e de entidades privadas (LANDIM, 1998).

Diante de uma política neoliberal e uma crise de governabilidade das estruturas de poder de Estado, este tem se responsabilizado cada vez menos pelas questões sociais e criado outras formas de participação dos setores sociais, como os conselhos gestores, os fóruns, as redes e articulações da chamada sociedade civil (GOHN, 2005). A participação passa a fazer parte da agenda política, uma vez que as propostas de participação se efetivam na ampliação da noção de cidadania e de direitos sociais. Novos direitos e novos espaços de atuação levaram a uma ampliação das demandas e exigências para os atores sociais, ONGs e movimentos sociais, fazendo com que estes se preparassem para uma intervenção técnica e politicamente qualificada e adequada aos novos espaços de luta social (GOHN, 2005). Os

movimentos sociais e ONGs foram impulsionados a abandonar posturas corporativas e reivindicatórias para assumir papel protagonista onde o interesse público torna-se elemento de legitimidade das demandas e da vontade de parcelas da população, por eles representadas (BRASIL, MS, 2001). Assim, mudanças no plano da ação coletiva foram percebidas, transformações sociais passaram pela democratização do Estado e pela ampliação do espaço público e não somente pela luta direta (GOHN, 2005).

Nos anos 90, os movimentos sociais cedem sua centralidade à categoria sociedade civil. Deslocamento da lógica do protesto e da mobilização de massas foi substituído para a lógica do projeto. As ONGs tem se estruturado tecnicamente e ganhado força política atuando não somente como assessoria técnica de movimentos populares, mas tem desempenhado papel fundamental na divisão de tarefas de organizações populares, uma vez que tornam-se intermediárias no repasse de recursos do poder público. As ONGs passam a receber financiamentos externos, de organizações internacionais, programas governamentais, e conseguem ter recursos humanos e tecnológicos próprios (LAVALLE ET AL, 2006).

As ONGs tem desempenhado importantes articulações na representação de interesses públicos e na coordenação da atuação de grupos considerados marginais, sendo capazes de representar as camadas de baixos recursos (LAVALLE ET AL, 2006). As ONGs têm seu discurso elaborado dentro de uma semântica de direitos e de ampliação substantiva da democracia, seguindo uma orientação temática. Sua ação é voltada à publicidade dos problemas, e coordenação com outros atores mediante trabalho em rede. As ONGS representam forte vocação para uma atuação no campo político. O investimento na mobilização da opinião pública pressupõe o desenvolvimento da habilidade por partes das ONGs, em estabelecer interações, parcerias, formas de comunicação e cooperação (LANDIM, 1996). Segundo Gohn, as ONGs passaram a ter mais importância do que os movimentos sociais nos anos 90 (GOHN, 2003).

Nesse contexto, espaços de participação tem sido criados por ONGs junto à movimentos sociais de base popular. A sociedade civil tem se organizado e discutido questões sociais em torno dos fóruns. Os fóruns são instâncias de encontro e coordenação periódica, definição e orientação programática de entidades que partilham vocações temáticas e preocupações afins. Os encontros tem o objetivo de tematizar publicamente problemas, articular atores e iniciativas sociais, reivindicações e mobilizações, intermediações de ONGs (BRASIL, MS, 2001). A seguir veremos como funciona esse espaço de participação dos pesquisados.

## **2.5. Espaços de participação social dos jovens pobres**

De forma geral, o Fórum de Juventudes é um espaço de discussões e encontros da juventude e tem o objetivo de facilitar a comunicação entre as instituições não governamentais e movimentos sociais que trabalham com a juventude e, também, estabelecer um diálogo permanente com o poder público municipal, estadual e federal. O Fórum de Juventudes funciona com reuniões mensais e seminários itinerantes. Um dos objetivos do Fórum é promover o Encontro de Galeras nos bairros e comunidades de articulação dos jovens participantes. O objetivo do Encontro de Galeras é reunir grupos de jovens do Estado para discutir temas do cotidiano da juventude. Nos debates são abordados diferentes assuntos como: cultura, lazer, violência, educação e trabalho (SPOSITO, 2000).

No Rio de Janeiro, a idéia do Fórum de Juventudes se estruturou no ano 2000, a partir da necessidade de se criar um espaço de participação democrática na gestão de políticas públicas de juventude, com o envolvimento de organizações do Estado e da sociedade civil (SPOSITO, 2000).

Atualmente no país, fala-se em políticas públicas destinadas a juventude que se expressam através de iniciativas municipais diversificadas. Observa-se uma mudança de paradigma em torno da ótica da juventude e da percepção dos direitos de juventude (SPOSITO, 1997).

No final dos anos 90 e no início da década atual, iniciativas públicas são observadas, algumas envolvendo parcerias com instituições da sociedade civil, e as várias instâncias do Poder Executivo – federal, estadual e municipal – são mobilizadas (SPOSITO, 1997). Políticas de inclusão de jovens de comunidades empobrecidas tem sido implementadas pelo Governo. O Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano. Criado em 2000, no âmbito da Secretaria de Estado de Assistência Social (SEAS), destacou-se. Este Projeto beneficiou diretamente os jovens desta pesquisa, que tiveram sua inserção social inicial marcada pela participação nesse Projeto.

O Programa Agente Jovem vincula-se ao Plano Nacional de Segurança Pública e envolve os governos municipais, estaduais e federal. A garantia dos recursos desse Programa é de responsabilidade do governo federal, mas conta com a participação das duas outras esferas e parcerias com a iniciativa privada. Os jovens entre 15 a 17 anos, em situação de risco social e de famílias com renda *per capita* de até meio salário mínimo, são selecionados de todas as capitais e vários municípios do país que apresentam menores índices de desenvolvimento humano. O Programa tem o objetivo de apoiar os jovens no planejamento e na construção de seu futuro; resgatar seus vínculos familiares, comunitários e sociais; oferecer instrumentos para que possam desenvolver ações comunitárias; prepará-los para o ingresso no mundo do trabalho e contribuir para a melhoria dos indicadores sociais na comunidade, por meio da atuação dos jovens (Brasil, MPAS, 2001).

Em funcionamento na cidade do Rio de Janeiro desde 1996, o Agente Jovem beneficia 3.300 jovens que atuam no combate à exclusão social em todo o município. Os jovens são

treinados para que sejam agentes multiplicadores de informação e para que passem seus conhecimentos sobre saúde, meio ambiente, educação e cultura aos vizinhos, amigos e familiares. Durante os 12 meses que ficam vinculados ao programa, os jovens recebem uma bolsa-auxílio mensal. Os que não estiverem estudando são matriculados na rede de ensino. Para continuar atuando como Agente, o jovem deverá comprovar freqüência e bom aproveitamento escolar. O programa visa desenvolver e estimular o protagonismo<sup>8</sup> juvenil nas comunidades pobres onde residem. Assim, por meio de ações e intervenções comunitárias, objetiva ampliar as expectativas dos beneficiários quanto ao seu futuro, bem como garantir o ingresso e/ou reingresso deles no sistema de ensino (BRASIL, MPAS, 2001).

O Agente Jovem mostra que os jovens pobres tem sido objeto de pautas políticas ultimamente. Anteriormente, pouco se falava em políticas governamentais (federais e municipais) destinadas para os jovens. A juventude era sujeita às políticas públicas como todas as outras faixas etárias. Conforme analisou Rua (1998), tais políticas não eram orientadas partindo da concepção de que os jovens representam o futuro em uma perspectiva de formação de valores e atitudes das novas gerações. No entanto, a partir da década de 90, projetos e programas envolvendo parcerias com instituições da sociedade civil e governo tem sido destinado aos jovens de comunidades de baixa renda (RUA, 1998).

Algumas iniciativas expressam essa preocupação, propondo a criação de programas esportivos, culturais e de trabalho orientados para o controle social do tempo livre dos jovens, destinados especialmente aos moradores dos bairros periféricos das grandes cidades brasileiras (SPOSITO, 2000). O reconhecimento em torno da relevância da temática dos jovens é considerado, mas as orientações e pressupostos que alimentam projetos e programas ainda são destinados aos jovens e não “com” e “pelos” jovens (SPOSITO, 2000). A

---

<sup>8</sup> O protagonismo é entendido aqui como uma forma de estimular o jovem para que possa construir sua autonomia, por intermédio da criação de espaços e de situações propiciadoras da sua participação criativa, construtiva e solidária (Brasil, MPAS, 2001).

conformação das ações e programas públicos pode provocar modulações nas imagens dominantes que a sociedade constrói sobre seus sujeitos jovens. As políticas públicas de juventude não devem ser o retrato passivo de formas dominantes de conceber a condição juvenil, mas devem agir, ativamente, na produção de novas representações, pressupondo os jovens como sujeitos dotados de autonomia e interlocutores ativos na formulação, execução e avaliação das políticas (CNPD, 1998).

A participação juvenil emerge como fonte da iniciativa, de expressão de liberdade e da assunção de um compromisso, ou seja, a ação parte dele mesmo, é produto de uma decisão consciente e é o próprio jovem que assume a responsabilidade pelos seus atos. Mas nada disso valerá a pena se a participação não for autêntica ou o jovem permanecer como uma figura meramente simbólica ou decorativa (COSTA, 1999). A seguir veremos como os jovens têm atuado e se responsabilizado como sujeito de direitos e deveres.

## **2.6. O Interacionismo Simbólico**

Na perspectiva interacionista, as relações sociais constituem o elemento por excelência de estruturação da vida social (LAVALLE ET AL, 2006). No interacionismo simbólico é enfatizada a “interação face-a-face” e as dinâmicas de “construção da ação” em função de processos interpretativos por parte dos atores no âmbito de situações sociais específicas. O interacionismo enfatiza menos o nível individual de análise e enfoca prioritariamente o plano da interação face a face. No âmbito do estudo dos problemas sociais as análises interacionistas demonstram a importância das “definições coletivas” para a constituição de uma determinada questão como um problema social (BLUMER, 1971). Dessa forma, a “ação” dos atores sociais e o que “fazem” são pontos de partida para a investigação das condições, processos e práticas sociais (BÉNATOUÏL, 1999).

O interacionismo simbólico valoriza o significado que o ser humano atribui às suas experiências cotidianas. Através do símbolo a interação uns com os outros é estabelecida. Portanto, os símbolos são construídos socialmente, através da interação (MEAD, 1953; BLUMER, 1969). A interação é o processo que ocorre quando pessoas em um contexto social agem em relação recíproca. O sentido individual é fundado nas interações, e aquilo que o “eu” faz é regulado por aquilo que o “nós” constrói socialmente (BLUMER, 1969).

Segundo o Interacionismo Simbólico as regras na sociedade são negociadas. Os indivíduos se condicionam mutuamente. As estruturas simbólicas construídas nas interações passam a regular estas mesmas interações e outras das quais o indivíduo participa (MEAD, 1953). Na perspectiva do Interacionismo Simbólico, o ser humano é considerado um organismo atuante, lidando com as situações, interpretando-as e definindo sua(s) ação(ões) com base nessa interpretação. O Interacionismo afirma que o mundo simbólico é construído nas interações entre duas ou mais pessoas. O simbólico é base do sentido que cada um dá às suas ações. No interacionismo simbólico o ser humano é visto como único na natureza, pois usa o símbolo. O símbolo entra como um dos conceitos centrais do interacionismo simbólico e a interação humana é mediada pelo uso de símbolos (CHARON, 1989). O símbolo representa uma classe de objetos sociais usados para pensar, comunicar, representar, significar. Tendo o interacionismo simbólico como norteador da análise dos dados, podê-se interpretar as experiências dos jovens pesquisados, como as relações que estabeleceram, suas ações, os sentidos atribuídos por eles, como através de sua inserção social, puderam criar estratégias para atuar socialmente.

A interação social é construída à partir da ação social. O conceito de interação implica numa distinção entre ação e comportamento (MEAD, 1938). Comportamento inclui tudo que o indivíduo faz. Ação é um comportamento intencional baseado na idéia de como outras pessoas o interpretarão e a ele reagirão. Na interação social, percebemos outras pessoas e

situações sociais e, baseando-nos nelas, elaboramos idéias sobre o que é esperado, e os valores, crenças e atitudes que a ela se aplicam. Nessa base, resolvemos agir de maneira que terão os significados que queremos transmitir (MEAD,1938; SCHÜTZ,1932; WEBER, 1921). A ação é entendida como social quando levamos os outros em consideração. Nossas ações são guiadas pelo que os outros fazem na situação, porque os outros com os quais interagimos, são considerados objetos sociais.

A interação simbólica envolve interpretação e definição, que ocorre com e entre as pessoas envolvidas, fazendo com que o processo de interação possa ser mudado, dependendo da adaptação que ocorre nas ações dos atores envolvidos. Desta forma, o que cada um dos atores faz, depende em parte do que os outros fazem na situação. Os outros não determinam o que nós fazemos, nós interagimos com eles e esta interação é que gera o que fazemos (MEAD, 1938). Segundo Collins, as pessoas podem sentir genuína e sinceramente as convicções que expressam no momento que as expressam [...]; mas isso não significa que ajam com base em tais convicções, ou que venham a ter um sentimento sincero sobre elas em outras interações cotidianas em que o foco ritualístico é diferente. A vida diária é a experiência de movimento através de uma cadeia de rituais de interação, que imprimem significado emocional a alguns símbolos e deixam que outros se enfraqueçam (COLLINS, 2004, p. 44 apud CASTRO-SANTOS, 2003).

Cada indivíduo está imbuído de uma face, de um valor social positivo que cada indivíduo requisita para si enquanto em interação face-a-face com outros indivíduos. A natureza universal humana está relacionada às regras morais de uma dada sociedade, tendendo, pois, a se tornar uma construção social (STRAUSS, 1999). Todo significado é situado, contextual, assegurando que o contexto deve ser compreendido como uma produção/criação conjunta de todos os envolvidos na interação, renovando-se e recriando-se a cada momento em que novos temas e/ou assuntos são invocados pelas necessidades

interacionais dos interlocutores (GOFFMAN, 1964). Em todo e qualquer encontro social, cada indivíduo tem um comportamento específico para aquela situação – uma linha de conduta, um papel social. Esse papel social caracteriza-se por atos verbais e não-verbais pelos quais tanto expressamos nossa visão da situação, como também avaliamos nossas atuações e as dos outros participantes nesses contextos. É através desse papel que nos percebemos e somos percebidos e é esse modo de percepção que levamos em consideração ao interagirmos com os outros em um contexto dinâmico. O papel social que um indivíduo exerce em determinadas situações tem, geralmente, uma “legitimidade institucional” por ser reconhecido e influenciado pela sociedade em que atua (GOFFMAN, 1959, 1967).

Assimilado pelo pensamento sociológico como parte da psicologia social sociológica, o interacionismo simbólico é largamente representado nos estudos sobre o cotidiano e da interação face a face (GIDDENS, 1967). O interacionismo simbólico representa uma das principais escolas de pensamento da sociologia e tem como característica incorporar a reflexividade na análise da ação (MEAD, 1938). Parte da premissa de que a forma pela qual as pessoas se apresentam no curso das suas vidas e como elas tentam controlar as impressões que as outras formam sobre elas assemelha-se à performance de um ator para desempenhar o seu papel e as tentativas que usa para controlar a impressão da audiência sobre o papel que desempenha (GOFFMAN, 1967).

Os fundamentos básicos do Interacionismo Simbólico partem da idéia que o ser humano age em relação as coisas com base nos sentidos que tais coisas têm para ele; o sentido das coisas se origina da interação social que o indivíduo estabelece com os outros; estes sentidos são manipulados e modificados através de um processo interpretativo, usado pela pessoa ao lidar com as coisas e situações que ela encontra (BLUMER, 1969). Assim, o Interacionismo Simbólico vê o homem dinâmico, interagindo consigo próprio e com os outros, levando em consideração o que acontece no presente.

O interacionismo simbólico surgiu entre as décadas de 20 e 30 do século XX a partir das idéias de pelo menos três autores norte-americanos da sociologia: George Herbert Mead, William I. Thomas e Charles Horton Cooley, estabelecendo uma nova postura intelectual sobre significado e interação. Suas idéias partem da concepção da sociedade como um processo, da inter-relação do indivíduo e da sociedade, e, do aspecto subjetivo do comportamento humano, necessário ao processo de formação e manutenção dinâmica do eu social e do grupo social (HAGUETTE, 1992).

Foi George Herbert Mead, professor de filosofia da Universidade de Chicago (1893 a 1931) que iniciou o pensamento do Interacionismo Simbólico. Mead foi influenciado pela escola pragmática e pelo behaviorismo, sendo considerado empirista, naturalista, pragmatista e condutivista (DUPAS ET AL, 1997). Seu pensamento foi desenvolvido por Herbert Blumer, sociólogo, ex-aluno e discípulo de Mead. Blumer, em 1937, criou a expressão "interacionismo simbólico" no campo da psicologia social e apresentou de forma sistemática os pressupostos básicos da abordagem interacionista. Enfatizou os aspectos "encobertos" e subjetivos do comportamento, acreditando que o comportamento humano só seria comportamento em termos do que as situações simbolizam, começando pelo próprio indivíduo, que não meramente responderia aos outros mas como um "self ativo" que responderia também a si mesmo, interagindo socialmente consigo mesmo, podendo tornar-se o objeto de suas próprias ações. O sujeito pode colocar-se no lugar ou no papel dos outros e ver a si próprio ou agir para si mesmo daquela posição, tal como definida socialmente (GOFFMAN, 1967).

A realidade social também é fruto da interação e da negociação dos diversos grupos sociais, que interpretam a realidade segundo critérios pré-existentes, característicos de sua cultura. Ao agirem, os indivíduos influenciam e transformam estes mesmos critérios e padrões nos quais basearam sua ação, em um processo dialético de reinterpretação e reconstrução da realidade social. Os padrões culturais e valores influenciam diretamente o processo decisório

dos indivíduos. A capacidade de ação estratégica que se traduz na capacidade de perceber as oportunidades de ação, prever as conseqüências e os riscos de cada alternativa e assumir estes riscos executando a decisão, varia de pessoa a pessoa, segundo a origem social e o meio cultural e é fundamental para a construção da identidade do indivíduo. Segundo Collins, a “solidariedade do self”, a solidariedade ritual e o altruísmo são provocados por cadeias de motivação que puxam e empurram o indivíduo de situação a situação (COLLINS, 2004). Os jovens pesquisados tentam ligar os motivos da ação social à ação mais profunda das emoções e dos símbolos internalizados. Dessa forma, combinam formas de ser com construção de projetos de vida.

O conceito de identidade carrega o peso integral da necessidade das pessoas pertencerem a determinado grupo, de fazerem parte de um conjunto. A identidade das pessoas são incorporadas as redes e grupos das quais fazem parte. As pessoas constroem suas identidades a medida que interagem com os grupos que se associam. A identidade está inserida nas estruturas e práticas sociais. Os padrões de comportamento e ações dos indivíduos estão associados às relações sociais estabelecidas por eles. Assim, as identidades sociais relacionam-se aos contextos sociais, através dos quais são construídas (HOWARD, 2000). Por outro lado, o conceito de identidade é utilizado também para expressar o sentimento de permanência e continuidade que o indivíduo experimenta em suas relações sociais e que ele perde no caso de pressões extremas. Em relação à vida cotidiana, o conceito de identidade se refere ao esforço do indivíduo em realizar uma síntese de sua ação, equilibrando as forças internas e as forças externas que influenciam esta ação, a qual é fruto da inter-relação de si mesmo com a realidade externa construída pelo grupo social (SAINSAULIEU, 1977). O conceito de identidade é caracterizado pela percepção da própria unidade e de uma continuidade temporal. A identidade é a percepção pelo indivíduo de que existem em si semelhanças consigo mesmo e também diferenças em relação aos outros que

caracterizam o seu estilo individual enquanto pessoa (ERIKSON,1972).

Nessa pesquisa, a identidade será vista como representação de papéis sociais por parte dos sujeitos, conceituada dessa forma para entender os tipos de modelos, representações sociais e relações que os jovens pesquisados buscam para a construção de sua identidade social (GOFFMAN, 1959). A identidade dos jovens estudados é construída na relação e ação com quem estes estabelecem com outros sujeitos sociais, sendo resultado das contínuas afirmações que estes fazem sobre si e sobre os outros (HOWARD, 2000). Nesse sentido, os jovens estão sempre marcando suas próprias identidades de forma múltipla e relacional cotidianamente.

Contudo, é no espaço da comunidade que as relações cotidianas dos jovens são estabelecidas. Nesse sentido, considerar o meio em que os entrevistados constroem sua identidade se torna relevante. A seguir situarei os jovens entrevistados no espaço comunitário, considerando os problemas sociais que os enfrentam nesse ambiente empobrecido.

## **2.7. As demandas dos jovens de comunidades de baixa renda**

No contexto de desigualdades sociais brasileira, os jovens pobres são as principais vítimas de um processo de um aniquilamento das condições sociais e materiais mínimas que propiciem o seu bem-estar (SOARES ET AL, 1998). Nesse estudo entende-se que a comunidade pobre é um espaço que se difere muito um do outro, por seus contrastes acentuados, pela cultura local, pela história das pessoas que ali residem e onde se encontram muitos indivíduos despossuídos das mínimas condições de vida. As comunidades pobres espelham as condições de vida dos jovens e as representações sociais hegemônicas que a sociedade faz destes. O aumento da pobreza é considerado o problema mais sério da juventude no Brasil, que trás, como conseqüência, as grandes doenças sociais (FARMER,

2003). O jovem pobre sofre de graves problemas sociais que determinam suas condições de vida, como o desemprego, a falta de acesso a moradia digna, ao sistema de saneamento básico, aos serviços de saúde e de educação de qualidade e a um meio ambiente protegido (SOARES, 1998). Em ambientes empobrecidos em que impera a desintegração social e a falta de recurso econômicos e sociais o jovem declina na marginalidade às drogas (MELUCCI, 1997). Nesses ambientes, os problemas da violência, das drogas, das armas são cada vez mais comuns e acabam por determinar as condições precárias de vida da população que ali habita, especialmente dos jovens (SCIENCE ET AL, 1998). Os problemas que enfrentam as comunidades pobres localizadas nas grandes cidades brasileiras representam o contexto de desigualdades sociais vividos pelos jovens pesquisados. A seguir, explicito alguns dos problemas enfrentados pelos jovens pesquisados que vivem em comunidades empobrecidas.

De acordo com dados da UNESCO (2002), no *Mapa da violência III: os jovens do Brasil: juventude, violência e cidadania*, 40% dos jovens de 15 a 24 anos de idade, 32 milhões, vivem em famílias em situação de pobreza extrema, ou seja, vivem em famílias sem rendimentos ou com até 1/2 salário mínimo de renda familiar per capita. Os homicídios, especialmente, têm se tornado uma verdadeira epidemia de violência que afeta diretamente os jovens das camadas sócio-econômicas mais desfavorecidas da sociedade brasileira (WAISELFISZ, UNESCO, 2002). Nas comunidades de baixa renda do município do Rio de Janeiro, os índices mostram uma população com baixo nível de escolaridade, apresentando uma taxa de 12,4% de pessoas com 7 anos ou mais anos de idade que ainda são analfabetas. Dentre as pessoas de 18 anos ou mais de idade, 71% não completaram ainda o primeiro grau e 12,7% não têm instrução (IBGE, 1999). Os dados apontam que parte da população (25,7%) das comunidades pobres do Rio de Janeiro é proveniente de outros estados do Brasil, oriundas principalmente da região nordeste. Os dados mostram ainda que nas comunidades pobres a taxa de desemprego de 13,1%, é grande entre a população, superior a taxa de desemprego

média (5,3%). Sendo o desemprego ainda mais preocupante para a população residente com idade entre 18 e 39 anos (IBGE, 1999). Entre os jovens pobres que estudam e não trabalham, a oportunidade de trabalho oferecida, mesmo que de ganhos imediatos e sem perspectivas a longo prazo, é preferida aos estudos. Assim, muitos jovens de camadas populares abandonam o estudo para trabalharem. Nota-se que esse tipo de preferência limita as expectativas de futuro dos jovens pobres, facilitando seu envolvimento em violência e à entrada para o tráfico de drogas (CASTRO ET AL, 2001).

No Rio de Janeiro, com o aprofundamento da crise econômica na década de 80, o mercado de trabalho formal recessivo e a ampliação do mercado paralelo significaram principalmente para os jovens de camada populares, o mercado das drogas (MINAYO E SOUZA, 1993). Os narcotraficantes encontram nos jovens de bairros populares uma mão de obra barata e disponível para seus negócios que incluem, além do tráfico de drogas, o roubo, os jogos de azar, a exploração sexual, a extorsão e venda ilegal de armas (DAYRELL Y CARRANO, 2002). No entanto, o problema do desemprego que mais afeta os jovens não é suficiente para explicar a adesão aos valores da subcultura criminosa (ZALUAR, 1990).

Os complexos comunitários do município do Rio de Janeiro atualmente são compostos por comunidades com diferentes graus de desenvolvimento, dependendo muito do seu nível de articulação política e de sua representação. A facilidade de acesso e circulação junto aos órgãos públicos, a organização e participação de seus moradores, e ainda a influência do crime organizado no conjunto da vida comunitária, muito tem influenciado na conquista de direitos sociais e na urbanização das áreas respectivas (CEDAPS, 2003).

Entender o que motivou os jovens pesquisados a participarem de projetos sociais e do movimento social representado pela Rede de Comunidades Saudáveis, seguindo caminhos diferentes dos que os escolhidos por outros jovens que habitam as comunidades empobrecidas foi relevante. A seguir veremos estes resultados.

## CAPÍTULO III

### A PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE JOVENS DE COMUNIDADES POBRES

*Os caminhos da libertação são os do oprimido que se libera; ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsabilmente (Freire, 1999).*

O presente capítulo expôs os resultados dessa dissertação levada a cabo depois de um longo ano de trabalho de campo. A partir do método de pesquisa escolhido, foi desenvolvido nesse capítulo as contribuições e reflexões que esta pesquisa trouxe para a participação social dos jovens de camadas populares. Pretendeu-se, a luz do interacionismo simbólico, dar conta das especificidades inerentes aos jovens pesquisados. A pesquisa usou o método etnográfico e as seguintes técnicas de pesquisa: observação-participante, grupo-focal e entrevistas semi-estruturadas em profundidade. O método etnográfico foi adequado, pois considera os pesquisados como reveladores das suas diferentes formas de apreensão da realidade vivida e contribuiu para olhar focado sob o ponto de vista dos jovens pesquisados. A etnografia foi significada dentro do marco conceitual do Interacionismo Símbólico (BLUMER 1969), norteador das análises do processo de interação dos jovens pesquisados. A perspectiva teórica do interacionismo simbólico permitiu a análise das relações sociais dos pesquisados, os significados que esses jovens de camadas populares atribuíram às suas escolhas e atuação nos espaços que participaram e participam. Esse capítulo traçará o perfil dos jovens entrevistados, cujos pseudônimos são: Paulo, Carlos e Bernardo. A vida desses jovens demonstra a capacidade que estes têm de trabalhar em prol do social e de se engajarem sócio-politicamente. Em seguida, os resultados mostrarão que a trajetória de vida dos jovens lideranças, bem como a participação social destes em projetos sociais governamentais e não governamentais e no movimento da RCS, contribui para a construção da própria identidade dos jovens pobres, enquanto jovens lideranças. Os jovens pesquisados, mesmo através de

estratégias educativas, apoio comunitário, parcerias estabelecidas fora da comunidade, enfrentam barreiras para o desenvolvimento do trabalho comunitário. Veremos como o trabalho comunitário provoca impacto na vida dos jovens pesquisados, pois estes melhoram suas condições de vida, através da aquisição de informações e conhecimento e se inserem no meio social. As demandas dos jovens pesquisados são analisados dentro do contexto das desigualdades sociais e dos problemas que enfrentam as comunidades pobres do Rio de Janeiro.

### **3.1. O método de investigação: Pesquisa etnográfica**

A etnografia caracteriza-se como uma descrição densa da experiência de vida do grupo estudado. Preocupa-se em obter um relato sobre o significado das perspectivas imediatas das pessoas estudadas, bem como das suas ações. Para Geertz, praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, mapear campos, manter um diário *"o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa"* (GEERTZ, 1989, p. 15). Supõe a presença prolongada do investigador no contexto social em estudo e o contato direto com as pessoas e as situações, sendo como *"tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências..."*(GEERTZ, 1989, p.20) em busca dos sistemas de representação e organização do universo investigado. Fazer etnografia é saber como os atores produzem seus mundos, as regras que os engendram e governam seu julgamento. A etnografia tenta compreender como é que os indivíduos vêem, descrevem e propõem em conjunto uma definição da situação em que se encontram. Fazer etnografia é tentar compreender a cultura em todos os seus aspectos, incluindo o aspecto simbólico, através do qual os indivíduos organizam suas vidas e tecem suas redes de significados (GEERTZ, 1989).

Etnografia é também conhecida como pesquisa social, observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa analítica, pesquisa hermenêutica. Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas de viver cotidianas de um grupo particular de pessoas que estão associadas de alguma maneira, que representam uma unidade social, seja ela formada por poucos ou muitos elementos (GEERTZ,1989). A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis do pensamento e comportamento humanos manifestos em sua rotina diária; estuda ainda os fatos, eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos (GEERTZ,1989; LÉVI-STRAUSS, 1964). Em etnografia observamos os modos como os grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de "revelar" o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem, com o objetivo de documentar, monitorar e encontrar o significado da ação (LÉVI-STRAUSS, 1964 apud MATTOS, 2001). O método etnográfico considera os pesquisados como reveladores das suas diferentes formas de apreensão da realidade vivida.

A escolha deste método justificou-se, pois permitiu enfocar sob o ponto de vista do jovem como entendem sua participação nos projetos sociais e como estes repercutiram em suas vidas. Permitiu a análise dos significados que os jovens pesquisados atribuíram em suas escolhas e atuação e das relações sociais que estabeleceram. O método etnográfico permite a utilização de técnicas múltiplas e a triangulação dos dados (VASCONCELOS, 2002). A fim de alcançar os objetivos propostos dessa pesquisa, as seguintes técnicas de pesquisa foram usadas: a observação participante, o grupo focal e a entrevista semi-estruturada em profundidade.

Inicialmente, numa primeira etapa, a pesquisa utilizou a técnica da observação-participante nas reuniões e eventos do movimento de Rede de Comunidades Saudáveis (RCS). Foi realizada a observação-participante de 10 reuniões da RCS entre junho de 2006 e

dezembro de 2007. Observou-se a inserção dos jovens pesquisados no movimento e em outros espaços de participação dos jovens, como o Fórum de Juventudes e o Fala Comunidade, bem como as interações estabelecidas com outras lideranças da RCS.

Realizou-se observação-participante de 6 reuniões mensais da RCS nos meses de junho a novembro de 2006 e observação-participante de 4 reuniões da RCS nos meses de agosto a dezembro de 2007. Estas aconteceram às primeiras quartas-feiras do mês e tiveram duração de 3 horas cada reunião. Com as observações realizadas totalizei 30 horas de observação-participante que foram anotadas no diário de campo e digitadas no computador. O registro dos dados foi feito através de anotações simultâneas no diário de campo, logo em seguida, estas foram digitadas e arquivadas no computador e analisadas posteriormente.

Foram observadas, também, três reuniões do Fórum de Juventudes, pois os jovens pesquisados disseram participar desse espaço social, sendo o Fórum um lugar de participação política dos jovens lideranças. Foi observada a primeira reunião, no dia 19 de abril de 2007; a segunda, no dia 25 de novembro de 2007 e, a última, no dia 17 de dezembro de 2007. Essas reuniões trouxeram luz ao entendimento das relações estabelecidas pelos pesquisados jovens junto a diferentes organizações sociais, militantes<sup>9</sup>, lideranças, ativistas<sup>10</sup> e gestores de ONGs, participantes do Fórum, os quais trabalham e/ou estão envolvidos com a temática da juventude. A partir da primeira reunião, observei que as reuniões do Fórum são marcadas consensualmente pelos participantes do Fórum. Todas as reuniões observadas aconteceram à

---

<sup>9</sup> Entende-se por militantes aqueles que se engajam ativamente politicamente, que tomam iniciativas para enfrentar os impasses que se apresentam na sociedade: propõem debates, organizam eventos que discutam temas polêmicos na causa que defende, lutam por mudanças sociais. São aqueles que experimentam o antagonismo entre preocupações sociais e aquilo que aprendem de uma forma ativa, tornando o que poderia encerrar-se em suas vidas privadas em inquietação pública (SOUZA, 1999).

<sup>10</sup> Ativistas são aqueles que privilegiam a prática efetiva de transformação da realidade em detrimento da atividade exclusivamente especulativa. O ativismo pode ser entendido como militância ou ação continuada com vistas a uma mudança social ou política, privilegiando a ação direta, ou seja, aquela que tem implicação concreta e imediata sobre o alvo. O ativista está envolvido em ações políticas diretas e indiretas sempre fora do âmbito institucional. Ele defende e protagoniza causas, sendo considerado “mais” que um militante e “menos” que um revolucionário (ASSIS, 2006).

tarde e tiveram cerca de 2 horas de duração. Durante a observação-participante, pude anotar em diário de campo a dinâmica da reunião.

O Fala Comunidade, evento anual da RCS que ocorre, geralmente, no fim do ano, no mês de dezembro, foi observado porque contou com a participação dos jovens dessa pesquisa. Em 11 de dezembro de 2007, pude observar o acontecimento do 1º Fala Comunidade Jovem da RCS. O Fala Jovem teve o objetivo de dar visibilidade aos trabalhos de prevenção às DSTS/AIDS desenvolvidos por jovens moradores das comunidades populares.

Numa segunda etapa da dissertação, realizou-se um grupo focal com quatro jovens previamente selecionados: três homens e uma mulher. O registro dos dados foi feito através de gravação e transcrição para o computador. O grupo-focal contou com a participação de dois relatores que fizeram o registro simultâneo dos dados em diário de campo facilitando a coleta dos dados. Através de um grupo focal com os jovens selecionados, buscou-se a discussão e reflexão dos jovens sobre o tema da participação juvenil. O grupo focal permitiu a fala dos jovens para temas da realidade social em que os jovens estavam inseridos. Foi adequado à medida que pôde enriquecer a pesquisa com dados mais gerais sobre o contexto social e econômico dos pesquisados. Baseou-se na interação entre os participantes da pesquisa e pôde gerar dados qualitativos, contribuindo para a contextualização dos jovens pesquisados, delimitando o ambiente em que vivem, bem como os problemas percebidos e experienciados pelos jovens (KITZINGER, 2000; VASCONCELOS, 2002; MINAYO ET AL, 1999). O grupo focal com os jovens ajudou a conhecer os jovens pesquisados e permitiu o aprofundamento das questões e a elaboração do instrumento de pesquisa para a realização das entrevistas. Essa ordem, também, permitiu uma melhor aproximação da pesquisadora com os entrevistados para marcação das datas de realização das entrevistas como última ação realizada.

Foram realizadas 4 entrevistas ao todo nessa pesquisa. Num primeiro momento, uma entrevista “piloto” com Francisco, técnico da ONG CEDAPS responsável pelo trabalho com

os jovens na RCS, e depois, num segundo momento, mais 3 entrevistas com os jovens selecionados. Essa primeira entrevista realizada foi chamada de entrevista “piloto”, pois permitiu fazer um mapeamento do funcionamento da RCS, das estratégias de ações deste movimento popular, assim como, possibilitou visualizar o público participante das reuniões da RCS. Francisco trabalha há 5 anos como técnico do CEDAPS e é o principal articulador da participação dos jovens na RCS. A entrevista foi gravada e transcrita para o computador. Através dessa entrevista, pude mapear a RCS e selecionar os jovens participantes da pesquisa. Selecionei os jovens entrevistados com base na atuação e participação destacada que estes jovens têm na RCS. Os jovens selecionados estão presentes na maioria das reuniões do movimento da RCS e tem trabalhos comunitários em suas comunidades. Estes não são os únicos jovens lideranças que participam, mas foram os mais citados na entrevista realizada com o técnico, demonstrando uma participação ativa.

A iniciativa de fazer a observação participante à priori, assim como a entrevista “piloto”, explicou-se pela necessidade de mapear o campo estudado. Esta entrevista deu subsídios para a criação do roteiro de entrevista (Anexo 1), que procurou abordar sobre a participação social dos jovens no contexto da pesquisa, e ajudou na seleção dos entrevistados.

A entrevista semi-estruturada em profundidade foi usada com a finalidade de investigar a inserção dos jovens nos espaços de atuação social, política e comunitária, bem como sua inserção no movimento da RCS e os efeitos dessa participação nas suas vidas, e, justifica-se porque permitiu ao jovem discorrer livremente sobre sua participação. Assim, a entrevista semi-estruturada foi usada de forma que permitiu a coleta de informações sobre os jovens e os significados da sua inserção social e política.

Foram realizadas 3 entrevistas abertas e em profundidade com os jovens selecionados. Todos os entrevistados foram do sexo masculino. Embora o grupo-focal contasse com 4 jovens, uma jovem participante do grupo-focal, do sexo feminino, não foi selecionada para a

entrevista. A participante previamente selecionada embora não aparentasse, possuía 32 anos de idade, perfil fora da faixa etária estabelecida nessa pesquisa. Os jovens foram selecionados para a entrevista a partir da observação-participante realizada, do grupo-focal e da entrevista “piloto”. Todos os jovens entrevistados assinaram os termos do consentimento informado (Anexo 2) e preencheram a ficha sócio-demográfica (Anexo 3) com dados gerais dos participantes. Essas entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas.

### **3.2. Os jovens pesquisados nos espaços de participação social: Fórum de Juventudes e Fala Comunidade**

Os jovens pesquisados não participam efetivamente das reuniões do movimento da Rede de Comunidades Saudáveis, pois nesse espaço há a presença de uma linguagem mais formal, sendo um espaço freqüentado principalmente por lideranças adultas. Segundo os pesquisados, o espaço de reuniões da RCS não é atraente para os jovens, uma vez que eles discutem as mesmas questões sociais, políticas, econômicas em outros espaços de forma mais descontraída e interessante para os jovens. Dessa forma, os jovens se sentem mais a vontade de falar nos espaços do Fórum de Juventudes. O Espaço do Fórum de Juventudes é um cenário de interação estabelecido pelos jovens, através do qual os jovens pesquisados têm oportunidade de enunciar diferentes opiniões. As reuniões do Fórum de Juventudes acontecem, geralmente, em uma sala grande disponibilizada pelo CEDAPS em sua sede, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, sendo de fácil acesso para os jovens que participam do Fórum. Dessa forma, os jovens privilegiam os espaços de reuniões do Fórum de Juventude, à medida que estabelecem um diálogo mais informal e direcionado para as questões dos jovens.

Atualmente, percebe-se que os movimentos juvenis são pautados por ONGs. No espaço das reuniões do Fórum, percebe-se que está ainda é dirigida pelos técnicos representantes das ONGs. Na observação participante realizada na reunião do Fórum de Juventude, percebe-se que os jovens pesquisados conseguem estabelecer um diálogo mais focado na temática da juventude, no entanto, essa participação ainda não é dominante. Os jovens ainda não são os responsáveis pela condução das reuniões do Fórum de Juventude, embora estejam presentes, não são eles que tomam a frente das discussões e debates que acontecem no espaço do Fórum, mas sim técnicos de ONGs que participam. Por outro lado, os jovens que freqüentam as reuniões, muitas vezes, precisam ser lembrados com antecedência e incentivados pelos técnicos a participarem das reuniões do Fórum, caso contrário, estas não terão a presença significativa de jovens. Segundo entrevista realizada com técnico do CEDAPS, Francisco, ele diz que é difícil o jovem ter voz, os movimentos juvenis são constituídos por ONGs que tem os adultos como os principais articuladores das ações sociais. Dessa forma, o que existe são ONGs de juventudes e não movimentos juvenis. Mesmo movimentos juvenis fortes, como o Hip-hop, o movimento negro, tem sido articulado por técnicos de ONGs.

Os jovens que participam das reuniões do Fórum, colaboram dando suas opiniões e são tidos, teoricamente, como atores sociais importantes por aqueles que defendem a sua causa, militantes, lideranças, técnicos de ONGs que trabalham com a juventude. No entanto, na prática esse discurso não é seguido. Ao chegar à minha primeira reunião do Fórum, me deparei com uma sala grande, confortável, com ar condicionado e com cadeiras dispostas em forma de um grande círculo. A minha surpresa foi encontrar essa sala preenchida por técnicos, de diversas organizações da sociedade civil, poucos eram os jovens presentes. Os técnicos em sua maioria estavam ali motivados pelo fato de trabalharem em alguma ONG que tem os jovens como “público-alvo”, pude perceber esse fato durante a fase de apresentação dos

participantes no início da reunião. Os jovens que vão as reuniões acabam sendo os mesmos que participam, entre eles estão sempre presente, Paulo e Carlos, dois jovens lideranças dessa pesquisa, o que mostra o engajamento desses jovens pesquisados.

Embora o discurso dos técnicos seja de tomar os jovens enquanto sujeitos e responsáveis pelas suas decisões, nas reuniões do Fórum, percebi que o jovem ainda é concebido, sobretudo, por aqueles que têm os jovens como bandeira de luta política e social, como objeto de investigação e público-alvo. Observando a dinâmica da reunião do Fórum, alguns técnicos disseram que aquele espaço não era o espaço dos jovens dentro do Fórum de Juventude e que o lugar de participação mesmo dos jovens se dava no Encontro de Galeras, evento articulado pelo Fórum. No Encontro de Galeras, os jovens são tidos como promotores e organizadores das atividades. De acordo com os participantes da reunião, as atividades do Encontro de Galeras giravam em torno de atividades esportivas, educativas e culturais. Um técnico participante do Fórum, justificando a ausência de alguns jovens, relatou que os jovens não se sentiam muito a vontade no espaço do Fórum de Juventudes, pois algumas ONGs representadas nesse espaço acham que a reunião do Fórum não é espaço para a participação dos jovens e sim, para técnicos, sendo uma reunião institucional. Segundo relato do Francisco, a participação dos jovens de fato acontece no Encontro de Galeras. Esse dado revela que há uma contradição presente na fala dos jovens pesquisados e dos técnicos. Enquanto que para os jovens lideranças o Fórum representa um espaço onde podem falar de forma mais espontânea e livre, esse fato não foi observado. O espaço do Fórum foi reconhecido por alguns representantes das ONGs como uma reunião mais técnica. Os técnicos das ONGs ainda percebiam os jovens como sujeitos passíveis de intervenção, uma vez que o Fórum na realidade ainda é dirigido por técnicos e, como relatado pelos técnicos, ainda é um espaço institucional.

As discussões do Fórum de Juventude focam a temática dos jovens. Os integrantes do

Fórum discutem diversas pautas políticas e sociais. Os temas debatidos giram em torno da juventude e direitos humanos; juventude e violência; juventude e a questão do tráfico de drogas, da pobreza. Observei que as pautas das reuniões são decididas coletivamente pelos participantes do Fórum. Os participantes se organizam em círculo e o início da reunião é normalmente pautada pelo técnico do CEDAPS, o Francisco. Demonstrando o domínio dos técnicos de organizações civis nesses espaços sociais. Na observação-participante da primeira reunião do Fórum de Juventudes do Rio de Janeiro, pude perceber que estavam presentes em média 15 participantes incluindo: representantes das instituições governamentais e não-governamentais (CEDAPS, IBASE, FASE, Projeto Legal, Escola da Gente, PROMUNDO, CEASM, Sobrado Cultural), além de jovens lideranças e jovens de projetos sociais de ONGS. A maioria dos representantes, cerca de 10 participantes, eram jovens técnicos de ONGs, engajados com a questão da juventude. A minoria dos jovens, 5 deles, eram integrantes de projetos sociais. Os jovens técnicos e os jovens lideranças, Paulo e Carlos, eram os que mais participavam, frequentemente expondo suas idéias, na tentativa de promover articulações políticas. A diferença entre técnicos jovens e jovens de comunidades populares está na posição em que ocupam. Os técnicos jovens embora sejam oriundos de camadas populares, são jovens contratados por ONGs para trabalharem com a questão da juventude como articuladores de jovens. Por outro lado, os jovens moradores de comunidades de baixa renda, são jovens que geralmente participam dos projetos sociais de instituições civis implementados em suas comunidades e que por isso, por vezes, são convidados a participarem desses espaços de discussões sociais. Na segunda reunião do Fórum observada, poucos eram os jovens que participavam novamente, cerca de 8 jovens, a maioria representantes das instituições não governamentais, incluindo os jovens lideranças. Durante a reunião, Paulo se destacava colocando em pauta suas opiniões. A pauta focou a importância da organização dos participantes do Fórum para a participação e representação na Conferência Municipal da

Juventude. Propostas foram tiradas para a mobilização da juventude. A reunião, mais uma vez, foi dirigida, não por algum jovem presente, mas pelo representante do CEDAPS, o Francisco. Esse dado nos remete a questão do papel do jovem no espaço do Fórum de Juventudes, uma vez que, mesmo em espaços destinados a participação e fala dos jovens, a juventude ainda é vista como objeto de ações sociais por aqueles que lutam pela causa da juventude.

No entanto, pela cidade ainda se encontram espaços em que a participação social dos jovens acontece de forma mais autônoma. O Encontro de Galeras representa um espaço privilegiado de participação social dos jovens lideranças. Segundo Paulo, o Encontro de Galeras é o espaço de atuação efetiva dos jovens, onde estes podem realmente falar de forma descontraída e espontânea. No espaço do Encontro de Galeras “os jovens são responsabilizados para pensar toda a dinâmica da reunião”. No contexto onde há menor controle dos adultos os jovens elaboram subjetividades coletivas em torno de culturas juvenis (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005). No Encontro de Galeras, os jovens promovem debates sobre as questões juvenis de forma descontraída, utilizando música, teatro, dança e cinema. Através das dinâmicas, oficinas e grupos sociais adquirem conhecimento de forma descontraída, utilizando estratégias que unem informação com lazer e aprendem se divertindo.

A observação-participante do Fala Comunidade Jovem, revelou que o vínculo estabelecido entre os pesquisados e a ONG, mostra que a inserção social de jovens pobres em projetos sociais governamentais e não-governamentais favorece o engajamento dos jovens em espaços sociais. Nesse evento, as apresentações e debates giraram em torno da atuação e as experiências de jovens envolvidos em trabalhos de prevenção em comunidades populares. A mesa de abertura do Fala Comunidade Jovem foi composta por Paulo, representando a RCS. Ele apresentou a RCS e focou a importância da participação dos jovens no espaço da RCS;

pelo Francisco, técnico do CEDAPS, representando a instituição; Maria, da Assessoria de DST/AIDS do Estado do Rio de Janeiro; Viviane, da Assessoria de Promoção da Saúde/SMS/RJ. Além destes, fazia parte da mesa de abertura mais dois integrantes jovens, Taís, representante da Rede Feminista e integrante do Conselho Nacional de Juventude e o jovem, Mário, representante do UNICEF. Essa mesa foi coordenada pela Daiane, do Clube de Adolescente do Morro do Alemão (Ver Programa - ANEXO 4). A representatividade do Paulo na abertura do Fala Comunidade Jovem revela o grande envolvimento deste jovem entrevistado em espaços de participação social.

A participação social dos jovens pesquisados no Fala Comunidade Jovem mostra que os jovens participam dos espaços públicos a partir da interação estabelecida nos projetos sociais que participam, levando-os a se vincularem a outros espaços sociais e de participação política. O Fala Comunidade Jovem pareceu cumprir seu objetivo, pois articulou diversos jovens para esse seminário. Durante a observação-participante do Fala Comunidade Jovem, percebi grande presença de adolescentes e jovens num auditório com capacidade para cerca de 150 pessoas, o público era jovem, cerca de 100 jovens participavam. A maioria dos jovens presentes eram oriundos de algum projeto social<sup>11</sup>. Da RCS pude identificar algumas lideranças presentes que tem trabalho desenvolvido com os jovens em suas comunidades. Os jovens de comunidades populares expuseram suas ações e experiências do trabalho de prevenção em suas comunidades, trocaram informações e compartilharam idéias. Durante o evento, alguns jovens da platéia se sensibilizavam com as falas dos jovens das mesas e sentiam a necessidade de compartilhar as suas opiniões também. Esta oportunidade foi dada aos jovens durante os debates realizados ao final de cada mesa. Foi interessante observar os jovens de diversas comunidades pobres falarem e serem ouvidos por seus pares, lideranças

---

<sup>11</sup> A conceituação de projetos sociais se insere dentro de um campo social teórico pouco estudado. Como a distinção de projetos sociais de ONG ou governamentais não foi feito pelos pesquisados, essa conceituação não foi relevante para essa pesquisa. Ver pág. 101.

comunitárias, representantes governamentais, gestores sociais, sociedade civil. O Fala Comunidade Jovem mostra que os jovens participam dos espaços públicos a partir da interação estabelecida nos projetos sociais que participam, levando-os a se vincularem a outros espaços sociais e de participação política. Na interação estabelecida com os outros, os jovens agem segundo o vínculo estabelecido consigo nas relações com os outros e são capazes de atuar em favor do coletivo, buscando espaços de participação social.

### **3.3. Traçando o perfil dos três jovens pesquisados**

Os jovens pesquisados estão na faixa etária entre 18 e 20 anos de idade. Dois jovens estão cursando o Ensino Médio e o terceiro já o concluiu. Todos os jovens se consideram negros, no entanto, de acordo com a classificação étnica do IBGE, são pardos. Os pesquisados estão envolvidos em mais de um projeto social, como vemos na tabela 1 (abaixo). Os jovens pesquisados são moradores de três comunidades pobres<sup>12</sup>, duas localizadas no Campo do Mathias e, a terceira, em Jardim das Palmas, localizadas na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

---

<sup>12</sup> Os nomes dos jovens pesquisados e das comunidades usadas são pseudônimos. Tais nomes foram substituídos por motivos éticos.

**Tabela 1: Perfil dos entrevistados**

<b>Pseudônimo</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor</b>	<b>Comunidade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Projetos que participa atualmente</b>
Paulo	19	Pardo	Jardim das Palmas	Ensino médio incompleto	PSPE (Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas) (governo); Babadão pela Promoção da Saúde (Ong Pela Vida)
Carlos	18	Pardo	Campo do Mathias	Ensino médio incompleto	Clube do Adolescente; PSPE (Projeto de Saúde e Prevenção nas Escolas), Projeto da Ong PROMUNDO; Redes Integradas (Unicef); Direitos e Direitos (Unicef)
Bernardo	20	Pardo	Campo do Mathias	Ensino médio completo	Agente Jovem; Clube do Adolescente; Pesquisa do CIESP.

A comunidade localizada na Zona Oeste, o Campo do Mathias teve sua ocupação na Serra da Misericórdia iniciada nos anos 40 e é hoje considerado um dos maiores complexos de favelas da cidade do Rio de Janeiro. Até os anos 80 a ocupação se deu através da venda de terrenos para famílias de baixa renda, principalmente de origem nordestina. Após este período, ocorreu uma grande explosão demográfica com uma ocupação desordenada, resultado das influências políticas que “permitiam” as ocupações dos morros e encostas. O Complexo do Alemão é hoje composto por 11 comunidades, a saber: Itararé, Grota, Morro do Baiana, Morro das Palmeiras, Morro do Adeus, Nova Brasília, Vila Matinha, Morro do Alemão, Mourão Filho e Parque Alvorada (CEDAPS, 2007).

### **3.4. Trajetória inicial dos jovens estudados**

A trajetória dos três jovens pesquisados tem semelhanças. O início do engajamento dos jovens em projetos sociais oferecidos por ONGs e/ou instituição governamental foi marcada pela oportunidade que tiveram em suas comunidades de participar desses projetos

sociais. Estes jovens antes de serem conhecidos como lideranças comunitárias, eram considerados como juvenzinhos aprendizes, que estão procurando saber alguma coisa. Os jovens entrevistados mostram características semelhantes com relação a capacidade de mobilização social, iniciativa e engajamento social. No entanto, algumas diferenças são percebidas na história de inserção social destes. O jovem Paulo se destaca um pouco mais com relação ao Bruno e ao Bernardo, pois trabalha atualmente como técnico no CEDAPS estando mais atento as questões sociais e políticas da juventude. A seguir conheceremos de forma resumida um pouco da trajetória de vida dos jovens pesquisados.

## ***O Jovem Paulo***

O início da trajetória de vida do jovem Paulo foi através do Projeto Agente Jovem, este se interessou pela “bolsa” que iria receber. Nesse projeto, a partir do conhecimento dos jovens, as demandas dos jovens e da comunidade eram trabalhadas. A partir desse processo, tendo demonstrado interesse no trabalho social e na metodologia do trabalho, através de sua participação ativa nas oficinas de discussão do projeto, Paulo se sobressaiu. Desde então, começou a freqüentar espaços de discussões políticas e sociais, como seminários, cursos de capacitação realizada pela ONG CEDAPS. Diz Paulo *“Que a gente protagonizava as ações, era a partir do nosso conhecimento que a gente elabora o que fazer na comunidade, do nosso jeito e isso foi me cativando”*. Essa fala demonstra a importância do desenvolvimento de ações conjuntas com o jovem. O jovem pobre deve ser responsabilizado por ações comunitárias.

Depois de um ano de envolvimento de Paulo no Projeto Agente Jovem, é convidado a representar os estudantes em Brasília. Na ida à Brasília, pôde participar da elaboração do Plano Nacional de Juventude. Posteriormente, passa a participar do Fórum de Juventude do RJ e também do grupo gestor estadual pelo Projeto Saúde e Prevenção na Escola. Em 2005, entra para o movimento da RCS e estabelece parceria com o CEDAPS.

Antes de sua inserção social-comunitária, Paulo relatou que sua mãe foi sua grande inspiração para as questões sociais que trabalha hoje. A educação que recebeu na infância o motivou a pensar e a lidar com os temas relacionados às drogas, sexo, sexualidade de forma aberta e com muito diálogo. Para ele, sua mãe tratava desses temas com muita liberdade quando era criança. No entanto, relata que hoje faz o que gosta, mas enfrentou barreiras familiares para participar dos projetos sociais. Paulo era impedido pelo seu pai de participar

dos espaços e encontros político-sociais, pois seu pai não gostava que ele participasse, e sempre escutava seu pai dizer que isso não daria vida, nem futuro para ele.

Sua identificação com o trabalho social, especialmente com os jovens, e também a busca de sua identidade, fizeram com que Paulo tomasse a decisão de afastar de seus familiares, pois nessa trajetória se descobriu homossexual. Diz Paulo que essa sua opção sexual não era aceita pela sua família de origem protestante, por isso teve que tomar uma escolha, seguir seu caminho e deixar o convívio familiar. Explica ele:

*Quando eu entendi que eu era homossexual e quis posicionar isso em mim eu tive que escolher: ou eu me posicionava diante de minha sexualidade, minha orientação sexual e me afastava de minha família, ou eu continuava me escondendo dentro desse círculo de dúvidas e continuava bem com minha família. Eu preferi pra não sacrificar meu trabalho com esses jovens, me afastar da família” (Paulo, 19 anos)*

Elementos de caráter simbólico são capazes de atribuir significação social às ações dos indivíduos (SHILS, 1961 APUD TEJERINA et al, 2006). Nesse sentido, a decisão que Paulo tomou de sair de casa, foi fortemente influenciada pelo sentido social que Paulo atribuiu a sua ação e a descoberta da sua homossexualidade. Converter a significação em algo partilhado, constituem o cerne de todo o grupo social, aquilo sobre o que descansa a especificidade de toda a sociedade, o centro simbólico ordenador da ação (SHILS, 1961 APUD TEJERINA et al, 2006). Paulo, assim, agindo em função do significado simbólico que atribuiu a sua escolha sexual, preferiu tomar a decisão de afastar de sua família. As estruturas simbólicas construídas nas interações regulam as mesmas interações e outras das quais o indivíduo participa (LAVALLE ET AL, 2006).

Antes de se inserir nos projetos sociais Paulo se considerava “*cru na comunidade*”, diz que não sabia de nada, não tinha o conhecimento que tem hoje e que era como qualquer garoto da comunidade. Paulo estudava e brincava como alguns jovens da comunidade. A interação com lideranças comunitárias, militantes e técnicos de ONGs contribuiu para a construção de sua identidade como jovem liderança. A existência de uma comunidade de

indivíduos, como as lideranças adultas comunitárias, que partilham de um referente comunitário, evita a necessidade do jovem de recorrer a instâncias alheias aos seus membros para alcançar o seu reconhecimento social (COHEN, 1985). Paulo, com o reconhecimento do seu trabalho social pelas pessoas dos espaços sociais por onde circula, tais como a RCS e o Fórum de Juventude, adquiriu novo *status* social. Através de suas habilidades, conhecimentos adquiridos e capacidade pessoal, Paulo pôde alterar seu *status*, uma vez que foi contratado para trabalhar como técnico da ONG CEDAPS. Além disso, a aquisição de conhecimento por parte do jovem pesquisado, o levou a indicação para ser o coordenador do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (PSPE) e a mobilizar outros jovens de sua comunidade.

Os jovens percebem seu trabalho comunitário como importante na construção do futuro dos jovens que eles mobilizam ao trabalho comunitário. Relata, como jovem liderança, que seu trabalho de mobilização social contribuem a elevação de sua própria auto-estima e, também, contribuem para o norteamento dos jovens das comunidades que residem que o faz ter satisfação pelo trabalho que realiza. Na entrevista realizada com Paulo, este demonstra ser apaixonado pelo que faz em suas falas. Exerce as atividades porque se identifica com as questões e causas sociais. Ao observar Paulo nos espaços sociais que frequenta (a RCS, o Fórum de Juventudes), percebo um jovem muito interessado nos temas debatidos nos eventos e encontros sociais. Paulo sempre tem algo para falar de sua experiência pessoal, seja representando a juventude, os estudantes, os moradores de comunidade pobres ou a si mesmo, enquanto homossexual. Paulo aponta que seu trabalho tem sentido porque este começou nele mesmo. De acordo com o interacionismo simbólico, Paulo estaria agindo de acordo com suas crenças e as relações sociais que estabelece. Os sistemas de valores de Paulo regulam suas decisões sociais.

Foi necessário Paulo trabalhar as questões sociais em si próprio, identificar-se com a idéia para que então seu trabalho ganhasse a qualidade e solidez que possui hoje. Paulo

demonstra interesse de ajudar os outros, mas não de forma assistencialista, pois acredita na participação social e no empoderamento das pessoas, especialmente, dos jovens da comunidade para mudanças sociais. O sentido das relações que se origina da interação social dos jovens com outros nos espaços que participam, Fórum de Juventude, movimento da RCS, constrói a identidade dos pesquisados.

Paulo assinala ainda uma diferença no seu trabalho de hoje na RCS, diz que exercia um trabalho na “ponta” quando lidava diretamente com jovens. Relata:

*Antes era mais fácil, porque eu hoje já não consigo falar mais com gírias, eu tenho muita dificuldade de gíria e tal, e isso afasta na verdade a comunicação, porque assim é legal você trabalhar de jovem pra jovem, mas não adianta ser um jovem que chega lá todo pomposo que fale com aquela linguagem técnica que eles não vão entender, e eu tenho dificuldade disso, porque de tanta informação, que eu fui me aperfeiçoando que eu não consigo mais tanto trejeito de falar com os jovens, mas não que eu seja diferente dele. (Paulo, 19, técnico, Jardim das Palmas).*

Portanto, a trajetória de vida do jovem Paulo, começou a partir da oportunidade diz que começou a se interessar pelas questões sociais e passou a fazer trabalhos voluntários nas escolas de sua comunidade, nesse trajeto pode capacitar-se, atuar e participar de espaços sociais-políticos, tendo que abrir mão do seu convívio familiar. Para isso, contou com o apoio de técnicos de ONGs, lideranças comunitárias, militantes e pessoas de instituições sociais que trabalham com os jovens. O jovem Paulo relata que tem agora um grande amigo na RCS e no CEDAPS, o Francisco. Para ele, Francisco foi o grande incentivador dele para as questões da juventude.

Paulo tem uma inserção política e social notável. Participa de dois diferentes projetos sociais e vem desempenhando diferentes papéis na cena social junto a ONGs (CEDAPS, Pela Vida) e no movimento social representado pela RCS. É representante dos estudantes no Fórum de Políticas Públicas da Juventude do Estado; gestor do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (PSPE) e coordenador do grupo de jovem: Grupo de Jovens Vivendo com AIDS.

Paulo participa dos encontros mensais da RCS; do Fórum de Juventudes; do Encontro de Galeras; de Conferências Municipais de Direitos da Criança e do Adolescente; de Conferências Nacionais, além de participar do Congresso Brasileiro de Prevenção e do Plano Nacional de Juventude.

Atualmente, Paulo divide o tempo entre essas representações sociais, estudo e trabalho. Na parte da manhã, Paulo estuda para o vestibular. Tem o sonho de cursar uma faculdade pública. Pretende cursar Psicologia, Pedagogia ou Ciências Sociais. Na parte da tarde, Paulo trabalha como técnico na ONG CEDAPS, ajudando na implementação de projetos e programas institucionais e governamentais, atuando como representante da juventude nos espaços de participação social e política.

### ***O Jovem Carlos***

A participação social do jovem Carlos começou quando este foi convidado pelo amigo a participar do Clube do Adolescente, projeto desenvolvido pela ONG CEDAPS. Seu interesse inicial foi participar dos passeios que eram promovidos pelo projeto. A partir daí ingressou em outros quatro projetos diferentes junto a ONGs sendo dinamizador de grupos de discussão, ligados a temática da saúde. O processo de engajamento inicial também contou com coordenadores ativos, que despertaram o interesse do jovem permanecer em projetos sociais, bem como indicá-lo a participação em outros projetos. Essa inserção motivou Carlos a frequentar outros espaços como o Encontro de Galeras e o Fórum de Juventude. Relata ter tido muito apoio de sua família na realização de seus trabalhos sociais e comunitários na comunidade que reside. O pai de Carlos e sua avó tiveram papel fundamental para a realização de suas ações. Seu pai cedia espaço dentro de seu bar para realização de oficinas. Sua avó contribuía para o lanche dos participantes das oficinas durante realização destas em

sua comunidade. Além desse apoio, Carlos contou com a parceria do CEDAPS, através de cursos de capacitação em recreação e materiais educativos; com o UNICEF, com pequena verba para lanche; como SESC, que cedeu salas para realização de oficinas.

Carlos diz que sempre quis sair da casa de seus pais, queria ter sua liberdade para sair com os amigos. Diz que seus pais sempre estabeleceu uma relação controladora. Segundo ele, sempre teve que “bater o pé” para conseguir sair de casa, pois sua mãe sempre o impedia.

Antes de sua inserção social, Carlos estudava pela manhã e na parte da tarde, fazia serviços de informática para moradores de sua comunidade, permitindo o acesso a internet para eles. Essa era a forma que Carlos ganhava dinheiro. Nos tempos livres, gostava de curtir com os amigos, ir para a Vila Olímpica e jogar futebol.

Carlos se considerava um jovem sem responsabilidade e sem referência antes de participar de projetos sociais. Fala que seus amigos e ele mesmo não tinham lei, faziam coisas de jovens, saíam pelas ruas xingando motoristas, atirando pedras nos ônibus e “ficavam” com as meninas. Seus amigos só falavam de favela, morro e bandido.

Atualmente, Carlos diz que tem amizade mesmo, totalmente diferente dos “tipos” que tinha. Pessoas que pensam no futuro e que participam de projetos sociais.

Ao terminar o Ensino Médio Carlos diz que pretende fazer faculdade de Psicologia. Atualmente, Bruno divide o tempo entre trabalhos em projetos sociais e estudo. Está cursando o 2º ano do Ensino Médio no turno da noite e trabalhando como coordenador do Projeto RAP da Saúde (Rede de Adolescente Promotores de Saúde) em sua comunidade em parceria com a Prefeitura do Rio e o PSF local. Segundo Carlos, o projeto tem o objetivo de encaminhar os moradores aos serviços de saúde de sua comunidade, levando também informações de saúde nos domicílios da população.

### *O Jovem Bernardo*

Por outro lado, a inserção social nos projetos sociais do jovem Bernardo partiu de seu interesse em fazer um curso. Bernardo por iniciativa própria buscou a associação de moradores e foi convidado a participar do Projeto Agente Jovem, aos 16 anos de idade. A partir daí participou de quatro projetos diferentes junto a ONGs sendo também dinamizador e facilitador de grupos de discussão, ligados a temática da saúde.

Antes de sua inserção social, Bernardo relata que só estudava e brincava com seus amigos da comunidade. Sua rotina diária resumia-se em estudar pela manhã e fazer as coisas que os meninos de sua idade faziam: jogar bola e soltar pipa, pela tarde. Diz que vivia a fase de curtição, comum aos garotos de sua idade. Segundo Bernardo, sua relação na comunidade e com a família era boa. Diz que seus pais sempre o incentivava aos estudos, procurando prover os materiais escolares necessários: cadernos, livros, lápis. Segundo ele, seus pais não estudaram, mas embora seus pais não pudessem ajudar com os exercícios de aula e tarefas de casa, seus pais sempre cobrava dele a frequência às aulas e a pontualidade. Bernardo diz que sua mãe sempre lembrava o horário de ir à escola.

No entanto, Bernardo diz, que diferentes de outros garotos de sua comunidade, gostava de frequentar igreja Católica nos finais de semana. Relata que a religião teve papel fundamental na sua vida, pois na igreja começou a participar de atividades com jovens e grupos. Revela que foi catequista e com essa função, ajudava nos ensinamentos da igreja. Para ele seu papel de liderança começou na igreja.

Bernardo se considerava um garoto tímido, sem perspectiva de vida e sem projetos de vida antes de seu engajamento social. Suas amizades também não tinham planejamento de futuro. No entanto, após a oportunidade que teve de participar de projetos sociais, hoje,

Bernardo diz que hoje tem amizades mais profissionais. Seus amigos atuais trabalham na mesma área que ele, pensam semelhante a ele e tem projetos de vida próximos as dele.

Atualmente, Bernardo frequenta espaços como o Encontro de Galeras, o Fórum de Juventude e participa do movimento da Rede de Comunidades Saudáveis (RCS), apesar do pouco tempo que dispõe. No momento atual, está trabalhando diariamente como agente de saúde na unidade de emergência do Médicos Sem Fronteira (MSF) em turno integral. À noite, estuda, iniciou o curso de graduação em Serviço Social na UERJ. Além disso, nos finais de semana trabalha como voluntário da ONG EDUCAP e participa das atividades de sua igreja.

### **3.5. Participação social dos jovens pesquisados**

*Está inscrita na experiência do amor a possibilidade da autoconfiança, na experiência do reconhecimento jurídico, a do auto-respeito, e por fim, na experiência da solidariedade, a da auto-estima (Axel Honneth, 2003).*

Os jovens entrevistados habitantes de comunidades empobrecidas do Rio de Janeiro, através de espaços criados por ONGS, como o Fórum de Juventude, têm atuado no cenário social. Os jovens pesquisados participam de Conselhos Municipais de Saúde, do movimento da RCS, do Fórum de Juventudes e do Encontro de Galeras, por exemplo. Jovens de todos os estratos sociais estão se envolvendo em distintas formas de participação social, desde as mais tradicionais relacionadas a partidos e organizações estudantis até as novas formas de mobilização social relacionadas com ações voluntárias de solidariedade, movimentações políticas instantâneas, grupos artísticos e esportivos, redes de religiosidade pouco hierárquicas, dentre outras ações coletivas de novo tipo (BOKANY E VENTURI, 2005).

A primeira vez que fui à reunião da RCS foi interessante observar alguns jovens pobres oriundos de comunidades populares do Rio de Janeiro participar de um evento político-social que, a meu ver, naquele instante não parecia ter repercussão social significativa. No meio de tantas

discussões e reivindicações sociais, direito a saúde, ao saneamento básico, ao transporte, por parte de lideranças adultas representantes de suas comunidades naquela reunião, a presença de alguns jovens ali naquele espaço não parecia ter lógica, especialmente quando se tratava de jovens pobres. No entanto, essa observação inicial, representava um momento social através do qual denotava a presença cada vez mais significativa de jovens de camadas empobrecidas reivindicando seus direitos enquanto sujeitos sociais. Mostrando que jovens pobres têm se articulado em torno de movimentos sociais e ONGs (BOKANY E VENTURI, 2005).

O engajamento dos jovens pesquisados nos projetos sociais ocorreu de forma semelhante, estes foram oportunizados nas comunidades onde residiam. Alguns fatores foram decisivos para o interesse inicial desses jovens. Estes relacionaram-se, primeiro, com a necessidade de trabalho; segundo, com a busca de opções de lazer e, terceiro, com a identificação dos jovens com pessoas e com o trabalho social. Os jovens foram inseridos nos projetos e movimentos sociais por convite de alguma pessoa próxima (amigo, liderança) ou por iniciativa própria. As escolhas juvenis refletem as opções da maioria da sociedade onde estão integrados, os jovens de hoje, tanto quanto as de ontem, está atenta e não alienada do meio em que está inserida (BOKANY E VENTURI, 2005).

A identidade social dos jovens enquanto “jovem liderança” foi produzida pela interação entre indivíduos que faz referência às orientações da sua ação, como pelas oportunidades e limites nos quais a dita ação tem lugar (MELLUCI, 1988). Assim, conforme os dados apontaram, os jovens pesquisados inicialmente aceitam ao convite para participaram dos projetos sociais à priori por interesse em obter trabalho. Segundo eles, é muito difícil conseguir emprego na faixa etária em que se encontram e, por isso, alguns projetos sociais acabam sendo uma alternativa ao desemprego para estes jovens. Como disse Bernardo (20 anos, GF, morador do Campo do Mathias): “assim eu acabei vindo um pouco mais para os

*trabalhos sociais em função disso também, por não ter derrepente uma qualificação, (...) o desemprego é um problema para os jovens”.*

Por outro lado, um dos jovens se engajou nos projetos sociais por causa das oportunidades de lazer oferecidas, como opções de passeio, jogos. Conforme a fala de Carlos (17 anos, morador do Campo do Mathias): *“Meu interesse, no começo, como a gente não conhece, era os passeio [sic]”.*

Dessa forma, os jovens pobres são motivados a participar de projetos sociais inicialmente por não terem outras oportunidades no mercado de trabalho. Suas motivações para as questões sociais partem de interesses profissionais, como diz Paulo:

*Achava que era uma oportunidade de emprego. O Projeto dava uma bolsa, então, na verdade, no começo eu fui por interesse mesmo de bolsa, mas logo no começo, nos primeiros meses, eu comecei a me interessar pela proposta do Projeto, que era de trabalhar a comunidade (Paulo, 19 anos, morador de Jardim das Palmas)*

No entanto, suas trajetórias sociais mostraram que quando os jovens pobres estabelecem suas relações sociais, estes agem segundo os valores que regem suas interações sociais. Valores estes pessoais inicialmente individuais, de conseguir trabalho, se realizar profissionalmente ou de crescimento próprio, mas depois segue crenças coletivas, essas baseadas na solidariedade e participação social. A decisão de permanecer nos projetos sociais é definida pela identidade social que constroem (LAVALLE ET AL, 2006). Desse modo, valores sociais dos jovens atuam regulando suas decisões pessoais. Os jovens entrevistados se inserem em mais de um projeto social e participam das reuniões do movimento denominado Rede de Comunidades Saudáveis (RCS).

O engajamento e a continuidade nos projetos sociais dos jovens pesquisados dependem inicialmente da identificação com pessoas que realizam o trabalho social de forma comprometida. De acordo com as falas dos jovens pesquisados, a continuidade da participação dos jovens nos projetos sociais comunitários contou com alguém que os motivou

a participar. Os jovens relataram que se identificaram com pessoas de referência durante as atividades desenvolvidas no projeto social que participaram. Segundo eles, pessoas comprometidas com o trabalho com os jovens, tratando-os como sujeitos, são exemplos a serem seguidos por eles. Os dados mostram lideranças comunitárias destacando-se na mobilização dos jovens pesquisados.

No início da inserção dos jovens pesquisados em projetos sociais os jovens agiram com base nas expectativas esperadas pelos coordenadores dos projetos, levando-se em conta as ações destes na condução dos projetos. Nos projetos, como o Agente Jovem e o Clube Comunitário de Adolescentes, os jovens pesquisados relatam que os coordenadores esperava que os jovens se envolvessem nos trabalhos desenvolvidos e participassem de forma ativa, freqüentando todas as reuniões. Os jovens lideranças revelam que se envolveram e se destacaram nos projetos, pois ajudavam os técnicos com as atividades desenvolvidas, coordenação das oficinas, grupo-focal e dinâmicas de grupo.

As atitudes deles de continuarem nos projetos foram fortemente influenciadas pelos que os coordenadores fizeram. Os técnicos influenciaram os jovens de forma positiva, propondo atividades interativas, dinâmicas e atribuindo responsabilidades aos jovens participantes. Assim, de acordo com a forma que os técnicos agiram, os jovens pesquisados puderam imitar as ações de conscientização, de motivação, participação e mobilização social destes líderes e ativistas e criar para si valores, como igualdade, liberdade, elaborando para si significados de responsabilidade social, agindo segundo as crenças individuais e coletivas de fraternidade e solidariedade que queriam transmitir. Esse fato demonstra que a interação dos jovens pobres com as lideranças é um misto resultante, de um lado, da interação em que o indivíduo participa e, de outro, de sua própria vontade em participar (GOFFMAN, 1959).

De acordo com Strauss (1999), a ação não é apenas um meio de fazer, mas um modo de ser (STRAUSS, 1999). A ação pode tornar-se um objetivo importante em si mesmo com o

qual o indivíduo pode se identificar até as profundezas do seu ser (STRAUSS, 1999). Assim, com o intuito de constituir significados e alcançar seus objetivos os jovens se envolvem profundamente na sua ação, preocupando-se com ela e identificando-se com ela. Os pesquisados ao passarem pela experiência de participar de projetos sociais com o objetivo de atingir um fim, seja de obter capacitação pessoal ou adquirir informação, tiveram aumentado seu interesse no meio social que este tornou-se muito mais a sua principal preocupação do que o objetivo original que era de ganhar uma bolsa ou ter opções de lazer e passeios.

Assim, a eficácia no resultado dos projetos sociais depende também de pessoas que inicialmente saibam incentivar os jovens que residem em comunidades de baixa renda. Um dos jovens entrevistados revela que se não fosse sua dinamizadora não estaria mais no projeto. Como exemplifica a fala do Bernardo: *“a minha cabeça foi mudando, graças a dinamizadora que tava lá.”* (Bernardo, GF). *“a minha orientadora fazia isso, sempre incentivando a gente, gente vamos trabalhar, vamos fazer, e a gente acaba fazendo por conta própria”* (Bernardo, 20, entrevista). A fala do Carlos também demonstra esse resultado: *“a nossa dinamizadora era super ativa, sempre motiva a gente em tudo, sempre incentivava a gente a ta trabalhando os temas da melhor forma”* (Carlos). A fala do jovem Paulo abaixo mostra a importância de se ter pessoas que sejam modelos para a juventude no incentivo a participação social:

*Ele é uma pessoa hoje eu me espelho muito, (...) nessa minha caminhada, tem o dedo dele em quase todos os momentos. Que ele mesmo que oportunizou o fato de eu estar em determinados espaços. Porque ele sempre foi uma pessoa que está lutando pela questão da juventude, de estar participando, da juventude protagonizar, enfim, ser ator mesmo e por causa disso eu comecei a aparecer (Paulo, 20 anos).*

Na observação-participante da RCS percebi que algumas lideranças adultas têm um discurso autocentrado, ou seja, voltado para suas próprias iniciativas e ações sociais sem considerar outras visões e opiniões coletivas. Este discurso toma o jovem como objeto de suas ações e acaba estigmatizando os jovens como sujeitos passivos. Por outro lado, na RCS, há também a presença de outras lideranças adultas que consideram os jovens como co-

participante de suas ações. Este perfil de liderança tornam-se a inspiração dos jovens pesquisados.

Algumas lideranças adultas estabelecem com os jovens uma relação igualitária e horizontalizada, demonstram em seu discurso o reconhecimento dos jovens enquanto sujeitos de direito. Suas ações são voltadas para propostas participativas e lúdicas. Essas lideranças conseguem mobilizar o jovem da comunidade em suas ações sociais, pois concebem o jovem enquanto ser pensante e valorizam a fala do jovem. A adesão dos jovens aos projetos sociais relaciona-se com essa valorização da voz dos jovens. Posturas autoritárias afastam o envolvimento dos jovens em projetos sociais comunitários. A lealdade e a permanência dos indivíduos nas ações sociais é garantida pela valorização da voz dos sujeitos (HIRSCHMAN, 1970), nesse caso, dos jovens pesquisados.

Algumas características da liderança adulta fazem com que os jovens pesquisados se identifiquem com o trabalho social desenvolvido pela liderança. A forma de falar, descontraída e espontânea; o estilo de roupa, mais modernizada e erotizada; a aparência física, uso de tatuagens; personalidade ousada, conquistam os jovens para o trabalho conjunto com a liderança adulta. Lembro-me a primeira vez que vi Bombom na reunião da RCS, ela usava um top com um blazer por cima, um micro-short, que era coberto pelo blazer e sandálias de salto, com tiras que se cruzavam pelas pernas. Ela possuía várias tatuagens pelo corpo e usava *piercings*. Todos notavam sua presença, chegava falando alto. Seu tom era ousado e espontâneo, se expressava de maneira jovial e sexualizada. A apresentação do *self* denotava um trabalho com os jovens. A identificação com os jovens estava presente na sua irreverência e na sua linguagem simbólica, demonstrando uma aproximação e interação com dos jovens. Nesse sentido, o estilo de algumas lideranças mobiliza mais os jovens do que o estilo de outras. Assim, a interação é estabelecida de forma diferenciada. A fala de Bernardo mostra esse fato:

*A X, por exemplo, ela me influenciou em algumas atividades que eu fiz, foi com o Agente Jovem de Prevenção as DST, a questão de criar Rap, de falar de uma forma mais descontraída de DST, entendeu, a gente vai sempre copiando, a forma do outro e criando a nossa, criando e adaptando informações, pra nossa realidade, com nosso jeito de ser, entendeu, (...) que eu me inspirei nela em algumas atividades e algumas coisas que ela fez (Carlos, 20 anos, entrevista).*

A partir de uma perspectiva interacionista, percebe-se que a questão simbólica (tipo de linguagem, apresentação física, modo de vestir) influencia diretamente a relação estabelecida no trabalho com os jovens. Os jovens são mais mobilizados a participar do trabalho social quando a liderança é capaz de "falar" a linguagem do jovem. A interação com as lideranças é a moeda de cooperação e troca com jovens. Formas participativas e mais dinâmicas de atuação são mais eficazes no trabalho com os jovens. *"A vida diária (trabalho diário) é a experiência de movimento através de uma cadeia de rituais de interação, que imprimem significado emocional a alguns símbolos e deixam que outros se enfraqueça"* (COLLINS, 2004:44).

Os pesquisados ao se engajarem nos projetos sociais acabam se vinculando a outros espaços sociais e de participação política. Entre os diversos espaços sociais e políticos que participam se destacam: a Rede de Comunidades Saudáveis, movimento social gerido pela ONG CEDAPS e o Projeto Agente Jovem, programa do Governo Federal desenvolvido por ONGs. Participam também de reuniões dos Conselhos Municipais<sup>13</sup> de Saúde como jovens representantes de suas comunidades. Todos os jovens pesquisados relatam participar do Fórum de Juventude. Este espaço de atuação social política tem sido importantes para os jovens desta pesquisa. O Encontro de Galeras é um evento de grande participação dos entrevistados também. A participação social inicial dos jovens entrevistados é marcada pela sua inserção em projetos desenvolvidos por ONGs nas comunidade onde residem os jovens, tendo apoio geralmente do Governo.

---

<sup>13</sup> Os Conselhos Municipais são instâncias criadas para propiciar que a população, mediante sistema representativo, acompanhe a implementação dos programas e das políticas setoriais.

Assim, após a identificação com o trabalho social, os jovens pesquisados se inserem em outros projetos sociais vinculados a ONGs, como o projeto Clube do Adolescente e o PSPE (Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas). As atividades de educação e saúde assumem papel estratégico no espaço escolar, permitindo a ampliação do enfoque de saúde como o de educação na vida dos jovens (Monteiro e Peres, 1992). A inserção e engajamento dos jovens em locais de participação social e política os estimulam a desenvolverem atividades sociais, como dinamizadores de grupos de discussão, representantes da juventude em espaços juvenis como o Fala Comunidade, os Conselhos de Juventudes e o Encontro de Galeras ou como palestrantes em suas próprias comunidades de temas sobre prevenção, saúde e sexualidade. Assim, os jovens pesquisados ao permanecerem nos projetos sociais, acabam por iniciativa própria desenvolvendo trabalhos sociais nas comunidades que residem. Portanto, os jovens pesquisados ao se identificarem com o trabalho social-comunitário não querem deixá-lo.

A forte identificação dos jovens pesquisados com o trabalho social comunitário faz com que eles atuem em suas comunidades e nos projetos que estão inseridos de forma espontânea e voluntária. Quando os projetos sociais se encerram, bem como expiram suas bolsas, os jovens pesquisados mesmo sem financiamento passam a desenvolver algumas ações sociais em suas comunidades por iniciativa própria, como o chamado Camelô Educativo. Carlos explica como é realizado o Camelô Educativo:

*Pega mesas, forra ela bonitinha, põe informativos, próteses, a gente faz um varal de perguntas e respostas, a gente faz brindes, tem cartilhas, a pessoa chega lá, fala 'ah quero saber', a pessoa chega lá e gente fala, se responder ganhar um brinde, dali a gente já vai levando pra outros, explica um pouco da necessidade do uso da camisinha, não é só porque você tem marido que você não vai usar camisinha e por aí vai, a gente vai fazendo trabalho do Camelo Educativo e passando essas informações para as pessoas da comunidade (Carlos, entrevista, morador do Campo do Mathias).*

A experiência de Bernardo mostra esse fato também: *a gente ficou mais 3 meses, voluntário, sem ganhar bolsa nem nada (Bernardo, 20 anos). Por outro lado, outras iniciativas sociais dos pesquisados contam com pequenos financiamentos e bolsas concedidas*

pelas parcerias estabelecidas com ONGs (CEDAPS, Pela Vida, Promundo). Ações dos jovens pesquisados são fortalecidas com uma pequena bolsa, que serve como ajuda de custo para as atividades realizadas. Alguns jovens relatam que desenvolveram muitos trabalhos comunitários voluntariamente, como oficinas de teatro e palestras em escolas. Conforme ilustra a fala de Paulo de 19 anos:

*E aí mesmo depois do projeto ter terminado, eu acabei fazendo trabalho comunitário dentro das escolas, principalmente trabalhando a questão da sexualidade durante algum tempo (Paulo, 19 anos)*

Os dados revelam que o engajamento social dos jovens pesquisados e sua permanência não representam uma alternativa a ociosidade. Os jovens participam de projetos sociais porque projetam seu futuro profissional e pessoal dentro desse campo de atuação. Dessa forma, não visam lucro ou dinheiro fácil e imediato, caminho percorrido, muitas vezes, por outros jovens. A fala do jovem pesquisado ilustra esse resultado:

*Que a gente tem que entender que o nosso compromisso, é primeiro o nosso compromisso, com a gente. Quando a gente tem isso claro na nossa cabeça a gente pensa no coletivo, se não não adianta, não surte tanto efeito (Paulo, 19anos, GF).*

A fala acima demonstra a consciência do papel social dos jovens lideranças. A identidade, com os seus componentes intencionais, cognitivos e afetivos, assim como os objetivos mais imediatos, pode-nos indicar os territórios pelos quais transitam os processos reticulares de solidariedade, de negociação e de construção das novas fronteiras da mobilização (TEJERINA et al, 2006). Territórios estes, dinâmicos, construídos no cotidiano das interações sociais estabelecidas pelos jovens pesquisados, que através dos vínculos emocionais e do reconhecimento de si expressam seu desejo individual em sociedade, participando socialmente.

Por outro lado, de acordo com os jovens pesquisados, da seriedade do trabalho desenvolvido inicialmente com eles, dependeu sua permanência e identificação com o trabalho social. Os jovens pesquisados criticam alguns projetos que não levam em consideração a qualidade do trabalho desenvolvido com os jovens. De acordo com eles, os

projetos não devem levar em consideração o número de jovens, mas a qualidade do trabalho realizado com os jovens. Para eles muitos projetos só estão preocupados com números e em trabalhar os jovens e não com os jovens. Segundo eles, projetos que valorizam os jovens fazem com estes desenvolvam interesse na área social. Conforme demonstraram as falas dos jovens Paulo e Bernardo durante o grupo focal realizado:

*Os grandes programas pros jovens envolve muito números, então assim, não é importante mudar a cabeça de um, mas é importante que tenha 50, independente se esses 50 vão sair de um jeito ou vão ser transformado, é indiferente, então assim, eu acho que isso que ta faltando, pessoas que tem interesse em trabalhar os jovens e não trabalhar simplesmente com os jovens (Paulo, GF)*

*Agora se eu tivesse entrando num projeto que tinha bolsa e que não me desse nada, não me oferecesse mais nada, uma pessoa que 'bom gente, pega um baralho aí, vamos brincar, vamos, pega qualquer coisa aí e pronto', se fosse uma pessoa assim, não teria me despertado nada. Não teria despertado a vontade de fazer o trabalho comunitário, eu poderia dizer que eu ia continuar na mesma, eu ia continuar na minha de só querer saber de me divertir, ficaria acomodado, ficaria na minha. Eu acho que falta isso (Bernardo, 20 anos, GF)*

Nesse sentido, a construção da identidade dos jovens pesquisados se dá de forma dinâmica, através de espaços sociais, Fórum de Juventude, RCS, que participam, e dos diferentes níveis sociais que freqüentam e, também, através de suas diferentes realidades. É um processo que decorre no dia-a-dia de sua trajetória de vida (MENDES & EUGÊNIO, 2006). Esses jovens constroem suas trajetórias de vida passando a largo das redes de tráfico e criminalidade que ronda o espaço comunitário e por fim, conseguem se destacar nos espaços e projetos sociais que participam.

Os dados apontam que a identidade dos jovens na RCS é construída no espelhamento dos trabalhos desenvolvidos pelas lideranças adultas que se dá de forma mútua. O processo de espelhamento é um processo dialético de reinterpretação de si, do outro e da realidade (GOFFMAN, 1967) na qual os jovens fazem parte e atuam. Observando e desenvolvendo trabalhos sociais em suas comunidades, os jovens conseguem se reconhecer, construir sua identidade e reconstruir sua realidade social. Dessa forma, os jovens estabelecem laços de amizade com as lideranças, se sentem acolhidos e identificam seu trabalho com os delas.

Estas incentivam os trabalhos desenvolvidos pelos jovens de forma igualitária. Sendo estas referências motivo de admiração. Há relação de parceria e respeito entre os jovens e as diferentes gerações participantes da RCS. Conforme vemos nas falas seguintes:

*Ela me influenciou em algumas atividades que eu fiz, foi com o Agente Jovem de Prevenção as DST, a questão de criar Rap, de falar de uma forma mais descontraída de DST, entendeu, a gente vai sempre copiando, a forma do outro e criando a nossa, criando e adaptando informações, pra nossa realidade, com nosso jeito de ser (Bernardo, 20 anos, entrevista)*

*Ela é uma pessoa super 10, super inteligente, super liderança mesmo, guerreira, batalhadora, eu admiro ela muito pela coragem, por tudo, por ela ser uma pessoa muito legal (Paulo, 19 anos, entrevista)*

Os jovens pesquisados respondem pela construção de uma identidade que incorpora papéis afinados a estruturas sociais específicas (STRAUSS, 1999). A estrutura social define a ação social Usualmente estrutura social é usada para descrever papéis, classe social, estratificação na sociedade, relações ordenadas de grupo. Os jovens pesquisados se inserem nos projetos sociais e acabam incorporando papéis específicos, são vistos como líderes comunitários, articuladores, facilitadores e representantes que lutam pela qualidade de vida de suas comunidades. Assim, a transformação de sua identidade passa por meio do desempenho de papéis (STRAUSS, 1999).

Participação social não é explicada apenas pelo vínculo social, mas pelo reconhecimento afetivo e emocional. Os jovens pesquisados estabelecem nos espaços que participam um ritual de interação (COLLINS, 2004). Através do qual estabelecem uma microsociologia das emoções e do comportamento (STRAUSS, 1999). Segundo Collins, a participação dos jovens nos projetos sociais demarca limites de inclusão e exclusão, sendo a análise desses rituais importantes para a compreensão da relação que se faz entre atores e a esfera pública (COLLINS, 2004). Os jovens pobres nesse sentido não apenas respondem ao que é socialmente esperado, mas também respondem segundo suas expectativas individuais. Os jovens pobres são capazes de enxergar a si mesmos, como se estivessem vendo-se de fora. Colocando-se no lugar do outro ou se colocando na mesma situação dos outros, podem agir

para si e para os outros, tornando-se agentes de suas próprias escolhas e decisões, compreendendo a situação e interpretando-a. Agem segundo os significados que as coisas têm para si, baseando-se na interação consigo e nas relações estabelecidas com os outros (GOFFMAN, 1967).

A capacidade de ação estratégica pode ser melhorada e exercitada através das interações com os outros indivíduos em diversos tipos de situação (VASCONCELOS E CRUBELLATE, 2008). No trabalho comunitário realizados pelos jovens pesquisados, algumas estratégias aprendidas nos diferentes espaços de participação são aplicadas por eles em suas comunidades, como a mobilização das pessoas da comunidade, busca de recursos e transmissão de informações educativas. Estratégias como o Camelô Educativo, grupos de teatro na comunidade; atividades esportivas e recreativas; oficinas de temas ligados à sexualidade e prevenção às DST/AIDS são exemplos de estratégias utilizadas pelos jovens lideranças. Bernardo exemplifica abaixo como realizou uma ação comunitária:

*A gente fez uma ação mobilização que teve degustação de comida que a gente fez, através de alimentação alternativa, teve lá, era doce de tomate, era coisas feitas com casca, suco com casca de frutas, aí teve cachorro-quente, nisso teve uma barraquinha de pescaria, tinha que brincar, várias coisas, foi uma ação social, a gente fez arrecadação de alimentos com torneio, a gente fez um torneio de futebol, um kilo de alimento não perecível de cada criança que quisesse participar, tinha que dar um kilo de alimento, a gente montou duas cestas básicas, comprou panetone, botou como se fosse cesta de Natal e aí a gente fez um Bingo, a gente deixou bem claro no convitinho que seria um Bingo pra poder, pra pessoas que passavam pegava a carteirinha e concorria ao bingo [SIC] (Bernardo, 20 anos, entrevista, morador do Campo do Mathias).*

Empenhar-se é uma ação continuada e relaciona-se o esforço que os indivíduos têm de alcançar determinados valores individuais que estes têm em alta estima (STRAUSS, 1999), como nesse caso, os jovens lideranças são capazes de se esforçarem para alcançarem determinados fins que se propõem. Considerando que os valores não são questões individualistas, o esforço pessoal costuma ser um empreendimento compartilhado (STRAUSS, 1999). Ou seja, estabelece-se na interação social.

Os jovens pesquisados apontam que as atividades são desenvolvidas nos mais variados espaços disponibilizados na comunidade, como associações de moradores, escolas e quadras esportivas. Na falta de espaços disponíveis, dois dos jovens relataram que fizeram da laje de sua casa e do bar do pai lugares de encontros educativos e recreativos. Como revela Bernardo: *Chegou um instante que não dava mais na Associação e aí meu pai cedeu espaço que ele tinha, que era tipo um salão e tal, aí a gente foi fazer as atividades lá (Bernardo, 20 anos, entrevista).*

O jovens pesquisados são automotivados para o trabalho comunitário. Os jovens estudados utilizam diferentes estratégias de mobilização dos jovens. A estratégia metodológica é importante para conquista de bons resultados no desenvolvimento do trabalho com os jovens. No trabalho desenvolvido pelos jovens pesquisados com os jovens de suas comunidades, ou seja, com seus pares, relatam que formas participativas, lúdicas e dinâmicas de atuação são mais eficazes no trabalho com os jovens. Os jovens lideranças na interação com os jovens das comunidades onde residem buscam conciliar lazer e educação. Para os jovens pesquisados, unir trabalho com divertimento é uma estratégia fundamental. As falas seguintes demonstram esse resultado:

*Porque acho que é uma coisa que chama o jovem mesmo, que é a questão de unir o trabalho social com o divertimento. Então assim, a princípio ele vão pensar em se divertir, mas aí a gente vai com uma gama de informações que aí eles vão se divertir mas aí a gente vai dando uma série de informações (Paulo, GF)*

*Está sempre com atividades regulares e sempre procuro tá fazendo atividades direcionadas pra tá ensinando alguma coisas pra eles e eles brincando e se divertindo, (...) se não fosse assim eu creio que baixaria esse número de participantes (Bernardo, 20 anos, morador do Campo do Mathias, GF)*

A mobilização para o trabalho social de jovens por jovens é outra estratégia importante. Segundo os jovens pesquisados, para mobilizar outros jovens ao trabalho comunitário, primeiro devem comprar a idéia e se identificam com ela.

Os dados mostram que estratégias são utilizadas pelos jovens quando precisam conseguir recursos seja para alimentação, seja para o transporte. Carlos diz que para conseguir lanche para as oficinas dos jovens já teve que pedir contribuição de cada um, contando também com a colaboração de sua avó. Bernardo relata que conseguiu mobilizar os jovens de sua comunidade para uma ação social beneficente. Diz que promoveu um torneio de futebol a fim de arrecadar kilos de alimentos para montar cestas básicas de Natal.

Ações individuais também são aplicadas pelos jovens pesquisados no trabalho desenvolvido em sua comunidade. Muitas vezes, os jovens se sentem mobilizados a tirar do próprio recurso a fim de ajudar o morador(a) de sua comunidade. Como ilustra a fala de Bernardo:

*A gente tirava do bolso pra pagar passagem do morador pra poder ta indo tirar documento (...) eu comprava cartão telefônico pra marcar dentista pro pessoal, (...), a gente via que se a gente não fizesse alguma coisa a mãe não ia cuidar daquela criança, por mais que a gente falasse, incentivasse a mãe não cuidava, e aí a gente tentava fazer a nossa parte, fazer por aquelas pessoas, mas aí tudo chega nos nossos recursos” (Bernardo, 20 anos, entrevista)*

Os jovens pesquisados contam com apoios para suas ações e estabelecem diversas parcerias para realizar suas atividades comunitárias. A articulação de pessoas é fundamental para o desenvolvimento dos projetos. Conforme revelam as seguintes falas:

*Procuro ta dando o melhor de mim naquele trabalho ali, eu vou lá na empresa consigo um ônibus, dou uma chorada aqui no CEDAPS, pô libera pelo menos o lanche que o ônibus eu já consegui, daí eles liberam o lanche, (...) Corri a comunidade toda pedido doação, e aí pedi aos meninos uma colaboração pro lanche (...) Aí foi, pedi ajuda de cada um, todo mundo deu. (Bernardo, 20 anos, entrevista)*

*Agora tem a parceria com o SESC, que tudo que é projeto de cultura, de arte eles entram em contato comigo, eu disponibilizo esses jovens do Clube, que é de aproximadamente 20, 25 jovens que eu tenho, né. Aí eu envio eles pra participar desses projetos, que eles estão participando de um projeto que é de teatro (Carlos, entrevista)*

Através da interação e da negociação entre os jovens lideranças e as parcerias estabelecidas, os jovens pesquisados influenciam e transformam os padrões nos quais basearam sua ação. Os jovens conseguem mobilizar os moradores da comunidade, os jovens da comunidade e, através de suas ações, conseguem levar outros jovens a participar de

projetos sociais e culturais. Se reconhece um certo grau de liberdade ao ser humano no que refere às suas escolhas e critérios de decisão (GOFFMAN, 1967), através da qual os jovens se sentem autorizados a participar socialmente.

No movimento da RCS, os jovens lideranças conseguem apoio de outras lideranças de diferentes comunidades para realizar suas ações. Através da ONG CEDAPS, principalmente, tem acesso a insumos como: camisinhas, próteses; e dispõem de materiais educativos e pedagógicos: álbum seriados, revistas, cartilhas, folderes, vídeos, DVDs, para desenvolverem as atividades que se propõem realizar. Os jovens pesquisados reconhecem a importância do trabalho da ONG em sua vida, como tendo papel fundamental para sua trajetória de participação social. Conforme diz Carlos, *o CEDAPS ele foi me colocando em várias situações de outros projetos [...] Então foi só, só energia boa, só positividade que o CEDAPS trouxe para minha vida (Carlos, GF, C. Alemão)*. As ONGs levaram para a esfera do trabalho social elementos significativos da livre iniciativa, levando para os jovens lideranças de comunidades populares técnicas eficientes de mobilização social.

### **3.6. A Rede de Comunidades Saudáveis (RCS) na vida dos pesquisados**

Os jovens pesquisados se identificam com a proposta da RCS. A estrutura em rede do movimento de RCS fortalece o trabalho desenvolvido pelos jovens em suas comunidades significando desenvolvimento, avanço, ampliação e visibilidade das ações comunitárias. Estas não se dão de forma isolada, mas são passíveis de troca na RCS. Tendo as lideranças como modelo de referência na RCS, os jovens pesquisados sentem-se motivados a dar continuidade ao seu trabalho. O trabalho desenvolvido pelas lideranças no movimento é fonte de motivação para o trabalho comunitário, ou seja, os jovens percebem as lideranças como atores importantes que os motiva a participarem de projetos sociais.

Os jovens pesquisados se espelham nas lideranças e se reconhecem como lideranças. Os pesquisados se destacam na RCS como lideranças porque lutam pela melhoria das condições de vida e saúde de suas comunidades. Segundo Bernardo, para os participantes da RCS, uma liderança é aquela pessoa preocupada com a sua comunidade, que representa a sua comunidade e tem o interesse de melhorá-la. Os jovens enxergam as lideranças como parceiras e iguais. Através do convívio com as lideranças da RCS os jovens adquirem saber cultural. Os jovens pesquisados relatam que conhecer as lideranças significa conhecer a comunidade que a liderança representa. Para os pesquisados isso é um fator mobilizador de seu engajamento social. Conhecer uma cultura diferente é encontrar seu caminho nesta cultura e aí participar. Essa idéia está presente na fala do Carlos:

*Que você conhecendo tão bem aquela liderança que você acaba conhecendo também a comunidade. Porque uma liderança meio que traz o que aquela comunidade tem, a cultura daquela comunidade, os problemas, enfim, o que a comunidade tem de bom ou ruim (Carlos, GF)*

Na fala dos jovens pesquisados, nota-se um discurso igualitário das relações estabelecidas no movimento da RCS, percebe-se nos seus relatos que há uma visão não hierarquizada da participação dos membros. Segundo os jovens pesquisados, não há diferença entre liderança jovem e liderança adulta. No entanto, a observação-participante da RCS mostrou que os jovens da RCS não têm o mesmo direito de falar que as lideranças. A relação entre as lideranças adultas e os jovens não são se dá mesma maneira.

Algumas falas das lideranças adultas da RCS, percebidas durante a observação-participante, deixou claro que existem várias representações destes acerca da juventude. Algumas lideranças adultas tendem a se referir aos jovens como preguiçosos e apáticos, remetendo ao mesmo estereótipo negativo divulgado pela mídia. Essas lideranças vêem os jovens como desinteressados e incapazes de proporem ações sociais, tratando-os como público-alvo. Entretanto, outras lideranças denominam os jovens como capazes de atuar de forma ativa e participativa, pois percebem essa atitude através dos jovens liderança

integrantes do movimento da RCS.

Na observação-participante da RCS, percebeu-se que embora o discurso dos participantes da RCS, especialmente a visão das lideranças jovens e adultas, sobre o espaço das reuniões da RCS seja um discurso focado na representação do movimento da RCS como um espaço de troca de informações e experiências comunitárias diversas, observa-se que a pauta sobre a juventude é sempre preterida. Os jovens lideranças reivindicam sua voz na reunião da RCS, no entanto, não têm força para que a questão da juventude seja uma temática recorrente nas reuniões. Os jovens pesquisados relataram no grupo-focal realizado que na próxima reunião da RCS a questão dos jovens seria trazida como pauta do movimento da RCS. Entretanto, este fato colocado pelos pesquisados não foi visto. No dia dessa reunião da RCS, em que a juventude seria discutida, pude observar que apenas o jovem Paulo estava presente e, como de costume, muitos foram às questões debatidas, os recados trazidos e as informações passadas na reunião que por fim, “não houve tempo” para a pauta da juventude nessa reunião. Logo, os jovens não têm sido sujeitos privilegiados das reuniões do movimento da RCS e acabam pouco se manifestando publicamente nesse espaço e pouco participado.

Os jovens representam o centro de atenção muitas ONGs e movimentos sociais que lutam pelo protagonismo juvenil. Todavia, observou-se nas reuniões do movimento da RCS que tal discurso acaba sendo de fachada. Na maioria das reuniões da RCS, os jovens acabam ficando como pauta secundária nas discussões dos temas da RCS. Por outro lado, pessoas convidadas para discutir algum assunto específico acabam tendo prioridade de fala na RCS.

Na RCS, os assuntos são demandados coletivamente. Foi observado que os temas escolhidos são decididos coletivamente, através de votação. No entanto, observou-se que, temas como participação juvenil não são atentados e tratados com real interesse. Os temas debatidos são variados e, geralmente, envolvem questões relacionadas com o meio-ambiente (água, preservação, reciclagem), a Agenda 21, o esporte e lazer, o PSF, a Política Nacional de

Promoção da Saúde, a prevenção de DST/AIDS, questões referentes às mulheres e a educação popular. Observa-se nas reuniões uma parcela muito pequena de jovens inseridos na RCS, participando de todas as reuniões, se mobilizando para as questões discutidas nas reuniões e mostrando suas ações sociais. Os jovens que de fato tem uma atuação política diferenciada na RCS são representados pelos jovens lideranças, destacando-se a participação do jovem Paulo e do Bernardo, por isso estes jovens pesquisados acabam se destacando.

Os jovens lideranças respondem a essa questão dizendo que uma vez sendo representados no movimento da RCS, se consideram satisfeitos. Os pesquisados não consideram a presença maciça dos jovens nas reuniões do movimento como fato relevante. Embora o espaço do movimento da RCS não represente um lugar de participação efetiva dos jovens, os jovens pesquisados consideram a RCS como um espaço de participação política fundamental para eles, pois significa mais um espaço de reivindicação dos direitos dos jovens e de troca. Para os jovens pesquisados, a representação de um jovem no movimento é suficiente para que as informações sejam passadas para os demais jovens que participam da RCS e dos projetos sociais.

A observação-participante da RCS, mostra que o discurso das lideranças da RCS que leva em consideração os jovens enquanto sujeitos sociais ainda não passa de idéias e conjecturas. Os jovens ainda são tratados enquanto objetos de seus projetos sociais, como público-alvo e não como sujeitos de ação. Assim, foi observado nas reuniões da RCS, o empenho de algumas lideranças adultas no desenvolvimento de ações de prevenção, reciclagem e educação em suas comunidades junto com os jovens de sua comunidade. No entanto, pude observar nas reuniões, através dos seus discursos e falas, que embora o empenho e vontade das lideranças fossem significativos, algumas mulheres lideranças trabalham para os jovens e não com os jovens. Os jovens são considerados público alvo e

objeto das ações sociais e não, sujeitos dos planejamentos das ações e das atividades coletivas.

É o caso da Bombom, uma liderança adulta, nas reuniões da RCS, ela me relatou que desenvolve trabalhos de profissionalização com os jovens, capacitação em informática, curso de cabeleleiro e manicure. Seu discurso mostrou uma grande valorização da moralidade, sua postura conservadora talvez explique o fato de não conseguir mobilizar muitos jovens da comunidade para oficinas e palestras. Pude perceber que sua relação com os jovens denota cobranças e verticalização da relação. O relato dessa liderança na RCS demonstra pouca estratégia de troca nas suas ações comunitárias com os jovens. No entanto, diz utilizar recursos próprios para fortalecer suas ações comunitárias. Tal fato pode ser explicado pelo lento processo de participação dos jovens na RCS. Em uma entrevista “piloto” que realizei com um dos principais organizadores da RCS envolvido com o trabalho dos jovens, foi destacado o reconhecimento da RCS pelo do trabalho dos jovens no movimento. No entanto, para ele esse processo de valorização do trabalho comunitário dos jovens pelas lideranças comunitárias não foi rápido, mas está sendo construído ao longo dos anos de existência da RCS.

No caminho percorrido pelos jovens lideranças, os dados revelam que problemas são enfrentados por eles na tentativa de darem continuidade as suas ações. A seguir os resultados abaixo mostram os problemas vividos pelos jovens pesquisados.

### **3.7. Barreiras para o desenvolvimento do trabalho comunitário**

A violência e as regras sociais impostas pelo crime organizado impedem o processo de participação social. O cotidiano baseado na violência exerce uma importante influência no processo de estabelecimento das relações comunitárias pelos jovens pobres. A presença das

armas, do comércio e consumo da droga interfere de forma direta ou indireta na vida dos jovens de comunidades em que o tráfico está presente (ESTRADA, 2006).

Os jovens pesquisados apontaram a presença da violência policial nas comunidades e o problema da falta de opções de lazer na comunidade, serviços de saúde, saneamento básico. No entanto, a violência estabelecida pelo tráfico não está presente em todas as comunidades. Nas comunidades em que há violência entre policiais e traficantes há maior dificuldade para o desenvolvimento dos trabalhos sociais pelos pesquisados. No Campo do Mathias, as duas comunidades onde residem os jovens líderes há presença do tráfico e, muitas vezes, nessas comunidades o projeto comunitário é interrompido por conflitos estabelecidos entre policiais e traficantes. Os jovens são impedidos de circular nas comunidades, tendo que parar suas atividades sociais. Por outro lado, na comunidade onde não há presença do tráfico, o jovem pesquisado relata que desfruta de tranquilidade e paz.

As experiências de vida dos jovens que vivem em comunidades de baixa renda se dão de forma diferenciada. As comunidades não são percebidas como iguais. Os dados apontam para diferentes percepções do espaço da comunidade pelos jovens pesquisados. Conforme as falas dos jovens:

*Porque eu não conheço todas as comunidades, eu acho que a gente falar de comunidade é um pouco particular mesmo, falar de comunidade, por mais que existam problemas que se assemelham umas com as outras é uma coisa muito particular, cada um vive seu mundo, sua realidade (Paulo, GF)*

*Aí que tá a particularidade de cada comunidade. A gente mora no [...], mas a minha comunidade é diferente da dele. A gente faz trabalho na comunidade e o meu trabalho não parou, diferente da dele (Bernardo, 20 anos, GF, morador do Complexo do Alemão).*

A falta de motivação dos jovens que vivem nas comunidades de baixa renda é outra dificuldade percebida pelos jovens pesquisados. Para estes, essa desmotivação dificulta dar continuidade ao trabalho social iniciados por eles em suas comunidades. Os jovens pesquisados consideram tarefa difícil o trabalho com os jovens. De acordo com eles, motivar, reunir, integrar os jovens para o trabalho social é tarefa complicada. Os entrevistados

relacionam esse fato a falta de interesse e credibilidade dos jovens pelos projetos sociais. Para eles, os jovens estão acomodados, como revela Bernardo e Paulo:

*Eu acredito que a dificuldade grande do trabalho é um pouco parecido com o que ela falou, eu acho que é mais dar continuidade ao trabalho, porque, as vezes, eu percebo uma determinada desmotivação por parte da comunidade, por parte dos jovens, a gente ver que tem até gente interessada, mas a grande maioria não acredita tanto no trabalho, então a gente acaba desmotivando, as vezes (...) acho que a desmotivação é um grande problema nas comunidades. (Bernardo, GF)*

*Não que eu veja eles não participando, mas simplesmente porque eles estão acomodados nesse nível de depressão mínima, eles vão levando a vida (Paulo, GF)*

A percepção do jovens que vivem em comunidades difere da percepção de quem olha a comunidade “de fora” (ESTRADA, 2006). De forma geral, as comunidades são percebidas pelos jovens como espaço de segurança, ambiente protegido do espaço “externo” e lugar de ajuda mútua.

No entanto, a imagem que se tem das comunidades pobres é massificada pela mídia. A mídia transforma o lugar das comunidades como espaços de carências, de faltas, de pobreza e privação, fazendo com que a sociedade em geral nutra um sentimento de medo com relação aos jovens moradores de comunidades empobrecidas (WACQUANT, 2001). Para os pesquisados, a percepção preconceituosa que a sociedade tem da comunidade é vista e reproduzida pela mídia. Para os pesquisados, a comunidade não deveria ser percebida como um ambiente fora da sociedade, lugar que representa medo, mas como um espaço que tem seus problemas, mas que tem sua organização. *“a comunidade não é imperfeita, ela vive dentro de uma organização, ela tem lá seus problemas, mas ela é organizada, tem as pessoas que vivem ali, tem pessoas que são felizes ali, que preferem viver ali” (Paulo, GF)*. Os pesquisados concordam com a opinião de Paulo, como vemos nas suas falas abaixo:

*Acho que ali também é seu espaço que você sente seguro, porque você está entre os seus, (...) porque no externo, no asfalto, você acaba se sentindo inseguro, porque você vai viver o preconceito de uma forma muito mais dura ou pesada, (...) Todo mundo acaba se ajudando ou de uma forma ou de outra. Ta todo mundo no mesmo barco (Carlos, GF)*

*Então você vai piorando de acordo com o que a sociedade vê. Então se você tem orgulho de morar na comunidade, mas aí você mora na comunidade, você é negro, sei lá, é homossexual, sabe, vai piorando porque as pessoas acabam recebendo isso da mídia (Bernado, GF)*

Os jovens pesquisados apontam que para o desenvolvimento do trabalho comunitário é necessário que os jovens se livrem de todos os estereótipos para poder atuar. De acordo com os pesquisados, os jovens das comunidades pobres são estigmatizados e discriminados. O estigma pode ser entendido, de acordo com esta perspectiva, como um sinal corporal que as pessoas vêem como evidência de que existe algo mal ou incomum no indivíduo que o possui. No caso de estigmas inerente às minorias étnicas, os estigmatizados são tratados como se não fossem normais ou humanos (GOFFMAN, 1982).

Segundo Paulo, um dos pesquisados, saber lidar com o preconceito e a discriminação é a primeira barreira que o jovem tem que enfrentar para trabalhar com projetos sociais. Os pesquisados relatam que ainda sofrem com a representação dominante que os considera como baderneiros, traficantes e marginais. De acordo com ele, as representações hegemônicas que a sociedade tem do jovem negro, morador de comunidade impede que estes sejam oportunizados, que consigam um emprego formal. As falas seguintes revelam os problemas levantados pelos pesquisados: *“Basta ser jovem que acabou com o cara, o jovem é baderna, vira bagunça, é baderneiro.” (Bernardo, GF).*

*A questão dos estigmas e dos estereótipo que o jovem carrega, que todo jovem homem, negro que mora na comunidade tem tendência pra entrar pra o mundo do tráfico, então isso é um estigma, então se ele quer começar a fazer um trabalho social na comunidade(...), ele tem que primeiro se livrar de todos esses estereótipos de todos esses estigmas e aí é um suador terrível pra poder ele se livrar disso tudo, pra poder aí sim, começar a desenvolver alguma coisa, então eu acho que essa coisa que colocam em cima dos jovens, essa marca de problemas mesmo, é um pouco difícil de lidar, com isso, então é um problema também.” (Paulo, GF)*

*A questão da mídia pesa muito, (...) porque vem eu acho que o grande problema dos jovens é identificar como sendo morador da comunidade, aí vai vim a tona aquela série de dificuldades, ter medo da comunidade, tem aquela visão das pessoas quando estão fora, ah é jovem da comunidade, porque não tá trabalhando, há é traficante (Bernardo, GF).*

*Deu pra entender o seguinte, que o pobre, o favelado, o negro, a pior faixa possível, está excluída da sociedade, que vai tentar resgatar, pegar o excluído e colocar na sociedade” (Carlos, GF)*

Os jovens pesquisados inseridos no contexto social e político expressaram seus significados e expuseram suas dificuldades ao lidar com as representações sociais dominantes. O ator social é socialmente construído. O indivíduo tem uma essência performática da vida social, através dos quais os atores vivem num cotidiano de dramas, teatros, jogos (GOFFMAN, 1959).

### **3.8. Impacto do trabalho comunitário no jovem**

A participação dos jovens pesquisados em ONGs e projetos sociais, tanto governamentais quanto de ONGs, revelam resultados relevantes desse estudo. Os dados apontam que os jovens pesquisados ao participarem de projetos sociais mudam sua trajetória de vida. Os jovens pesquisados deixam de ser moradores de comunidade pobres e passam a ser atores sociais, significando uma mudança relevante na sua identidade social. Assim, a participação nos projetos sociais é um fenômeno transformador da vida e da própria identidade dos jovens pesquisados. A participação dos jovens nos projetos fazem com que estes tenham uma “cara” nova. Como afirmou Carlos: *o Projeto me dá uma cara nova, olha ai, ‘esse jovem não, esse jovem está vindo aqui pra realizar um Projeto na comunidade (Carlos, Campo do Mathias, entrevista)*. O conceito de identidade designa a luta pela permanência dos meios sociais do reconhecimento de si e a capacidade do sujeito de atribuir sentido à sua experiência (SAINSAULIEU, 1977).

Os jovens estudados apontam que na medida em que foi dada uma oportunidade de participação para eles nos projetos sociais, suas trajetórias de vida mudaram. De acordo com os jovens, ao decidirem participar e se engajar nos projetos sociais sofreram o que chamaram

de transformação positiva, como diz Paulo: *mal sabem eles [jovens de comunidades] que a transformação é positiva (Paulo, GF)*. A participação nos projetos sociais significaram para os jovens pesquisados ampliação das suas perspectivas profissionais. A transformação também se mostra no estabelecimento de metas de vida pelos entrevistados. Como expressam os jovens entrevistados nas falas: *Então você vê a gente aqui, enfim, ninguém ficou rico, a gente não vê dinheiro, mas acho que na nossa vida mudou completamente (Paulo, GF)*.

*Antes de conhecer Clube, eu tinha um pensamento, eu tinha idéia de profissão que era ser professor de educação física e através do Encontro de Galeras que eu fiquei meio que coordenando um assunto, eu já quis ser advogado, e depois de advogado, eu quis ser Psicólogo, então a idéia vai mudando. Isso foi um impacto na minha vida. Agora eu já pretendo trabalhar nesse meio social, (...) eu não tinha idéia formada do que eu queria ser, era só mesmo essa, ser professor de educação física e ser jogador de futebol (Carlos, entrevista)*

Os jovens constroem seus projetos de vida na identificação com o trabalho social. A participação em projetos sociais representa para os jovens pesquisados reconhecimento social. Este ganho depende do acesso que os jovens pesquisados têm às normas ou regras sociais da cultura dominante. Através de sua inserção política os jovens tomam um rumo diferente do que o esperado socialmente. Os jovens esperam que tenham auto-respeito e consideração pelos outros, tentando salvar não apenas a sua própria imagem, mas também a de sua comunidade. Os jovens pesquisados demonstram necessidade de serem reconhecidos. É necessário o reconhecimento do papel social dos jovens estudados, suas contribuições particulares e coletivas ao meio social, pelos pares, pelo movimento social, pois estes influem na percepção que os jovens pobres desenvolvem sobre o seu valor social e no conceito que desenvolvem de si próprios (DEJOURS, 1993).

A luta por reconhecimento podem ser vista com a força moral que impulsiona desenvolvimentos sociais. O reconhecimento dos outros é um dos elementos fundamentais na construção da identidade do indivíduo, que ocorre de modo dinâmico, a partir de suas interações sociais “aqui e agora” (SAINSAULIEU, 1977). O reconhecimento do grupo social

é importante na formação da identidade dos jovens. O sentido dado ao trabalho da identidade e participação: o que o indivíduo espera de seu trabalho é também uma retribuição moral: o reconhecimento”. Na luta por reconhecimento social está a experiência do conflito nas interações humanas. É na experiência do conflito em sociedade que o sistema social interage com o sistema individual do indivíduo (SAINSAULIEU, 1977).

A relação entre a experiência de reconhecimento e a relação consigo próprio resulta da estrutura intersubjetiva da identidade pessoal: os indivíduos se constituem como pessoas unicamente porque, da perspectiva dos outros que assentem ou encorajam, aprendem a se referir a si mesmos como seres a que cabem determinadas propriedades e capacidades. A extensão dessas propriedades e, por conseguinte, o grau da auto-realização positiva crescem com cada nova forma de reconhecimento, a qual o indivíduo pode referir a si mesmo como sujeito (HONNETH, 2003).

Os jovens pesquisados ao participar de projetos sociais transformam sua perspectiva de vida e não se engajam apenas em um projeto social, mas a oportunidade de participação em um projeto abre espaços de inserção em outros projetos sociais e espaços sociais e políticos, como visto acima. Assim, os jovens pesquisados se movimentam por locais, como A RCS e o Fórum de Juventude, tendo possibilidade de ascender socialmente, uma vez que adquirem conhecimento e são convidados a participar de outros projetos sociais.

A participação em projetos sociais abre espaço, também, para a discussão de temas considerados “tabus” pela sociedade, como a questão da homossexualidade. Portanto, como foi visto acima, os dados corroboram que a participação dos jovens pobres em projetos sociais contribui para a afirmação da identidade do jovem, e para a quebra de preconceitos sociais existentes na sociedade e para o rompimento de valores tradicionais estereotipados.

De acordo com os dados pesquisados percebe-se mudanças nas relações familiares estabelecidas entre os jovens. Paulo relata a presença de valores familiares conflitando com

seu interesse profissional e pessoal. A percepção de sua família acerca de sua participação nos projetos sociais se deu de forma diferenciada, pois havia a presença de valores tradicionais e religiosos no convívio familiar. Para o jovem pesquisado, tais valores os impedia de afirmar sua identidade homossexual. A solução encontrada por esse jovem pesquisado foi deixar o círculo familiar para se engajar em projetos sociais e assumir sua sexualidade. O jovem Paulo, hoje não tem problema de assumir sua sexualidade nos lugares e espaços que frequenta, como na RCS. Como observamos em sua fala:

*Quando eu entendi que eu era homossexual e quis posicionar isso em mim eu tive que escolher: ou eu me posicionava diante de minha sexualidade, minha orientação sexual e me afastava de minha família, ou eu continuava me escondendo dentro desse círculo de dúvidas e continuava bem com minha família. eu preferi pra não sacrificar meu trabalho com esses jovens, me afastar da família (Paulo, 19 anos, Jardim Palmares, entrevista)*

Paulo ao se sentir responsável pelo grupo de jovens, na medida se identificava como parte integrante do grupo, alcançar os objetivos do grupo passou a ser o caminho para alcançar os seus próprios objetivos. Como apontou Strauss (1999), o compromisso com o grupo e consigo mesmo pode ser comparado a um revolucionário que abandona a família, a amizade e outros vínculos para devotar-se à causa coletiva. Segundo o autor, qualquer indivíduo profundamente envolvido na perseguição dos objetivos de grupos ou movimentos organizados ou não, por mais fraco que seja o compromisso, exige-se que continue a busca destes objetivos (STRAUSS, 1999). A compreensão do comportamento dos jovens devem dissociar-se de esquemas rigorosos, mas debruçar-se no propósito das interações. A ação do sujeito depende do significado que atribui ao objeto e da dimensão que a experiência tem para o sujeito, ou seja, da sua relação com o objeto. O conteúdo interno dos indivíduos e como agem no mundo define as situações conforme interação consigo mesmo e com o mundo. Por isso, na interação, as vivências do presente são dotadas de valor e significados (BLUMER, 1969). O indivíduo é influenciado pelos acontecimentos passados, pelo resgate de suas

lembranças, quanto pelo que está acontecendo no exato momento vivido (BLUMER, 1969).

Ao agir no presente, os jovens tanto são influenciados pelo seu passado quanto pelo presente.

Os dados dessa pesquisa apontam que os jovens inseridos em projetos sociais passam a ter projetos diferenciados de vida, ampliam sua rede social para espaços para além da comunidade e adquirem novo ‘status’ social. Segundo Paulo, isso pode distanciá-lo da comunidade. Tal mudança é refletida na sua nova forma de agir e de se comunicar, percebida na sua nova forma de falar e projetar a vida. As falas abaixo revelam esses resultados:

*Antes era mais fácil, porque eu hoje já não consigo falar mais com gírias, (...) e isso afasta na verdade a comunicação, porque assim é legal você trabalhar de jovem pra jovem, mas não adianta ser um jovem que chega lá todo pomposo que fale com aquela linguagem técnica que eles não vão entender, e eu tenho dificuldade disso, porque de tanta informação, que eu fui me aperfeiçoando que eu não consigo mais tanto trejeito de falar com os jovens (Paulo, 19 anos, entrevista)*

*Mas como hoje agente vai, meio que galgando algumas coisas, vai subindo alguns degraus e tal, e aí você vai perdendo esse contato direto com a comunidade (Paulo, 19 anos, GF).*

Os jovens que participam de projetos sociais se (re)apropriam de idéias, palavras, frases dos espaços que circulam, demonstrando uma estratégia de sobrevivência e reconhecimento social. Existe a aquisição de uma linguagem nova por parte dos entrevistados. Novos símbolos são utilizados e novas regras sociais são estabelecidas nas relações entre eles e seus pares. Estas regras negociadas passam a regular as interações entre eles nos espaços em que participam (GOFFMAN, 1967). Regina Novaes aponta que a utilização do termo favela x comunidade, por exemplo, é utilizada por jovens de áreas pobres do Rio de Janeiro de maneira diferenciada, mudando de acordo com situações de interesse e reivindicações junto ao governo (NOVAES in MENDES & EUGÊNIO, 2006).

É importante observar que os jovens pesquisados não fazem diferenciação entre projetos governamentais e não-governamentais. Independente dos objetivos ou abrangência, os jovens consideram de forma geral, os projetos como “projetos sociais”, participando deles da mesma maneira. Nesse estudo essa diferenciação também não foi levada em conta. No

entanto, considerar a idéia de projeto como uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas”, segundo caminhos escolhidos subjetivamente dentre um “campo de possibilidades”, recai dentro de paradigmas culturais compartilhados (VELHO, 1994), o que não foi o caso dessa pesquisa. A noção de projeto esbarra em algo que se tem que elaborar dentro de um campo de possibilidades, o qual implica numa avaliação de meios e fins de uma realidade construída socialmente. Nessa dissertação considere os efeitos da participação dos jovens pesquisados inseridos em projetos elaborados e implementados pelas ONGs que os jovens fizeram parte, bem como, por projetos governamentais.

Os dados apontam que a inserção em projetos sociais significa a ampliação de conhecimentos para os jovens pesquisados. A participação dos jovens representa acesso a informação, capacitação e ascensão social. Os jovens pesquisados relatam que foram capacitados/empoderados a falar de temas relacionados a sexualidade, prevenção, DST/AIDS, educação (inclusão), políticas públicas e, desse modo, acabam sendo convidados para representarem suas comunidades nos diferentes espaços. Os jovens pesquisados demonstraram que interagem com representantes governamentais e governamentais e demonstram capacidade de manter um grau de respeitabilidade frente a seus pares e lideranças comunitárias. Essa interação demonstra a capacidade que os indivíduos tem de participar através de canais de discussão sociais (GOFFMAN, 1959).

Os jovens pesquisados apontam que o fato de terem sido responsabilizados, desempenhando alguns papéis fez com que se sentissem valorizados e empoderados. Segundo eles o exercício de algumas ações sociais nos projetos sociais foi relevante para a elevação de sua auto-estima. Como relatam Carlos e Paulo nas falas seguintes:

*O que me marca até hoje é a responsabilidade que eles dão pros jovens, não é aquela coisa de ter preconceito,(...) eles te encaminham pra você apresentar projetos, pessoas que eu acho que lá fora eles não dariam essa habilidade para você, (...), é essa confiança, que eles confiam muito no nosso trabalho (...) é aquele voto de confiança mesmo que eles dão pros jovens. (Carlos, Campo do Matias)*

*Hoje eu sou muito mais realizado, menos confuso. E aí é legal, porque quando você chega na frente do público que você tá querendo atingir, você tá empoderado daquilo e você tem certeza do que está falando, então você não passa dúvida, você passa informação, na verdade você constrói informação junto com ele, mas de forma segura (Paulo, 19 anos)*

*E a importância de tá dinamizando com as crianças, você ser responsável por aqueles jovens, eles te vê assim, como uma pessoa 'ah você tá responsável pela gente', de poder tá monitorando eles (Carlos, C. Alemão)*

Por outro lado, os dados não apontaram indícios no que diz respeito ao que os jovens pensam com relação a um movimento juvenil. Os dados não mostraram nenhum resultado com relação a uma mobilização juvenil a nível coletivo e nada no que diz respeito ao fortalecimento de culturas juvenis. Atualmente, fala-se em mobilização de organizações juvenis, através das quais os jovens se articulam em redes, tendo ONGs como parceiras. A comunicação das redes juvenis, é facilitada pela internet, através dos “e-mails de grupos da Juventude, Conferência Nacional da Juventude ou em Rede de Juventudes, os jovens pesquisados precisaram estar ligados a uma ONG, está deve estar devidamente registrada (ter CNPJ).

No entanto, os jovens pesquisados demonstram consciência que o fruto de seu trabalho será colhido a longo prazo. Como ilustra as falas:

*Eu acho que isso é uma coisa que move todos nós né, a questão de trabalhar, trabalhar, trabalhar mesmo sabendo que não vai colher isso agora, porque é um trabalho formiguinha que vai sendo desenvolvido (Bernardo, 20 anos).*

*Você tá sendo uma referência pra aqueles jovens,(...), então você de certa forma, com seu trabalho, você tá tendo um acréscimo pessoal e profissional (Carlos, 20 anos).*

Este fato nos remete a fraca atuação social dos jovens enquanto grupo organizado e a necessidade de se criar e ampliar em diversas cidades canais de participação popular juvenil, a fim de se possibilitar a consolidação de novas identidades coletivas que se traduzem em mudanças de perspectivas de vida e melhoria da qualidade de vida, busca de alternativas de

atuação (DAYRELL, 2002). A ausência uma representação positiva dos jovens pobres, bem como de um conceito afirmativo da juventude, favorece a falta de identidade juvenil. Há necessidade de incentivar movimentos de juventudes que tragam um recorte afirmativo de identidade dos jovens que resultem em efeitos sociais positivos como percebidos nos resultados dessa pesquisa.

## CAPÍTULO 4

### CONCLUSÃO

Esse capítulo sintetiza as principais contribuições que essa dissertação trouxe sobre a participação social dos jovens de camadas populares no contexto social, comunitário e político do Rio de Janeiro. Essa pesquisa de mestrado apontará recomendações e sugestões no campo de políticas públicas para a juventude. Os resultados revelam que a inserção dos jovens pobres em projetos sociais contribui para a mudança de suas trajetórias de vida, favorece a participação em espaços políticos e os na construção e afirmação de suas identidades, ao mostrar que trabalham pelo coletivo e podem, assim, vislumbrar melhores possibilidades de vida para todos reduzindo as diferenças sociais.

Nessa direção, as representações que enxergam os jovens enquanto sujeitos da falta (apenas seres em transição para a vida adulta), ou como “sujeitos problemas”, criam barreiras efetivas para o reconhecimento dos jovens enquanto sujeitos de direito, capazes de atuar no cenário político e ser responsabilizados pelas suas ações (SPOSITO, 1997). Os jovens pesquisados inseridos no contexto social e político expressaram seus significados e expuseram suas dificuldades ao lidar com as representações sociais dominantes. O ator social é socialmente construído. O indivíduo tem uma vivência performática: os atores vivem num cotidiano de dramas, teatros, jogos (GOFFMAN, 1959).

Essa pesquisa mostrou que os jovens habitantes de comunidades de baixa renda são capazes de se mobilizar e atuar em favor de si e das comunidades que residem. Os jovens estudados demonstram capacidade de organização e liderança e são capazes de criar estratégias para contornar problemas sociais atuando em favor da melhoria da qualidade de vida da comunidade, reivindicando melhores condições de vida e de saúde, atuando politicamente junto a órgãos governamentais e à sociedade civil.

Os jovens pesquisados, ao se inserirem em projetos sociais, acabam se identificando com o trabalho social e atuando na cena social. A trajetória dos três jovens pesquisados foi marcada pelo engajamento dos jovens em projetos sociais oferecidos por ONGs e/ou instituição governamental em suas comunidades. Muito antes de serem conhecidos como lideranças comunitárias, eram considerados como jovens aprendizes, que estão procurando aprender. Sua inserção em projetos sociais fez com que lutassem para melhorar suas condições de vida. O engajamento social dos pesquisados permitiu conquistar novos espaços de participação e de diálogo na reivindicação de direitos sociais. Elementos de caráter simbólico são capazes de atribuir significação social às ações dos indivíduos (SHILS, 1961 APUD TEJERINA et al, 2006). As estruturas simbólicas construídas nas interações regulam as mesmas interações e outras das quais o indivíduo participa (LAVALLE ET AL, 2006).

Atualmente os jovens percebem seu trabalho comunitário como importante na construção do futuro dos outros jovens que eles mobilizam para o trabalho comunitário. O trabalho de mobilização social dos jovens contribui para sua própria auto-estima e, também, contribui para o norteamento dos jovens nas comunidades. O acesso dos jovens aos projetos sociais deve ser aumentado. Os projetos podem significar pontes para a supressão de certas marcas da exclusão presentes numa sociedade de grandes desigualdades, uma vez que pode contribuir para o aumento da escolaridade e da capacitação profissional, bem como ajudar na afirmação de identidade dos jovens (DAYRELL, 2002).

É necessário o reconhecimento do papel social dos jovens estudados, suas contribuições particulares e coletivas ao meio social, pelos pares, pelo movimento social, pois estes influem na percepção que os jovens pobres desenvolvem sobre o seu valor social e na construção de sua auto-imagem (DEJOURS, 1993). A existência de uma comunidade de indivíduos, como as lideranças adultas comunitárias, que partilham de um referente comunitário, evita a necessidade do jovem de recorrer a instâncias alheias aos seus membros

para alcançar o seu reconhecimento social (COHEN, 1985). Converter a significação em algo partilhado, constitui o cerne de todo o grupo social, aquilo sobre o que descansa a especificidade de toda a sociedade, o centro simbólico ordenador da ação (SHILS, 1961 APUD TEJERINA et al, 2006). O reconhecimento do grupo social é importante na formação da identidade dos jovens. O sentido dado ao trabalho da identidade e participação é fundamental, pois o que indivíduo espera de seu trabalho é também uma retribuição moral: o reconhecimento (SAINSAULIEU, 1977).

Os resultados apontaram que o fortalecimento de redes de apoio tem feito a diferença na vida de jovens que se dedicam ao trabalho social. Intervenções educativas e de apoio promovidas por ONGs, associações com financiamento em parte público e em parte privado, provenientes de fundações empresariais ou de empresas privadas, tem contribuído para mudanças sociais significativas nos jovens, como visto nessa pesquisa.

Os jovens pobres têm se articulado em torno de movimentos sociais e ONGS (BOKANY E VENTURI, 2005). Os jovens pesquisados não participam efetivamente das reuniões do movimento da Rede de Comunidades Saudáveis, pois nesse espaço há a presença de uma linguagem mais formal, sendo um espaço freqüentado principalmente por lideranças adultas. Os jovens privilegiam os espaços de reuniões do Fórum de Juventude, à medida que conseguem estabelecer um diálogo mais informal e direcionado para suas próprias questões. No entanto, percebe-se que os movimentos juvenis são “pautados” por ONGs. No espaço das reuniões do Fórum, percebe-se que ainda são dirigidas pelos técnicos representantes das ONGs; a juventude ainda é vista como objeto de ações sociais por aqueles que lutam por suas causas. O Encontro de Galeras representa um espaço de encontro dos jovens que participam de forma ativa e autônoma de atividades culturais. No Encontro de Galeras os jovens encontram lugar para a efetiva participação.

A capacidade de ação estratégica pode ser melhorada e exercitada através das interações com os outros indivíduos em diversos tipos de situação (VASCONCELOS E CRUBELLATE, 2008). A falta de motivação de muitos jovens que vivem nas comunidades de baixa renda é uma dificuldade percebida pelos jovens pesquisados. Para estes, essa desmotivação dificulta dar continuidade ao trabalho social iniciado por eles em suas comunidades. Não lhes parece uma tarefa fácil o trabalho com os jovens. De acordo com eles, motivar, reunir, integrar os jovens para o trabalho social é complicado. Os entrevistados relacionam esse fato a falta de interesse e credibilidade dos jovens pelos projetos sociais.

A percepção do jovens que vivem em comunidades difere da percepção de quem olha a comunidade “de fora” (ESTRADA, 2006). De forma geral, as comunidades são percebidas pelos jovens como espaço de segurança, ambiente protegido do espaço “externo” e lugar de ajuda mútua. Dessa forma, as estratégias para combater as desigualdades sociais devem incluir a geração de oportunidades econômicas e sociais para a juventude, como medidas que favoreçam a construção de redes de apoio e o aumento das capacidades dos jovens em situação de pobreza; devem também contemplar o conhecimento dos problemas locais e globais, para o estreitamento das relações entre os grupos, para fortalecer sua organização e participação em ações políticas e coletivas, para levá-los a constituir-se, enfim, como atores sociais e ativos participantes das decisões da vida social (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1999).

Diante dos resultados apresentados, percebe-se a necessidade dos gestores e planejadores reconhecerem e analisarem os múltiplos significados da realidade concreta das práticas e espaços de participação juvenil, a fim de estabelecer condições favoráveis para a participação dos jovens. Boas intenções políticas devem ser associadas a praticas efetivas de combate aos reais processos sociais, culturais e econômicos que enfrentem as distintas situações e vivências da juventude no Brasil (DAYRELL, 2002).

Há necessidade de fortalecer o processo democrático das definições das políticas para os jovens, multiplicando-se os atores envolvidos, os espaços e oportunidades de interação entre eles e instrumentando sua participação, pelo acesso equitativo a informações e conhecimentos pertinentes. Os jovens devem ser considerados como interlocutores significativos na formulação de políticas públicas e sujeitos de direitos. Os jovens pobres devem ser entendidos como atores, passíveis de participação, entendimento e diálogo. Políticas públicas de juventude ainda permanecem destinadas a um público mais amplo, com o qual os jovens têm que competir pelo espaço de entendimento (RUA, 1998:3).

Deve haver incentivo a pesquisas e projetos de pesquisas destinados aos jovens. Estas devem levar em consideração a particularidade dos diferentes grupos juvenis no imenso território brasileiro. Os recursos governamentais devem ser distribuídos de acordo com as necessidades sociais, setoriais, locais e regionais (DAYRELL, 2002). Formas associativas de jovens moradores de comunidades populares devem ser incentivadas.

Diante dos resultados apresentados, há necessidade de investimento na capacitação de profissionais de educação, saúde, segurança pública e dos demais funcionários públicos para a realização de trabalhos em comunidades populares voltados para a temática da juventude. Este investimento pode facilitar o alcance daqueles jovens que não buscam alternativas de vida, se não a vida do tráfico. Também aos jovens de comunidades pobres, devem ser oferecidos serviços de orientação profissional.

Há necessidade de incentivo à criação de campanhas e a publicações de ações positivas dos jovens de comunidades populares, bem como a criação de organismos que tenham a finalidade de monitorar os meios de comunicação.

Os jovens lideranças de camadas populares devem ter acesso aos equipamentos culturais e de lazer da cidade, bem como, ter a sua disposição esses equipamentos em suas comunidades para realizar os trabalhos sociais que se disponham fazer.

A participação social dos jovens de comunidades empobrecidas em projetos sociais traz contribuições significativas para a sociedade como um todo. A participação social dos jovens poderá induzir à redução das diferenças sociais entre ricos e pobres. Os problemas sociais devem ser enfrentados em uma perspectiva de construção coletiva e democrática, onde o processo de redução das desigualdades e enfrentamento da pobreza parta do esforço de todos os atores sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, maio-dez, p.25-36. [Número Especial sobre Juventude e Contemporaneidade], 1997.

ABRAMO, H. W.; FREITAS, M. V. & SPOSITO, M. P. (org.). **Juventude em Debate**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

ABRAMO, Helena Wendel & BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

ANDRADE, Gabriela Rieveres Borges de. **A dinâmica da participação da sociedade civil em conselhos de políticas sociais no município de Pirai** [Dissertação de Doutorado apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública. Orientadora: Vaitsman, Jeni]. Rio de Janeiro, 2007. 184p.

ASSIS, Érico Gonçalves de. **Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação. Dissertação de Mestrado, 2006.

BECKER, Daniel, EDMUNDO, Kátia, NUNES, Nilza Rogéria *et al.* Empowerment and participatory evaluation: lessons from a territorial health promotion program. **Ciência saúde coletiva**. July/Sept. 2004, vol.9, no.3, p.655-667. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232004000300017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000300017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso 10 mai. 2006.

BECKER, D., EDMUNDO, K. & BONATTO, D. Diagnóstico participativo em programa de Desenvolvimento Local Integrado Sustentável com foco na promoção da saúde – a experiência da Iniciativa de Vila Paciência. **VII CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE COLETIVA**, vol. I. Abrasco, Rio de Janeiro, 2003.

BÉNATOUÏL, T. **Critique et Pragmatique en Sociologie; Quelques Principes de Lecture**. In *Annales – Histoire, Sciences Sociales*, (2), mars/avril, 1999, p. 281-317.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da realidade**, Vozes, Petrópolis, 1989.

BLUMER, Hebert. Social Problems as Collective Behavior. **Social Problems**, XVIII, nº 3, 1971, p. 298-306.

BLUMER, H. **Symbolic interactionism: perspective and method**. Berkeley, University of California, 1969.

BOKANY, Vilma & VENTURI, Gustavo. Maiorias adaptadas, minorias progressistas. In: **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco (orgs.). São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005, 351-446.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. Aids e sustentabilidade: sobre as ações das organizações da sociedade civil**. Coordenação Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento**, v.1. Brasília, DF, agosto, 1999. 303p.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Cultura do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros**. In.: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martani (Orgs.). Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 175-214.

CAMARANO, Ana Amélia, MELLO, Juliana Leitão e, PASINATO, Maria Tereza *et al.* Caminhos Para a Vida Adulta: As Múltiplas Trajetórias dos Jovens Brasileiro. **Última década**, 2004, vol.12, no. 21 p.11-50. Disponible en: <[http://scielo-test.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-22362004000200002&lng=es&nrm=iso](http://scielo-test.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362004000200002&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 11 set. 2006.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. vol. 1, 6ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO-SANTOS, L. A. A vez da mulher camponesa: movimento social, identidade e saúde no Maranhão (um relato hirschmaniano). **Revista Brasileira de Estudos da População**, NEPO - Unicamp, Campinas, SP, v. 20, n. 1, p. 43-62, 2003.

CASTRO, Mary; ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças e RIBEIRO, Eliane **Cultivando Vidas. Desarmando Violências. Experiências em Educação, Cultura, Lazer**,

**Esporte e Cidadania com Jovens em Situação de Pobreza.** UNESCO, 2001

CASTRO, M. G. e ABRAMOVAY, M. Por um novo paradigma de fazer políticas públicas — políticas de/para/com juventudes. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, V. 19, Nº2. São Paulo, 2002.

CEDAPS. **Favelas e favelas.** Rio de Janeiro: Centro de Promoção da Saúde. 2003.

CHARON, J.M. **Symbolic interactionism: an introduction, an interpretation, an integration.** 3. Ed. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1989.

CLEAVER, Frances, 1999. Paradoxes of participation: questioning participatory approaches to development. **Journal of International Development**, 11, 597-612.

COHEN, Anthony P. **The symbolic construction of community.** London: Routledge, 1985.

COLLINS, Randall. **Interaction Ritual Chains.** Califórnia: University Presses of California, Columbia and Princeton , 2004, 464p.

COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas.** Brasília: a Comissão, 1998.

COSTA, A. C. G. O. Adolescente como Protagonista. **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento.** v. 1. Brasília: Ministério da Saúde, 1999.

CRUZ-NETO, O. & MINAYO, M. C. S. Extermínio, violentação e banalização da vida. **Cadernos de Saúde Pública**, 10 (Sup.1):199-212, 1994.

DAYRELL, Juárez y CARRANO, Paulo César R. Trayectorias y travesías juveniles en el Cono Sur. Jóvenes de Brasil. **Revista de Estudios sobre Juventud.** Nueva Época, año 6, núm. 17. México, D.F., julio-diciembre 2002.

DEJOURS, Christophe. Intelligence Pratique et Sagesse Pratique: Deux Dimensions Meconnues du Travail Réel. **Education Permanente**, 1993. n. 116, pp. 66-88

DEMO, Pedro. **Participação é conquista: noções de política social participativa.** São Paulo: Cortez, 1996.

DENNING, Michael. **A Cultura na era dos Três Mundos**. Ed Francis, São Paulo, 2005.

DUPAS, G.; OLIVEIRA, I. de; COSTA, T.N.A. A importância do interacionismo simbólico na prática de enfermagem. **Rev. Esc. Enf. USP**, v.31, n.2, p. 219-26, ago. 1997.

ERIKSON, F. **Adolescence et Crise - La Quête de L 'Identité**, Paris: Flammarion, 1972.

ERICKSON, F. Ethographic microanalysis of interaction. IN LeCompte, Millroy e Preissle (eds.) **The handbook of qualitative research in education**. New York: Academic Press, 1992.

ESTRADA, Nilza Rogéria de Andrade Nunes. **Caminhos para “resolver a vida”: Significados e alternativas de participação em uma comunidade popular da zona oeste do Rio de Janeiro**. Dissertação. (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

FARMER, Paul. **Pathologies of Power: Health, Human Rights, and the New War on the Poor**. Berkeley: University of California Press. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC; 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOFFMAN, E. The Neglected Situation. **American Anthropologist**, v.66, s/n, p.133-6, 1964.

GOFFMAN, E. **Interactional Ritual: essays on face-to-face behavior**. New York: Anchor Books, 1967.

GOFFMAN, E. **The Presentation of Self in Everyday Life**. New York: Anchor Books, 1959.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais – Paradigmas clássicos e contemporâneos**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

GOHN, Maria da Glória. **O Protagonismo da Sociedade Civil. Movimentos sociais, ONGs e redes solidárias.** São Paulo: Cortez, 2005.

GOHN, Maria da Glória (Org.) **Movimentos Sociais no Início do Século XXI.** Petrópolis, Vozes, 2003.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 3. ed. Petrópolis: Vozes; 1992.

HIRSCHMAN, A.O. **Getting ahead collectively:** grassroots experiences in Latin America. New York: Pergamon Press, 1984.

HIRSCHMAN, A.O. **Exit, Voice, and Loyalty: Responses to Decline in Firms, Organizations, and States.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1970.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais.** São Paulo: Ed. 34, 2003.

HOWARD, Judith A. Social Psychology Of Identities. **Annu. Rev. Sociol.** 2000. 26:367–93.

IBASE/POLIS. **Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas – relatório final.** Rio de Janeiro, 2005.

IBGE. Diretoria de Pesquisas. Departamento de População e Indicadores Sociais. **Pesquisa de Informações Básicas 1999.** Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

KITZINGER, J. **Focus groups with users and providers of health care.** In: Pope, C., Mays, N., editors. *Qualitative research in health care.* 2nd Ed. London: BMJ Books; 2000.

LAVALLE, Adrián Gurza; Castello, Graziela & BICHIR, Renata Mirandola. **Os bastidores da sociedade civil. Protagonismo, Redes e Afinidades no seio da organizações civis.** CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. SP, nov, 2006.

LANDIM, Leila. **Notas para um perfil das ONGS.** In: L. Landim e L. L. Cotrim (Orgs), *ONGs: um Perfil.* São Paulo/Rio de Janeiro. ABONG/ISER, 1996. pp ix – xx.

LANDIM, L. Experiência militante: Histórias das assim chamadas ONGs *in* LANDIM, L

(Org.) **Ações em Sociedade: Militância, Caridade, Assistência etc.** Rio de Janeiro. Nau e ISER.1998.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** UERJ, 2001. Disponível em: [http://www.ines.org.br/paginas/revista/A%20bordag%20\\_etnogr\\_para%20Monica.htm](http://www.ines.org.br/paginas/revista/A%20bordag%20_etnogr_para%20Monica.htm). Acesso 21 abr. 2006.

MEAD, George Herbert. **The Philosophy of the Act.** Chicago: University of Chicago Press, 1938.

MEAD, G.H. **Espiritu, persona y sociedad.** Buenos Aires, Paidos, 1953.

MELUCCI, Alberto. Getting involved: identity and mobilization in social movements. **International Social Movement Research**, n. 1, p. 329-348, 1988.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação.** Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N ° 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 N ° 6. Tradução de Angelina Teixeira Peralva. Publicado em: Revista Young. Estocolmo: v. 4, n° 2, 1996, p. 3-14. Disponível em: [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE05\\_6\\_03\\_ALBERTO\\_MELUCCI.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_03_ALBERTO_MELUCCI.pdf).> Acesso: 10 dez. 2006.

MIGUEL, Luis Felipe. 3-D political representation: elements for an amplified theory of political representation. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 18, n. 51, 2003. Access on: 30 Jan 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza [et al.]. **Fala, galera: juventude, violência e cidadania no Rio de Janeiro.** Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Fundação Ford, Fundação Oswaldo Cruz e Garamond, 1999.

MINAYO, M. C. & SOUZA E. R. Violência para todos. **Cad. Saúde Pública**, 9: 65-78, 1993.

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. **Política Nacional de Promoção da Saúde.** 2006.

MENDES, Maria Isabel & EUGÊNIO, Fernanda (Org.) **Culturas Jovens: Novos Mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Zalar, 2006.

NOVAES, R. **Jovem brasileiro, quem é ele? Palestra no evento Juventude, participação e cidadania: que papo é esse?** IBASE, 2007. Disponível em: [http://www.multirio.rj.gov.br/sec21/chave\\_artigo.asp?cod\\_artigo=3189](http://www.multirio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=3189),. Acesso 10 jan. 2008.

MONTEIRO, D.R., PERES, S.G.O. Espaço do adolescente. In: ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA (Brasil). **Práticas de educação em saúde: programa de assistência integral à saúde da mulher.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ,1992.

RUA, Maria das Graças. As políticas públicas e a juventude dos anos 90. In: **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas – 2 v.** Brasília: CNPD, 1998. pp 731-752.

SAINSAULIEU, R. **L'Identité au Travail**, Paris: Presses de la PNSP. 1977.

SCHUTZ, Alfred. **The Problem of Rationality in the Social World.** New York: Economica, 1943.

SCHUTZ, Alfred. **The phenomenology of the social world.** Evanston, Northwestern University Press, 1932.

SCIENCE ET ALII. **Pesquisa Sócio-Econômica das Comunidades de Baixa Renda.** Rio de Janeiro: Janeiro, 1998 a Janeiro, 1999. (Resultados da Pesquisa de Domicílios)

SOARES, C. B.; ÁVILA, L. K. & SALVETTI, M. G., Vulnerabilidade de adolescentes no SILOS Butantã. **Saúde e Sociedade**, 7:63-82, 1998.

SOUZA, Nelson Rosário de. A esquerda militante. Entre o engajamento pastoral e os revides locais. **Revista de Sociologia e Política.** Curitiba, nº 12, jun, 1999. pp. 131 -146.

SPOSITO, Marilia Pontes; CARRANO, Paulo. Juventud y politicas publicas en Brasil. In: **Políticas publicas de juventud en America Latina. Políticas nacionales.** Viña del Mar: Centro de Investigación y Difusión Poblacional de Achupallas – CIDPA, jul. 2003 [2003]. p. 265-303.

SPOSITO, Marilia Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, núm.13, 2000.

SPOSITO, Marilia Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, maio-dez, p.37-52, 1997.

STRAUSS, Anselm. **Espelhos e Mascarás: A Busca da Identidade**. São Paulo, Edusp, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Tropiques**. Hutchinson Publishing Group LTD, 1964.

TEJERINA, Benjamín et al . The movement for global justice in Spain: its activists, their political identity and the cartography of alter-globalisation. **Soc. estado.**, Brasília, v. 21, n.1, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922006000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922006000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 24 Apr. 2008.

TRIVINOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1992.

UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). **Aids e Jovens**. Jorge Werthein. Disponível em: <[http://www.unesco.org.br/areas/educacao/educacaosaude/educacao\\_preventiva/temas/jovens/jovens/mostra\\_documento](http://www.unesco.org.br/areas/educacao/educacaosaude/educacao_preventiva/temas/jovens/jovens/mostra_documento) > Acesso em: 10 mar. 2006.

VALLA, Victor Vincent. Popular education, community health, and social support in a context of globalization. **Cad. Saúde Pública**, 1999, vol.15 supl.2, p.S7-S14.

VASCONCELOS, Eduardo M. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar: Epistemologia e Metodologia Operativa**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2002.

VASCONCELOS, Isabella Freitas Gouveia de & CRUBELLATE, João Marcelo. **A (Des)Construção Social da Identidade: Mudanças no Trabalho e suas Implicações para a Identidade do “Trabalhador Reflexivo”**. Track: Organizational Behavior and Human Resources Management. EAESP-FGV. Disponível em: [http://www.fgvsp.br/iberoamerican/Papers/0347\\_Desconstrucao%20da%20Identidade%20-%20IBERO2003.pdf](http://www.fgvsp.br/iberoamerican/Papers/0347_Desconstrucao%20da%20Identidade%20-%20IBERO2003.pdf) . Acesso em: 23 de fev. 2008.

VELHO, Gilberto. Memória. Identidade. **Projeto**. In Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. (org.). *Desvio e divergência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. **Projeto e Metamorfose**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994..

WACQUANT, L. **Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada**. Rio de Janeiro. Editora Revan; Fase. 2001.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência III: os jovens do Brasil: juventude, violência e cidadania.** Brasília, DF: UNESCO; Instituto Ayrton Senna, 2002.

WEBER, Max. **Economy and Society.** New York: Bedminster Press, 1921 (1967,1978).

ZALUAR, A. Teleguiados e chefes: juventude e crime. **Religião e Soc.**, 15: 54-67, 1990.

## ANEXOS

## **ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA**

### **Trajatória dos jovens:**

- Me interessa saber o que na sua vida foi importante para você entrar no movimento de sua comunidade. Por favor me conte a história de como isto aconteceu, começando pela primeira coisa que se lembra que te marcou e que teve o impacto de te despertar para as questões comunitárias, sociais. Me conte das pessoas e experiências que foram importantes neste sentido, na ordem que aconteceram.
- Quais as atividades na comunidade que você participa? Nestas, onde há a participação de um grupo? São sempre as mesmas pessoas? Quem participa de que atividade?
- O que faz em cada um?
- Qual a que te dá mais prazer?
- Qual acha mais importante? Por quê?
- Quais os lugares que você passou a freqüentar quando entrou para estes movimentos?
- Qual tem mais sucesso? Mobiliza mais os jovens? Outras pessoas? Por quê?
- O que aprendeu de mais importante?
- Como sua participação na Rede tem repercutido na sua vida?
- Quem conheceu que teve impacto na sua vida? (citar nome) O que aprendeu?
- Como sua vida mudou com a participação nestes movimentos?
- Seu projeto de vida mudou?

### **Atuação/participação**

- Por que você decidiu participar da Rede?
- O que você já aprendeu nas reuniões?
- Tem alguma coisa que você fez na sua comunidade porque ouviu alguém relatar na reunião da Rede?
- Você fez alguma amizade lá? Com quem? Como foi?
- Alguém da Rede já visitou sua comunidade?
- Vocês já fizeram alguma parceria com alguém da Rede? Você já buscou ajuda de alguém da Rede?
- Quais são as estratégias utilizadas no trabalho com os jovens?
- Você poderia me dizer como iniciou seu trabalho na comunidade? Como iniciou suas ações?
- Como é a participação dos jovens na Rede?
- Como descreveria sua participação na Rede? O que faz? O que já fez?
- O que mais gosta das reuniões? O que menos gosta?
- Que informações/ações levou para a comunidade a partir de sua participação na Rede?

### **Mobilização jovens**

- Quais questões dos jovens em geral já foram levadas a Rede?
- Quais você se lembra que foram discutidas ou comentadas?
- O que a Rede oferece aos jovens? Quais projetos na Rede têm a participação dos jovens? Quais projetos são direcionados especialmente para eles?
- Você poderia descrever alguma situação de mobilização dos jovens na Rede?

- De que forma os jovens da comunidade poderiam ser mobilizados a participarem da Rede?
- Me conta um dos momentos mais importantes que já teve na Rede? Sobre um dia/ocasião em que foi marcante Rede?

### **Potencialidades**

- Como você avalia as reuniões da Rede?
- Como você se relaciona com as pessoas da Rede?
- Que lideranças você conhece na Rede? Que trabalhos desenvolvem?
- Com que liderança você mais se identifica? Por quê?
- Alguma liderança te influenciou a fazer alguma coisa?
- Alguma liderança da Rede te ajudou?
- Quem te reconhece como liderança?
- Você já apresentou algum trabalho na Rede?
- Você tem contato com alguma liderança em outros espaços? Quais espaços?

## **ANEXO 2 - CONSENTIMENTO INFORMADO**

A presente pesquisa está sendo desenvolvida por Patrícia Cabral Williams no curso de mestrado. Você foi convidado a participar desse estudo.

O projeto investiga, a participação de jovens na Rede de Comunidades Saudáveis. A entrevista é na verdade uma conversa, onde não existem respostas certas nem erradas.

Esta entrevista será gravada, transcrita e a transcrição passada para o computador, depois disso, a gravação será apagada. As informações serão confidenciais, mas o entrevistado poderá ver os resultados da pesquisa. Os resultados serão apresentados de maneira geral em eventos científicos, escritos em livros e artigos sem identificação do entrevistado. É garantido ao participante o sigilo dos dados, os nomes serão trocados para que você não seja identificado.

Sua participação nessa pesquisa não te oferecerá nenhum risco. O benefício possível para você é que em geral conversar sobre nossa vida nos faz bem. Nos ajuda a pensar sobre algumas questões.

Caso o entrevistado queira terá liberdade para apagar qualquer informação prestada, não sendo prejudicado em momento nenhum por isso. Pode interromper a entrevista quando quiser, deixar de responder a qualquer pergunta, pedir para não gravar qualquer coisa.

Você entendeu o que expliquei ou tem alguma pergunta?

Eu, \_\_\_\_\_, após ter recebido todos os esclarecimentos possíveis da pesquisa, concordo em participar desta.

Local:

Data: \_\_/\_\_/\_\_

Assinatura:

### **ANEXO 3 - FICHA SÓCIO-DEMOGRÁFICA**

Nome do entrevistado:

Nome pelo qual é conhecido:

Endereço:

Comunidade:

Município:

Telefone para contato:

Local e data de nascimento:

Sexo:

Ocupação:

Local de emprego/trabalho:

Tem carteira assinada?

Estudou até que série?

Mora com quem? (parentesco e havendo filhos, idades):

Quem contribui para a renda familiar?

Ocupação destas pessoas?

Religião da família de origem:

Religião atual:

É praticante?

Que aparelhos eletrodomésticos e eletrônicos existem na sua casa? (quantidade de cada)

Raça/etnia:

Participação em movimento social: ( ) Não ( ) Sim

Nome organização/entidade:

Cargo:

Data de início de participação:

## **ANEXO 4 - PROGRAMA: FALA COMUNIDADE JOVEM**

### **Fala, Comunidade! Jovem.**

Um momento de capacitação, outro de debate, mesas-redondas, um programa de auditório com esquetes, danças, show... Esse é o formato do Fala, Comunidade Jovem! Construído por um grupo de jovens integrantes de projetos realizados pelo Cedaps e jovens indicados por lideranças da Rede de Comunidades Saudáveis. A programação, bem diversificada, quer discutir os avanços e os desafios do trabalho de prevenção desenvolvido com, para e por jovens.

Confira o que vai rolar:

9h – Mesa de Abertura: boas vindas aos participantes

- Assessoria de DST/Aids do Estado de RJ
- Viviane Castello Branco – Assessoria de Promoção da Saúde/SMS/RJ
- Fransérgio Goulart – CEDAPS
- Mauro Lima – Rede de Comunidades Saudáveis/rj
- Mário Volpi – UNICEF
- Taís Zimbabwe – Conselho Nacional de Juventude

Coordenação: Daiane Joana de Mattos – Clube de Adolescente do Morro do Alemão/RCS.

10h – 11h – Vulnerabilidade dos jovens frente às DST/HIV/Aids, políticas e estratégia de enfrentamento.

- Maria Asunción Sole Pla – Assessoria de DST/Aids do Estado do RJ.
- Cazu Barros – Federação de Bandeirantes do Brasil

Coordenação: Mariana Gomes – Parque Prazeres

11h – 12h- Efeitos do vírus da Aids no organismo, Medicação Anti-Retroviral e Vacinas.

- Juan Carlos Raxach – ABIA
- Fabio Souza – Jovem Vivendo com HIV/Aids.
- Narda Tebet – Centro de Testagem e Aconselhamento e Projeto Praça XI

Coordenação: Wallace Orlando – Clube de Adolescente do Morro do Alemão.

12h – 13h – Trabalho dos, para e com jovens: desafios, experiências, preconceitos e sucessos.

- Sonia Regina Gonçalves – AMAMU/RCS
- Diogo Mota – Jovem Ativista do PSPE/RJ
- Janice Delfin – Clube de Jovem dos Prazeres/RCS

Coordenação: Wagner Ramos – Codecim/RCS

13h – 14h – Almoço

14h – 16h – Fala, Jovem!: Discussão sobre as múltiplas vulnerabilidades

- Esquetes de teatro, clipes, poesia e filmes (dinamização e entrevistas de Cadu e Júnior), dança: Os Playboys (bonde de funk); Fábio Fernandes
  - Convidados: Kakau Moraes (Prec@Vida/RCS), Antonio Futuro (Núcleo Jovem da UERJ/ONG Criança Rio)

16h – 17:30h – Movimentos da sociedade civil e políticas públicas.

- Gilmar Santos – Fórum de Juventudes do RJ
- Carla Romão – Marcha Mundial das Mulheres
- Janaina (Re. Fem) – Movimento Negro
- Julio Moreira – Movimento GLBT
- Marta Bandeira – Comissão de Juventude da ALERJ
- Patrícia Lanês – Conselho Nacional de Juventudes

Coordenação: Geraldo Junio (Prec@Vida/RCS)

17:30 h – Apresentação Cultural e Encerramento – Janaína Re. Fem e Grupo.